

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Roberta Guimarães Peres

Diferenciais por sexo no Retorno Migratório:
o fluxo Criciúma – Estados Unidos - Criciúma

Dissertação de Mestrado

Fevereiro de 2006

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH – UNICAMP

Peres, Roberta Guimarães

P415d Diferenciais por sexo no retorno migratório : o fluxo
Criciúma – Estados Unidos – Criciúma / Roberta
Guimarães Peres. - - Campinas, SP: [s.n.], 2006.

**Orientador: Rosana Baeninger.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

**Título em inglês: The gender differences about migration: the case of
Criciúma – Estados Unidos - Criciúma**

**Palavras-chave em inglês (Keywords): Demography
International migration
United States – Migration -
Brazil**

Área de concentração: Migração internacional

Titulação: Mestrado em Demografia

**Banca
examinadora: Prof^ª. Dr^ª. Rosana Baeninger (orientadora)
Prof^ª. Dr^ª. Elizabeth Doria Bilac
Prof. Dr. Wilson Fusco**

Data da defesa: 15 de fevereiro de 2006.

Programa de Pós-Graduação: Pós-graduação em Demografia

C
R-05

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

**Diferenciais por sexo no Retorno Migratório:
o fluxo Criciúma – Estados Unidos - Criciúma**

Roberta Guimarães Peres

Dissertação de Mestrado em Demografia
apresentada ao Departamento de Demografia
do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
da Universidade Estadual de Campinas, sob
a orientação da Prof^a. Dr^a. Rosana
Baeninger

Este exemplar corresponde à versão final
da dissertação apresentada à banca
em 15 de fevereiro de 2006.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Rosana Baeninger (orientadora)



Prof. Dr. Wilson Fusco

Prof^a. Dr^a. Elizabeth Doria Bilac



Prof^a. Dr^a. Maria Silvia Bassanezzi (suplente)

Prof. Dr. Sidney Silva (suplente)

Fevereiro de 2006
Campinas, SP

91300070P

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO 1 – Em busca de dados: a realização dos surveys em cidades de origem dos fluxos migratórios de brasileiros para o exterior.....	12
1.1 – Criciúma e Maringá: Dois pontos de partida de brasileiros para o exterior.....	13
1.2 – Os Surveys em Criciúma e Maringá	16
1.3 – Recorte desta dissertação	22
CAPÍTULO 2 – BRASILEIROS NOS ESTADOS UNIDOS: UM PANORAMA DA PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA NACIONAL.....	35
2.1 – Estudos sobre brasileiros nos Estados Unidos.....	37
2.2 – O fluxo migratório ganha força: onde estão as mulheres?.....	43
2.3 – Algumas considerações sobre o retorno migratório.....	60
Capítulo 3 – Evidências empíricas do caso de Criciúma.....	64
3.1 – Perfil da amostra de Criciúma.....	65
3.2 – A população migrante retornada: características gerais.....	74
3.3 – Possíveis condicionamentos do retorno migratório.....	83
3.3.1 – Situação ocupacional.....	83
3.3.2 – Nupcialidade.....	99
3.3.3 – Presença de filhos.....	104
Considerações finais.....	111
Referências bibliográficas.....	123

LISTA DE TABELAS, GRÁFICOS E QUADROS

TABELA 1 – Ano da primeira viagem de emigrantes brasileiros ao exterior, segundo o sexo. Criciúma, 2001.....	67
TABELA 2 – População migrante segundo acompanhante na primeira viagem, por sexo. Criciúma, 2001.....	68
TABELA 3 – População migrante e remessas financeiras ao país de origem, segundo o sexo. Criciúma, 2001.....	70
TABELA 4 – População migrante por grupos de idade, segundo o sexo, na primeira viagem ao exterior. Criciúma, 2001.....	72
TABELA 5 – População migrante por condição no domicílio, segundo o sexo. Criciúma, 2001.....	73
TABELA 6 – População migrante retornada por grupos de idade ao migrar, segundo o sexo. Criciúma, 2001.....	75
TABELA 7 – População migrante retornada por ano da primeira viagem ao exterior, segundo o sexo. Criciúma, 2001.....	76
TABELA 8 – População migrante retornada por condição no domicílio, segundo o sexo. Criciúma, 2001.....	77
TABELA 9 – População migrante retornada segundo acompanhante na primeira viagem, por sexo. Criciúma, 2001.....	78
TABELA 10 – População migrante retornada de acordo com a fonte de recursos financeiros, de hospedagem e emprego em sua primeira viagem ao exterior, segundo o sexo. Criciúma, 2001.....	79
TABELA 11 – População migrante retornada segundo escolaridade, por sexo. Criciúma, 2001.....	85
TABELA 12 – População migrante masculina retornada segundo ocupação exercida no Brasil antes de migrar. Criciúma, 2001.....	87
TABELA 13 – População migrante feminina retornada segundo ocupação exercida no Brasil antes de migrar. Criciúma, 2001.....	88
TABELA 14 – População migrante retornada segundo ocupação exercida nos Estados Unidos, segundo o sexo. Criciúma, 2001.....	90
TABELA 15 – População migrante masculina retornada segundo ocupação exercida no Brasil após o retorno migratório. Criciúma, 2001.....	93
TABELA 16 – População migrante feminina retornada segundo ocupação exercida no Brasil após o retorno migratório. Criciúma, 2001.....	94
TABELA 17 – População migrante retornada segundo estado civil no momento da primeira viagem ao exterior, segundo o sexo. Criciúma, 2001.....	101
TABELA 18 – População migrante retornada segundo estado civil no momento da pesquisa de campo, segundo o sexo. Criciúma, 2001.....	102
GRÁFICO 1 – Ano da primeira viagem de emigrantes brasileiros ao exterior segundo o sexo. Criciúma, 2001.....	66

GRÁFICO 2 – Migrantes retornados segundo quantidade de filhos. Criciúma, 2001.....	109
QUADRO 1 – Possíveis condicionantes do retorno migratório dos Estados Unidos para Criciúma. Homens. Criciúma, 2001.....	116
QUADRO 2 – Possíveis condicionantes do retorno migratório dos Estados Unidos para Criciúma. Mulheres. Criciúma, 2001.....	118

*“Quando vim da minha terra,
não vim, perdi-me no espaço,
na ilusão de ter saído.
Ai de mim, nunca saí.
Lá estou eu, enterrado
por baixo de falas mansas,
por baixo de negras sombras,
por baixo de lavras de ouro,
por baixo de gerações,
por baixo, eu sei, de mim mesmo,
este vivente enganado,
enganoso.”*

(Trecho de *A Ilusão do Migrante*, de Carlos Drummond de Andrade)

A Maria Alice e Roberto Peres

Agradecimentos

Registro meus agradecimentos a **CAPES**, por financiar o meu segundo ano no curso de Mestrado em Demografia.

Agradeço à **Rosana Baeninger**, minha orientadora, por tanta dedicação, atenção, paciência (são tantas inseguranças...), carinho, entusiasmo e palavras de incentivo.

À **Teresa Sales**, co-orientadora dessa dissertação, por sempre participar da minha vida acadêmica, desde a iniciação científica.

A todos os funcionários da pós-graduação do IFCH e do NEPO, em especial à **Ivonete**, sempre pronta a ajudar com o maior bom humor.

A **Beth Bilac**, que tanto colaborou para este trabalho, tanto na disciplina de metodologia, quanto nos seminários da pós-graduação e principalmente na qualificação dessa dissertação.

A **Wilson Fusco**, amigo querido, chefe, que tanto me apoiou em tudo o que eu me arrisquei a fazer, desde o meu primeiro dia no NEPO.

A **Maria Alice e Roberto Peres**, meus pais, por todo o apoio desde sempre, por acreditarem em mim e por me proporcionarem uma convivência tão carinhosa, tão próxima. “*Se todos fossem iguais a você...*”

A **Lucas Peres**, meu irmão querido, tão distante e ao mesmo tempo tão próximo de mim.

À **Aiê**, por todos os mimos e orações desde sempre.

À querida **Babi**, amiga de todas as horas, de todos os anos desde a graduação, de tantas aventuras, de tantas histórias. “*Duas velhinhas muito bonitas, Mariana e Marina...*”

Ao **Ale**, amigo querido, também companheiro de horas divertidíssimas e memoráveis em Campinas.

À coorte de 2004 da Demografia, em especial à **Claudia** e ao **Luciano**, que tornaram provas, laboratórios e fichamentos, além de mais proveitosos, muito mais divertidos.

À Leila por todo o carinho e ajuda importantíssima e a todas as meninas com as quais eu já dividi casa (e foram muitas), mas em especial à turma de 2005: **Ana Claudia, Carol Câmara, Carol Stampone, Clíssia, Fer, Karina, Moema, Priscila, Thaís e Fabiana** (que nunca deixou de ser moradora da nossa casa...). Amigas queridas, obrigada pela convivência diária sempre tão alegre e tão carinhosa e por me aturarem principalmente no ano de elaboração desse trabalho.

A **Taciana e Isabel**, por me hospedarem tantas noites.

Ao “pessoal de Santos”, por encherem de música e risadas os meus fins de semana: **Aninha, Fê, Gui, Helinho, Ju e Sá**.

Ao **Coral Municipal Zanzalá de Cubatão**, em especial à regente **Maria Fernanda dos Santos Tavares** e sua assistente, **Renata Cabral**, por me manterem em contato com a música vocal e por tolerarem as minhas ausências em função dessa dissertação.

Ao clã **Morozetti, Sonia, Roberta** e em especial ao **Rodrigo**, amigo querido que foi também o responsável pelas ilustrações desse trabalho.

Ao **Vandré**, que mesmo aparecendo na minha vida há apenas alguns meses, foi de grande importância na reta final do mestrado.

Introdução

A partir de meados da década de 80, o Brasil assiste a um novo fenômeno da sua população: a saída de brasileiros em direção a países desenvolvidos é uma nova face do cenário migratório brasileiro (Sales, 1999). Até meados do século XX, o Brasil foi tradicionalmente um país receptor de migrantes (Patarra & Baeninger, 1995). Desde então, muitos brasileiros têm se arriscado em projetos migratórios internacionais, rumo, principalmente, aos Estados Unidos, Canadá, Europa e Japão (Sales, 1999). Não significa, porém, que houve uma inversão do papel do Brasil no panorama migratório mundial. Não passamos de receptores a exportadores de mão de obra. No contexto das novas migrações internacionais, temos recebido também migrantes vindos de novos fluxos, como os do Peru, da Bolívia e da Coréia (Patarra, 1995).

O foco deste trabalho será, no entanto, o fluxo de brasileiros em direção aos Estados Unidos tratando, mais precisamente, da questão do retorno migratório. De acordo com Sayad (2000), o retorno é parte constituinte da condição do imigrante e faz parte da trajetória migratória antes mesmo do início de todo o processo.

O fluxo de brasileiros para os Estados Unidos se apresenta já como um fenômeno duradouro da população brasileira, com mais de 20 anos de história (Sales, 1999). Dessa forma, muitas transformações ocorreram, o que abriu um leque extenso de possibilidades de análise que seguem da antropologia (Assis, 1995; 2004) passando pela sociologia (Sales, 1999; Martes, 1999), pela política (Monteiro, 1997), pela economia (Scudeler, 1999) e pela demografia (Fusco, 2005). Muitas faces desse fenômeno da nossa população têm sido exploradas pelos pesquisadores desde a última década do século XX. Coube a nós, no entanto, realizar um recorte desse objeto que avançasse no sentido de contribuição para essas análises. O retorno migratório do fluxo que parte da cidade de Criciúma –

Santa Catarina em direção aos Estados Unidos será, portanto, o recorte desta dissertação.

Ainda que a análise dos fenômenos migratórios tenha avançado e se tornado cada vez mais incrementada através dessa interdisciplinaridade, há ainda aspectos pouco explorados pelos pesquisadores. Os diferenciais por sexo muitas vezes não são levados em consideração ao longo da análise do fenômeno sob diferentes perspectivas. A crítica internacional (Pessar, 1999; Boyd, 1998) chama a atenção para o fato de que homens e mulheres se inserem de maneiras distintas nas correntes migratórias e que esses diferenciais apontam para novas hipóteses em diferentes campos da migração internacional.

O indivíduo migrante classificado e analisado sempre como sendo do sexo masculino acaba não trazendo à tona nas análises esses diferenciais. Segundo Pessar (1999) esses diferenciais não só existem como também interferem em todo o processo: transformações nas relações de trabalho e dentro das famílias migrantes, se observadas por essa perspectiva, ganham um novo significado e os impactos dessas transformações vêm à tona levantando questões que não seriam levadas em conta pelos pesquisadores se não fosse a análise a partir desses diferenciais, como a questão da perda de autonomia masculina e o “empoderamento” feminino ao longo da trajetória migratória (Pessar, 1999; Boyd, 1998; Piselli, 1998).

Dessa forma, trataremos, então, dos diferenciais por sexo no retorno migratório do fluxo Criciúma – Estados Unidos – Criciúma e procuraremos aprofundar questões como: de que maneira se deu a trajetória migratória desse grupo? Em quê ele difere daqueles que permanecem no exterior? Quais as possíveis variáveis condicionantes desse retorno migratório? Por que mudanças passam esses migrantes ao longo do projeto?

Para tanto, utilizaremos uma pesquisa de campo realizada na cidade de Criciúma – Santa Catarina, em 2001, descrita no capítulo 1 desta dissertação. O

capítulo 2 tratará de uma revisão da produção bibliográfica nacional sobre brasileiros nos Estados Unidos, destacando estudos que considerem os diferenciais por sexo no fenômeno migratório internacional. Finalmente, o capítulo 3 tratará da análise dos dados referentes à pesquisa realizada em Criciúma e dos diferenciais por sexo no retorno migratório, cotejando com a bibliografia internacional que enfatiza elementos condicionantes do retorno.

CAPÍTULO 1 – Em busca de dados: a realização dos surveys em cidades de origem dos fluxos migratórios de brasileiros para o exterior

Os dados utilizados nessa dissertação são fruto de um *survey* realizado nas cidades de Criciúma e Maringá, nos Estados de Santa Catarina e Paraná, respectivamente, entre junho e agosto de 2001.

O projeto *As redes sociais nas migrações internacionais: Os migrantes brasileiros para os Estados Unidos e o Japão* foi coordenado, pela Prof^a Dr^a Teresa Sales no período de 2000 a 2004, financiado pela FAPESP, e contou com a participação de alunos de graduação¹ e pós-graduação² do IFCH/UNICAMP que acabaram utilizando, de formas distintas como veremos adiante, os dados levantados por essa pesquisa.

O objetivo desse capítulo primeiro é justamente descrever como foi realizada essa pesquisa em todas as suas etapas, bem como percorrer os trabalhos que dela derivaram e definir os dados que serão utilizados nessa dissertação.

A escassez de dados disponíveis por parte das instituições governamentais sobre brasileiros no exterior e o caráter indocumentado de grande parte do grupo migrante (principalmente os que se dirigem aos Estados Unidos) tornam fundamental a realização de *surveys* como estes, para que se consiga traçar um perfil dos fluxos migratórios a partir dos pontos de origem no território nacional, possibilitando fontes de dados sobre o tema.

O objetivo geral do projeto que permitiu a realização desses *surveys* era a análise do comportamento das redes de migração nas cidades que surgiam, então,

¹ Roberta Guimarães Peres foi bolsista IC (Iniciação Científica), com bolsa CNPq, no período de março de 2001 a março de 2004.

² ASSIS, G. “De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros”. Tese de Doutorado defendida na Universidade Estadual de Campinas, 2004;

FUSCO, W. “Capital Cordial: a reciprocidade entre os imigrantes brasileiros nos Estados Unidos” Tese de Doutorado defendida na Universidade Estadual de Campinas, 2005.

HIRANO, F. Y. “O Caminho para casa: o retorno dos dekasseguis”. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Estadual de Campinas, 2005.

como novos pontos de partida para a emigração: como se configuram, qual a densidade e qual a influência dessas redes tanto nos pontos de origem como de destino. Os objetivos específicos acabaram por abrir um leque de possibilidades de análise, por se tratar de um projeto interdisciplinar que contava com variadas etapas. O objetivo específico primeiro era justamente a realização do *survey*, a fim da formação de um banco de dados³ sobre migrantes brasileiros a partir dos pontos de partida – Criciúma – Santa Catarina e Maringá – Paraná. O projeto ainda tinha por objetivos a realização de pesquisas qualitativas tanto nos Estados Unidos quanto no Japão, a análise das redes sociais identificadas tanto no *survey* quanto na pesquisa qualitativa e o traço do perfil sócio-demográfico do grupo migrante.

1.1 Criciúma e Maringá: dois pontos de partida de brasileiros para o exterior

A escolha dessas duas localidades se deve, no âmbito do projeto de pesquisa, no caso de Criciúma, à significativa concentração de migrantes que partiam da região em direção aos Estados Unidos, apontada no trabalho de Braga (In: Reis & Sales, 1999) e em dados de uma pesquisa de campo preliminar realizada por Assis (1998). No caso de Maringá, o critério para a escolha da cidade foi a presença significativa de descendentes de japoneses trabalhando no Japão, revelada pelas remessas desses emigrantes que dinamizaram o mercado imobiliário da cidade.⁴

A virada do século XIX para o século XX foi marcada pela intensa chegada de imigrantes, principalmente europeus, no Brasil (Bassanezi, 1994). O sul do país, particularmente, foi destino de um grande contingente em grande parte de alemães e italianos. O Estado de Santa Catarina foi o que mais recebeu famílias italianas, que a princípio se instalaram nas colônias fundadas pelos alemães, e, mais tarde,

³ O banco de dados resultante da pesquisa *As redes sociais nas migrações internacionais: Os migrantes brasileiros para os Estados Unidos e o Japão* está disponível para consulta no NEPO/UNICAMP.

⁴ Veja-se o Relatório de Pesquisa “As redes sociais nas migrações internacionais: novos migrantes brasileiros nos Estados Unidos e no Japão”, do período de 2000 a 2004.

dirigiram-se para o sul do Estado, onde fundaram outras colônias, que prosperaram através de atividades ligadas à agricultura e posteriormente tornaram-se cidades. Uma dessas colônias foi Criciúma (Assis, 2004).

Todo esse processo se estendeu até o início da segunda década do século XX, quando começa a ser explorado o carvão, fato que mudaria completamente a vida econômica da região. A partir de 1913, a exploração do carvão fez com que a cidade crescesse e se tornasse centro urbano de referência no sul do Estado. A mineração, então, passa a fazer parte da história da cidade e já em meados dos anos 20 era base do desenvolvimento não só da cidade de Criciúma, mas de toda a região (Assis, 2004).

Essa fase próspera seguiu até meados dos anos 80, quando o setor carbonífero dava sinais de uma crise que se agravaria junto com todos os outros setores da economia brasileira até o governo Collor, já nos anos 90. Assim, com a associação dessas duas crises, a região pára de crescer, o desemprego aumenta, o poder aquisitivo diminui. Sales (1999) define o momento de início dos fluxos migratórios de brasileiros para o exterior, a partir da crise econômica da década 80:

“As migrações recentes de brasileiros para os Estados Unidos, Japão, Portugal, Itália e até para o Paraguai, são o retrato de um Brasil que, se na passagem do século passado e primeiras décadas do atual recebia imigrantes que para cá trouxeram o seu legado de técnica e cultura, agora, na passagem para um novo século, começa a exportar o que há de melhor em seu território, que é sua própria população – mulheres e homens jovens, nos quais o nosso (embora precário) welfare state investiu em educação e saúde e que, no momento mais precioso de suas vidas, vão realizar alhures um trabalho geralmente aquém de sua qualificação profissional” (Sales, 1999 : 14).

Nessa crise, a migração representou uma saída para uma parcela significativa da população (Goza, 1992). Uma alternativa para a emigração de descendentes de

italianos foi o pedido de dupla cidadania através do consulado italiano. Esses descendentes, com o passaporte em mãos, arriscaram-se no projeto migratório e começaram, no entanto, em meados dos anos 90, a usar a cidadania européia para entrar com mais facilidade e segurança nos Estados Unidos, onde o dólar, moeda forte, tinha uma melhor cotação em relação às moedas européias, mas principalmente em relação ao real (Assis, 2004).

Mesmo entrando nos Estados Unidos com o passaporte italiano, permaneceram no país, ilegalmente, depois do prazo de expiração de seus vistos de entrada. Tem início, então, o processo que resultaria no fluxo que observamos atualmente na cidade. As redes sociais começam a ser tecidas por esse grupo que se arriscou num primeiro momento e que serve de referência para os migrantes do fim do século XX (Assis, 2004).

Já no caso da cidade de Maringá há uma relação um tanto diferenciada com o fenômeno migratório se compararmos com a cidade de Criciúma. Com a expansão da produção do café, que contou com grande participação de mão de obra migrante (em especial os japoneses), fazendeiros paulistas deram início à colonização da região norte do Paraná. A presença de japoneses no norte do Estado tem seu primeiro registro em 1914, mas foi a partir de 1925 que se intensificou a chegada de japoneses nessa região (Sasaki, 2000).

Superado o ciclo do café, a produção na região se diversificou, com destaque para o cultivo de soja, algodão e milho. Essa abertura da produção da agrícola impulsionou o crescimento da cidade de Maringá, atraindo população e investimentos. O gradativo processo de mecanização do campo, no entanto, provocou um forte êxodo rural.

Concomitantemente, em 1990, é promulgada no Japão a nova Lei de Migração, que permite que descendentes de japoneses façam o caminho inverso que fizeram seus pais e avós, constituindo um fluxo migratório de trabalhadores em

direção ao Japão. Essa característica é justamente a principal que distingue o fluxo de *dekasseguis*⁵ de todos os outros de brasileiros para o exterior que, de uma forma geral, são profundamente marcados pela condição de ilegalidade e clandestinidade (Sales, 1999).

Os fluxos internacionais de brasileiros que tiveram origem nessas duas cidades são bastante distintos, mas guardam relações com suas trajetórias de formação e ocupação dessas localidades. Os métodos para a realização da pesquisa nas duas cidades foram também distintos. O *survey* que, entre outros trabalhos, deu origem a essa dissertação, é descrito a seguir em todas as suas etapas.

1.2 Os *surveys* em Criciúma e Maringá⁶

A pesquisa de campo foi realizada, nas duas cidades, em duas etapas e em cada uma delas foi aplicado um modelo diferente de questionário, em anexo ao final deste capítulo.

A primeira etapa tinha por finalidade a realização de um levantamento preliminar dos domicílios em que pelo menos um integrante tivesse experiência migratória internacional, podendo variar o seu status de presença entre ausente no exterior ou presente retornado. Através dos setores censitários, os entrevistadores percorriam as residências de acordo com um sorteio realizado por um pacote estatístico. Dessa maneira, a amostra aleatória dessa primeira etapa na pesquisa de campo em Criciúma – SC revelou que 3,2% da população total da cidade tinham experiência migratória.⁷

⁵ A palavra japonesa *dekassegui* significa *trabalhar fora de casa*. Dessa maneira, os descendentes de japoneses que têm o Japão como destino na trajetória migratória, para trabalhar como mão de obra barata e não qualificada são chamados de *dekasseguis* (Sasaki, 1998).

⁶ Veja-se o Relatório de Pesquisa “As redes sociais nas migrações internacionais: novos migrantes brasileiros nos Estados Unidos e no Japão”, do período de 2000 a 2004.

⁷ No caso de Criciúma, a margem de erro máximo era de 5,3%.

A primeira etapa da pesquisa em Maringá não contou, no entanto, com uma amostra aleatória. Dadas as características particulares do fluxo migratório em direção ao Japão (a livre entrada de descendentes de japoneses no país) foi realizado, como preparação para essa primeira etapa da pesquisa, um levantamento com base no catálogo telefônico da cidade, em busca de famílias descendentes de japoneses. Os domicílios em que residiam essas famílias (identificadas através do sobrenome do proprietário da linha telefônica) é que formaram a amostra. Essa primeira etapa da pesquisa em Maringá – Paraná revelou, com uma margem de erro máximo de 5%, que 25,6% da população nipo-brasileira da cidade têm experiência migratória internacional.

Terminada a primeira etapa da pesquisa de campo, foi preparado um questionário amplo, com um leque abrangente de variáveis relativas a informações básicas de todas as pessoas residentes no domicílio entrevistado - sexo, idade, condição na família (sempre em relação ao chefe do domicílio), condição de presença, escolaridade, ocupação, renda, cidade e Estado de nascimento – bem como questões especificamente elaboradas para os migrantes. Essas questões também podem ser divididas em alguns grupos: histórico migratório, com as datas de todas as viagens do migrante bem como seus destinos; variáveis relacionadas ao uso de redes, como o recebimento ou não de auxílio (por exemplo, para o primeiro emprego no exterior e de que forma se deu esse auxílio).

O mesmo questionário foi aplicado nas duas cidades, o que facilitou a comparação entre os fluxos de brasileiros para os Estados Unidos partindo de Criciúma – Santa Catarina, e de brasileiros partindo de Maringá – Paraná rumo ao Japão.

Terminada a pesquisa de campo, foram formados bancos de dados⁸, através de dupla digitação utilizando o pacote SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), um para cada uma das cidades.

Trataremos a partir de agora exclusivamente das informações referentes ao fluxo migratório em direção aos Estados Unidos, partindo da cidade de Criciúma – SC, foco dessa dissertação. Assis (2004) e Fusco (2005) utilizaram, para atingirem seus objetivos, de formas distintas as informações disponíveis no banco de dados para Criciúma. Procuraremos definir quais e que usos foram feitos das variáveis nos dois trabalhos e, finalmente, definiremos aquelas que serão utilizadas nessa dissertação.

O principal desafio da tese de Assis (2004), segundo a própria autora,

“(...) foi fazer uma análise da emigração recente de criciumenses para o exterior, que oferecesse tanto uma descrição de como se estabeleciam as redes sociais no decorrer da migração, como também demonstrar que tais redes tecidas não eram neutras em relação ao gênero” (Assis, 2004:322).

Utilizando-se diretamente de variáveis que constam no banco de dados, a autora reconstruiu as redes sociais que ligam origem e destino no fluxo migratório que parte de Criciúma e pôde concluir que

“(...) as mulheres utilizam-se muito mais da ajuda fornecida por parentes e são elas que articulam as redes entre os demais domicílios. As mulheres viajam acompanhadas, na sua maioria, pelos cônjuges, em seguida dos filhos, depois pais e irmãos. Quando chegam ao destino, são os parentes que fornecem hospedagem e a ajuda para o primeiro emprego” (Assis, 2004:322).

⁸ É o banco de dados referente à cidade de Criciúma - SC que sustenta essa dissertação e que serviu de base também para as teses de doutorado de Assis (2004) e Fusco (2005). As informações referentes à cidade de Maringá – PR deram origem à dissertação de mestrado de Hirano (2005) e à tese de doutorado de Sasaki, ainda em andamento.

Outra informação retirada diretamente do banco de dados e utilizada por Assis (2004) diz respeito à inserção dos migrantes no mercado de trabalho. A autora pôde observar que a maioria das mulheres envolvidas nesse fluxo migratório trabalha no setor de serviços domésticos. A partir dessa informação, a autora aprofundou a análise (principalmente com base na pesquisa de campo qualitativa) e definiu para o caso brasileiro um processo para o qual a bibliografia internacional tem chamado a atenção, uma vez que este vem sendo observado cada vez mais freqüentemente no âmbito das famílias de migrantes internacionais.

A reconfiguração das relações de gênero ao longo do processo migratório é um fato que vem sendo analisado por alguns pesquisadores a partir de meados da década de 90. Trazer o gênero para o primeiro plano das análises ilumina e oferece explicações mais sofisticadas para o fenômeno migratório (Pessar, 1999; Boyd, 1998, Piselli, 1998). A entrada das mulheres em fluxos migratórios em números absolutos cada vez maiores e os impactos dessa entrada em diferentes áreas – principalmente o mercado de trabalho e a família – vêm sendo definidos por alguns autores como um “processo de empoderamento das mulheres em fluxos migratórios internacionais” (Boyd, 1996; Pessar, 1999). Assis (2004), ao analisar a inserção de homens e mulheres no mercado de trabalho do país de destino, chega à seguinte conclusão:

“Os homens, assim como as mulheres, inserem-se no mercado de trabalho secundário, basicamente no trabalho em restaurantes e na construção civil. Há uma parcela, no entanto, que se dirige para a faxina doméstica sob o comando de uma mulher, em geral, sua esposa. (...) Embora eles relatem os ganhos financeiros obtidos com o trabalho, sentem-se perdendo espaço e autoridade em relação ao que tinham no Brasil, (...) enquanto que as mulheres sentem um certo ‘empoderamento’” (Assis, 2004 : 324).

O trabalho de Assis (2004), portanto, associa os dados quantitativos (recolhidos anteriormente à pesquisa em Boston) aos dados qualitativos da pesquisa de campo nos Estados Unidos, permitindo um aprofundamento maior das análises do fenômeno, principalmente no que se refere às transformações nas relações de gênero e nas relações familiares ao longo da trajetória migratória.

Fusco (2005) trata da migração de brasileiros para os Estados Unidos a partir da comparação entre *surveys* realizados em três cidades e em dois momentos diferentes. A primeira fonte de dados foi uma pesquisa de campo realizada em Governador Valadares – Minas Gerais, sob orientação da Prof^a Dr^a Teresa Sales, 1997, que deu também origem a outros trabalhos que veremos mais adiante. As outras fontes utilizadas por Fusco (2005) são os *surveys* realizados em Criciúma – Santa Catarina e Maringá - Paraná, que descrevemos anteriormente. Entre os objetivos do autor está a análise da circulação de recursos não econômicos, como informações e favores, tão valiosos principalmente para o migrante recém chegado aos Estados Unidos. Mecanismos de reciprocidade e solidariedade constituídos através de laços de parentesco e amizade sustentam essa rede, proporcionando uma melhor análise da conexão entre origem e destino, da ampliação do movimento, da seletividade e da adaptação dos migrantes no país de destino (Fusco, 2005).

“A adaptação do imigrante na sociedade norte-americana, as características de seletividade, a ampliação do movimento migratório e a ligação tão estreita entre locais de origem e destino, são elementos que estão associados ao modo com que a comunidade migrante se organiza socialmente. Dessa forma, buscamos nas trocas de favores as respostas que nos permitiram prosseguir sobre o terreno que as teorias econômicas não alcançam” (Fusco, 2005 : 117)

Partindo, então, dos três bancos de dados, Fusco (2005) se utiliza das variáveis comuns aos três *surveys* para analisar o perfil da população entrevistada:

a dinâmica temporal dos fluxos migratórios, questões sobre qualificação e trabalho no país de destino, remessas, dinâmica migratória e adaptação no país de destino.

No primeiro tópico, perfil da população entrevistada, Fusco (2005) trata das condições de presença (ausentes, retornados, não-migrantes) e no domicílio (sempre em relação ao chefe do domicílio), além das distribuições por sexo e idade tanto da população entrevistada quanto da população total das cidades através de tabulações do censo demográfico de 2000. A seguir, tratando da dinâmica temporal, o ano de chegada ao país de destino, bem como o número de viagens realizadas, acabam por revelar o tempo de permanência no país de origem bem como a existência de uma migração de retorno e se esse retorno é ou não definitivo.

Tratando de qualificação e trabalho no país de destino, Fusco (2005) toma como indicadores a escolaridade, o conhecimento prévio do idioma estrangeiro e a atividade realizada no exterior, classificadas em grupos amplos de ocupação; as remessas são também um importante fator na análise das relações entre países de origem e destino, não apenas em relação a sua existência, mas em que fins ela é aplicada, em investimentos e/ou para manter a família no país de origem.

A dinâmica migratória, através das variáveis de locais de saída e chegada no país de destino, indica a concentração ou não dos migrantes em locais específicos. Uma rede de informações sustentada por laços de amizade ou parentesco facilita essa concentração, como se “um migrante puxasse o outro” (Assis, 2004). No caso do Japão, devido principalmente à entrada legal dos *dekasseguis* no país, os locais de destino são espalhados por todo o território, indício também de que as redes sociais não exercem o mesmo papel nos dois fluxos (Fusco, 2005).

O autor analisa ainda, através de variáveis dos bancos de dados, a adaptação do migrante no país de destino. A utilização ou não de agências de recrutamento na viagem e o recebimento ou não de auxílio para hospedagem, obtenção do primeiro emprego e recursos financeiros para a realização do projeto migratório. Fusco

(2005) busca construir uma explicação que seja distinta das teorias econômicas de migração e forneça novos parâmetros de compreensão do fenômeno migratório.

É importante dizer acerca dos dados utilizados por Fusco (2005) que ao longo do trabalho existiu a preocupação por parte do autor na realização do cruzamento da grande maioria das variáveis anteriormente citadas não apenas com o *status* de presença (ausentes ou retornados), mas também por idade e sexo.

1.3 Recorte desta dissertação

O recorte dos diferenciais por sexo, como elemento que incrementa a análise, além de estratificá-la revelando novas faces do fenômeno migratório, é o principal ponto de análise dessa dissertação, uma vez que, no âmbito do projeto maior, a diferenciação entre homens e mulheres apenas tangenciou parte das análises realizadas. A contribuição desta dissertação, portanto, se soma aos estudos sobre migração internacional que consideram este olhar dos diferenciais por sexo.

Segundo Pessar (1999), as diferenças existentes entre homens e mulheres ao longo da trajetória migratória se estendem do planejamento da viagem, dos recursos utilizados, até as perspectivas temporais do migrante, influenciando na decisão ou não por retornar ao país de origem. Os impactos de todo o processo migratório também são sofridos de modo diferencial por homens e mulheres, tanto no âmbito domiciliar, das relações familiares, como através das relações com a sociedade receptora e também com a sociedade de origem.

Dessa maneira, procuraremos tratar nessa dissertação, dos diferenciais por sexo no fluxo migratório Brasil – Estados Unidos, contemplando os migrantes retornados para Criciúma. Este recorte se faz necessário, pois o banco de dados permite captar apenas os diferenciais por sexo segundo as variáveis disponíveis,

não sendo possível a realização de uma análise mais aprofundada, que incorporasse a perspectiva de gênero. A opção pelo retorno migratório também se impõe por limitações metodológicas: na impossibilidade da realização de uma análise de migração internacional com base em dois pontos geográficos distintos – origem e destino – optamos por um recorte no tempo: antes e depois da trajetória migratória.

Considerando o retorno migratório é que se busca, neste estudo, analisar as diferentes estratégias de retorno por sexo: em que proporção retornaram; como se deu todo o processo migratório; e o que pesou na decisão de voltar.

Essas são algumas das perguntas que pretendemos aprofundar nesse trabalho, utilizando exclusivamente os dados do *survey* realizado em Criciúma – SC. É importante enfatizar o fato de que o banco que utilizaremos nessa pesquisa tem limites, sendo o principal deles o tamanho muito reduzido da amostra. Não poderemos, portanto, realizar generalizações quanto ao retorno migratório de qualquer fluxo de brasileiros para os Estados Unidos: trataremos exclusivamente dos migrantes retornados da cidade de Criciúma – Santa Catarina, buscando compreender o fenômeno migratório no âmbito do retorno em diferentes aspectos, sempre através dos diferenciais entre homens e mulheres. A limitação do banco de dados também não possibilita uma análise de gênero, que contemplaria uma perspectiva mais enriquecedora à interpretação do fenômeno migratório.

Para análise do fenômeno do retorno migratório por sexo, partiremos então de três grupos de variáveis, relativas à nupcialidade, à ocupação e à presença ou não de filhos. Segundo Pessar (1999), esses três âmbitos associados à estrutura do domicílio (tamanho da família, se migraram juntos ou, se não, quem migrou num primeiro momento, chefia, entre outras características), podem servir de indicadores de “propensão à reversibilidade”. As variáveis disponíveis no banco de dados do *survey* de Criciúma – SC que se referem a esses três campos, que citamos anteriormente, são: no que se refere à nupcialidade, estado civil no momento da

primeira viagem ao exterior, se houve ou não mudança desse status ao longo da trajetória migratória e estado civil do migrante retornado no momento da pesquisa. Todas essas perguntas contam com as datas dos eventos (tanto casamento/ união estável; quanto de divórcio/ separação). Dessa forma, teremos um panorama do comportamento do migrante em relação à nupcialidade ao longo de todo o processo.

No que se refere à ocupação, o banco de dados oferece, através de perguntas abertas, a ocupação exercida antes de migrar, a que foi exercida no exterior e a ocupação do migrante no momento da pesquisa; a motivação para migrar é uma variável freqüentemente associada ao status ocupacional, já que a grande maioria dos migrantes, como veremos adiante, se arrisca no projeto migratório em busca de trabalho. Há ainda informações sobre remessas; o dinheiro enviado para o país de origem, tanto para sustentar a família que permaneceu no Brasil quanto para investimentos na terra natal, é um importante indicador em se tratando de retorno migratório (Martes, 2004) e apresentando, como veremos no terceiro capítulo, diferenciais por sexo muito marcantes.

Por fim, as informações que utilizaremos no banco de dados que se referem à presença de filhos são justamente se o migrante tinha ou não filhos antes de migrar, quantos são, a idade do filho mais novo e do mais velho; se o migrante teve filhos ao longo da trajetória migratória, quantos são e quais as idades do mais novo e do mais velho; e finalmente se o migrante tinha filhos no momento da pesquisa, quantos eram e quais as idades do mais novo e do mais velho e se os filhos migraram ou não junto com os pais.

O terceiro capítulo desse trabalho tratará, portanto, da associação desses três campos de variáveis com a variável *sexo* dos migrantes retornados, buscando explicações para uma das faces do fenômeno migratório internacional que é justamente a migração de retorno.

O objetivo deste estudo, portanto, é, explorando as informações do *survey* realizado em Criciúma, analisar os diferenciais por sexo no retorno migratório, considerando estado conjugal, ocupação e filhos, como elementos presentes na decisão de voltar.

Para tanto, as principais variáveis do banco de dados que utilizaremos são:

a) perguntas fechadas:

- Sexo;
- Idade;
- Condição no domicílio;
- Ano da primeira viagem ao exterior;
- Acompanhante na primeira viagem ao exterior;
- Fonte de recursos financeiros para a primeira viagem ao exterior;
- Fonte de auxílio para hospedagem no exterior;
- Fonte de auxílio para obtenção do primeiro emprego no exterior;
- Envio de remessas para o país de origem;
- Finalidade das remessas para o país de origem;
- Níveis de escolaridade;
- Estado civil no momento da primeira viagem ao exterior;
- Estado civil no momento da pesquisa de campo;

b) perguntas abertas:

- Ocupação exercida no Brasil antes de migrar;
- Ocupação exercida no exterior;
- Ocupação exercida no Brasil no momento da pesquisa de campo;
- Datas de casamentos e/ou separações;

- Número de filhos;
- Idade do filho mais velho;
- Idade do filho mais novo.

A seguir, no Anexo 1, encontram-se os questionários aplicados na primeira e segunda fase da pesquisa de campo em Criciúma – Santa Catarina e Maringá – Paraná, entre junho e agosto de 2001.

Anexo 1: Questionário aplicado na primeira fase da pesquisa de campo.

Nº do questionário: _____ Região: _____

Esta é uma pesquisa de campo realizada pela UNICAMP sobre brasileiros fora do país.

Quantas pessoas moram nesse domicílio? (lembre-se de contar os que estão fora) _____

Algun morador deste domicílio já morou fora do Brasil? (1) Não (2) Sim (3) NR. Se sim, quantos? _____

Se sim, preencha o quadro abaixo:

		Ausentes no Exterior		Presentes Retornados	
		H	M	H	M
	Quantos				
Brasileiros no exterior					

Essa casa possui linha telefônica?: (1) Sim (2) Não (3) NR

Informações sobre o domicílio

Número de moradores do domicílio, inclusive os que estão fora, total: _____ (pessoa de referência é o chefe do domicílio)

Nº	Nome	Idade	Sexo	Família (*)	Presença (**)	Escolaridade (***)	Situação Ocupacional (****)	Renda (*****)	Cidade de Nascimento	UF
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										
11										
12										
13										

(*) Família – Relação com o chefe	(**) Presença	(***) Escolaridade	(****) Situação ocupacional	(*****) Renda
1 Chefe	1 Presente	10 Analfabeto		
2 Cônjuge	2 Presente retornado	21 Primário incompleto	1 Aposentado	Colocar o valor declarado e citar a moeda corrente em extenso
3 Filho/a	3 ausente no exterior	22 Primário completo	2 Estudante	
4 Avô/Avó		31 Ginásio incompleto	3 Desempregado	
5 Pai/Mãe	8 NS	32 Ginásio Completo	4 Do lar	
6 Irmão/Irmã	9 NR	41 Colegial Incompleto	5 Vive de renda	
7 Neto/Neta		42 Colegial completo	6 Inativo	
8 Cunhado/Cunhada		51 Universitário Incompleto		
9 Primo/Prima		52 Universitário completo	7 NSA	
10 Sobrinho/ Sobrinha			8 NS	
11 Padrinho / Madrinha		77 NSA	9 NR	
12 Sogra/ Sogra		88 NS		
13 Nora/ Genro		99 NR		
14 Agregado				
15 Pensionista				
16 Empregado doméstico				
17 Parente do empregado				
77 NSA 88 NS 99 NR				

2 Histórico migratório

(todas as viagens internacionais de cada migrante)

Nome do Entrevistado: _____ n° de ordem: _____

Nome do Migrante: _____ n° de ordem: _____

Viagem	Mês	Ano	Cidade	Estado/ Província	País
1 ^a					
2 ^a					
3 ^a					
4 ^a					
5 ^a					
6 ^a					
7 ^a					
8 ^a					
9 ^a					
10 ^a					
11 ^a					
12 ^a					
13 ^a					
14 ^a					
15 ^a					
16 ^a					
17 ^a					
18 ^a					

3 Perfil Migratório

4. Na primeira viagem ao exterior

4.1 Qual o estado civil do migrante?

(1) Solteiro/ a

(2) Casado/ União Estável Data do casamento: _____ / _____ (mês/ano)

(3) Separado/a / Divorciado / a / Desquitado/ a Data da Separação _____ / _____ (mês/ ano)

(4) Viúvo/ a

4.2 Que ocupação exercia no Brasil?

_____ () NSA (se menor de 10 anos)

4.3 Com quem migrou?

(1) Viajou sozinho

(2) Parentes (especifique abaixo)

<input type="checkbox"/> Pai	<input type="checkbox"/> Mãe
<input type="checkbox"/> Filho	<input type="checkbox"/> Filha
<input type="checkbox"/> Esposo	<input type="checkbox"/> Esposa
<input type="checkbox"/> Irmão	<input type="checkbox"/> Irmã
<input type="checkbox"/> Neto	<input type="checkbox"/> Neta
<input type="checkbox"/> Tio	<input type="checkbox"/> Tia
<input type="checkbox"/> Primo	<input type="checkbox"/> Prima
<input type="checkbox"/> Sobrinho	<input type="checkbox"/> Sobrinha
<input type="checkbox"/> Avô	<input type="checkbox"/> Avó
<input type="checkbox"/> Cunhado	<input type="checkbox"/> Cunhada
<input type="checkbox"/> Padrinho	<input type="checkbox"/> Madrinha

(3) Amigo

(4) Amiga

(5) outros – especificar: _____

4.4 Qual o motivo da migração para o exterior?

(1) motivos econômicos – para trabalhar

(2) juntar-se / acompanhar familiares

4.5 Outro fator que influenciou a decisão de migrar (Ler as opções)

(1) Decepção com a política do país

(2) Decepção com a economia do país

(3) Conhecer a terra dos ancestrais

(4) Adquirir bens de consumo – Melhorar o padrão de consumo

(5) Comprar imóvel

(6) Aprender o idioma do país

(7) Saudades da família

(8) Problemas familiares

(9) Outros. Especificar: _____

4.6 Como era o conhecimento prévio da língua do país de destino? (Ler as opções)

(1) Excelente

(2) Bom

(3) Regular

(4) Nenhum

(8) NS

(9) NR

4.7 O migrante é descendente de: (marque no máximo duas alternativas)

(1) italiano (2) alemão (3) português (4) polonês (5) negros (6) japonês (7) brasileiros

(8) outros: _____

4.8 Como obteve recursos financeiros para fazer a primeira viagem?

(1) próprios

(2) Parentes (especifique abaixo)

<input type="checkbox"/> Pai	<input type="checkbox"/> Mãe
<input type="checkbox"/> Filho	<input type="checkbox"/> Filha
<input type="checkbox"/> Esposo	<input type="checkbox"/> Esposa
<input type="checkbox"/> Irmão	<input type="checkbox"/> Irmã
<input type="checkbox"/> Neto	<input type="checkbox"/> Neta
<input type="checkbox"/> Tio	<input type="checkbox"/> Tia
<input type="checkbox"/> Primo	<input type="checkbox"/> Prima
<input type="checkbox"/> Sobrinho	<input type="checkbox"/> Sobrinha
<input type="checkbox"/> Avô	<input type="checkbox"/> Avó
<input type="checkbox"/> Cunhado	<input type="checkbox"/> Cunhada
<input type="checkbox"/> Padrinho	<input type="checkbox"/> Madrinha

(3) Amigo (4) Amiga (5) Agências de recrutamento

(6) outros – especificar: _____

(8) NS (9) NR

4.9 Quem forneceu ajuda para a hospedagem no destino?

(1) ninguém

(2) Parentes (especifique abaixo)

<input type="checkbox"/> Pai	<input type="checkbox"/> Mãe
<input type="checkbox"/> Filho	<input type="checkbox"/> Filha
<input type="checkbox"/> Esposo	<input type="checkbox"/> Esposa
<input type="checkbox"/> Irmão	<input type="checkbox"/> Irmã
<input type="checkbox"/> Neto	<input type="checkbox"/> Neta
<input type="checkbox"/> Tio	<input type="checkbox"/> Tia
<input type="checkbox"/> Primo	<input type="checkbox"/> Prima
<input type="checkbox"/> Sobrinho	<input type="checkbox"/> Sobrinha
<input type="checkbox"/> Avô	<input type="checkbox"/> Avó
<input type="checkbox"/> Cunhado	<input type="checkbox"/> Cunhada
<input type="checkbox"/> Padrinho	<input type="checkbox"/> Madrinha

(3) Amigo (4) Amiga (5) Agências de recrutamento

(6) outros – especificar: _____

(8) NS (9) NR

4.10 Quem forneceu ajuda para o primeiro emprego no destino?

(1) ninguém

(2) Parentes (especifique abaixo)

<input type="checkbox"/> Pai	<input type="checkbox"/> Mãe
<input type="checkbox"/> Filho	<input type="checkbox"/> Filha
<input type="checkbox"/> Esposo	<input type="checkbox"/> Esposa
<input type="checkbox"/> Irmão	<input type="checkbox"/> Irmã
<input type="checkbox"/> Neto	<input type="checkbox"/> Neta
<input type="checkbox"/> Tio	<input type="checkbox"/> Tia
<input type="checkbox"/> Primo	<input type="checkbox"/> Prima
<input type="checkbox"/> Sobrinho	<input type="checkbox"/> Sobrinha
<input type="checkbox"/> Avô	<input type="checkbox"/> Avó
<input type="checkbox"/> Cunhado	<input type="checkbox"/> Cunhada
<input type="checkbox"/> Padrinho	<input type="checkbox"/> Madrinha

(3) Amigo (4) Amiga (5) Agências de recrutamento

(6) outros – especificar: _____

(8) NS (9) NR

4.11 Na primeira viagem, migrou através de agência de recrutamento?

(1) Sim (2) Não (7) NSA (8) NS (9) NR

4.12 Qual o primeiro emprego/ ocupação do migrante no exterior? _____ (7) NSA

4.13 Na primeira viagem, o migrante entrou e permaneceu no país de destino de que forma:

(1) Legal Como? _____

(2) Ilegal (8) NS (9) NR

5. Na sua experiência migratória como um todo:

5.1 Tentou legalizar a situação no destino?

(1) não, já migrou legalmente (2) não tinha intenção de se legalizar

(3) Sim. Como? _____

5.2 Conseguiu? (1) Sim (2) Não (8) NS (9) NR

5.3 De quem o migrante sentiu maior concorrência no mercado de trabalho?

(1) nativos (2) brasileiros (3) Outros: _____

5.4 Antes de migrar, qual a religião do migrante? (caso não saiba, colocar o nome da igreja)

5.5 No local de destino, mudou de religião? (1) Não (2) Sim Para qual? _____

5.6 Qual o estado civil atual do migrante?

(1) Solteiro

(2) Casado/ União Estável Data do casamento: _____ / _____ (mês/ano)

(3) Separado/a / Divorciado / a / Desquitado/ a Data da Separação _____ / _____ (mês/ ano)

(4) Viúvo/ a

5.7 O migrante tem filhos?

(1) Não (2) Sim. Quantos? ____ Idade do mais velho ou único: ____ Idade do mais novo: ____

5.8 Remete/ Remetia dinheiro para o Brasil?

(1) Não remete (2) remete para manter a família (3) remete para investimento

(6) outra finalidade. Qual? _____ (7) NSA (8) NS (9) NR

5.9 Quem administra o dinheiro no Brasil?

(1) o próprio migrante

(2) Parentes (especifique abaixo)

<input type="checkbox"/> Pai	<input type="checkbox"/> Mãe
<input type="checkbox"/> Filho	<input type="checkbox"/> Filha
<input type="checkbox"/> Esposo	<input type="checkbox"/> Esposa
<input type="checkbox"/> Irmão	<input type="checkbox"/> Irmã
<input type="checkbox"/> Neto	<input type="checkbox"/> Neta
<input type="checkbox"/> Tio	<input type="checkbox"/> Tia
<input type="checkbox"/> Primo	<input type="checkbox"/> Prima
<input type="checkbox"/> Sobrinho	<input type="checkbox"/> Sobrinha
<input type="checkbox"/> Avô	<input type="checkbox"/> Avó
<input type="checkbox"/> Cunhado	<input type="checkbox"/> Cunhada
<input type="checkbox"/> Padrinho	<input type="checkbox"/> Madrinha

(3) Amigo (4) Amiga (7) NSA (8) NS (9)NR

5.10 Qual a principal forma de contato com o Brasil? (marque apenas uma)

(1) nenhum (2) correspondência (3) telefone (4) visitas (5) Internet

(6) recados por outros migrantes (7) Outros: _____

CAPÍTULO 2 – BRASILEIROS NOS ESTADOS UNIDOS: UM PANORAMA DA PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA NACIONAL

Num país tradicionalmente receptor de grandes contingentes de imigrantes na virada do século XIX para o XX, o fenômeno emigratório da população tem sido freqüentemente assunto da mídia e de acadêmicos há pelo menos 25 anos. Hoje, em pleno século XXI, o Brasil já não possui o que se pode chamar de “população fechada” (Carvalho, 1996). Não se pode, no entanto, afirmar que houve uma inversão; que o Brasil deixa de receber imigrantes e passa a exportar sua população (Patarra, 1996). O que se pode observar é que houve uma série de transformações. Enquanto que na passagem do século XIX para o XX o Brasil recebia um grande contingente, de um modo geral, de europeus e orientais (meados dos anos 70 do século XIX), no final do século XX, em especial nos anos 80, surgem novos fluxos migratórios internacionais. Brasileiros nos Estados Unidos, Canadá, Europa e Japão caracterizaram os primeiros fluxos para os quais a própria mídia chamou a atenção; vale ressaltar, contudo, que o fluxo para o Paraguai é mais antigo, porém sem o destaque que teve o fluxo para os países desenvolvidos.

Neste capítulo, trataremos dos primeiros trabalhos acadêmicos sobre o tema, que acabaram sendo elaborados à luz da imprensa brasileira; muitas reportagens sobre brasileiros barrados em aeroportos, deportados, ou ainda em tentativas dramáticas de entrada clandestina nos Estados Unidos serviram de evidências empíricas para os pesquisadores.

Na medida em que se consolidava a conexão Brasil – Estados Unidos, a análise do fenômeno foi se tornando mais refinada, passando das perguntas básicas (Quem são? Quantos são? Por que migram?) para a abordagem de questões mais específicas sobre o grupo migrante, sua relação com as sociedades de origem e

destino, entre outras. É a fase do surgimento das primeiras dissertações de mestrado exclusivamente sobre o fluxo migratório de brasileiros para os Estados Unidos⁹.

Por fim, destacamos alguns trabalhos de extrema importância para a compreensão desta corrente migratória que ainda atrai inúmeros brasileiros e solidifica-se com o passar das décadas: trata-se da segunda geração de migrantes, das transformações ocorridas nas famílias que migram, nas mudanças observadas no mercado de trabalho, entre muitos outros aspectos.

Aprofundando essa primeira revisão bibliográfica, buscaremos nesses trabalhos os diferenciais por sexo presentes nas análises. A entrada das mulheres no fluxo migratório para os Estados Unidos foi notada pelos autores? Em que medida as especificidades dos diferenciais por sexo foram utilizadas nas análises? Houve uma generalização do indivíduo migrante sendo considerado do sexo masculino (Pessar, 1999).

De acordo com Martes e Fleischer (2003) o fluxo migratório que parte do Brasil em direção aos Estados Unidos conta com um grande número de mulheres que dividem com os homens desde o planejamento do projeto migratório, através do uso de redes sociais de parentesco e amizade, até o mercado de trabalho, representando uma disputa cada vez mais acirrada entre os sexos no país de destino.

Este capítulo, portanto, é dedicado não somente à revisão bibliográfica sobre tema dos emigrantes brasileiros nos Estados Unidos, mas resgata análises sobre diferenciais por sexo.

⁹ Veja-se Assis (1995), Soares (1995), Scudeler (1999); Fusco (2000)

2.1 Estudos sobre brasileiros nos Estados Unidos

Antes mesmo que a academia e o governo percebessem o novo fenômeno da população brasileira que se configurava em meados dos anos 80, a imprensa o revelou através de diversas reportagens e, em muitos momentos, de vasta cobertura, chamando assim a atenção dos pesquisadores. Essa atenção da imprensa não se restringiu aos primeiros momentos da emigração de brasileiros, principalmente para os Estados Unidos; sobretudo em momentos dramáticos, as reportagens estiveram presentes, ajudando não somente a divulgar o fenômeno, como também a configurá-lo. Citamos aqui dois exemplos, da mesma fonte: em julho de 1991, a Folha de São Paulo publicou a reportagem *Planeta em Movimento*, que justamente chamava a atenção para o surgimento de um novo fluxo migratório, do grande contingente de brasileiros que se dirigiam para os Estados Unidos e que muitas vezes eram barrados nos aeroportos. Treze anos depois, no dia da independência americana, em 4 de julho de 2004, a Folha publicou, em matéria de capa, a seguinte manchete: *Migração Ilegal para os EUA é recorde*. A reportagem chamava a atenção para o aumento do número de brasileiros presos na fronteira dos Estados Unidos com o México¹⁰.

Embalados por esses primeiros acordos da imprensa nacional, alguns pesquisadores passaram a se dedicar ao estudo desse novo fluxo migratório. No artigo *Novos fluxos migratórios da população brasileira*, Sales (1991)¹¹ tem como objetivos principais justamente traçar evidências empíricas para esse novo fenômeno da população brasileira que, até então, apenas tinha sido tratado pela imprensa. Além disso, ainda nesse artigo, a autora já tece considerações acerca da

¹⁰ Veja-se o Relatório de Pesquisa “As redes sociais nas migrações internacionais: novos migrantes brasileiros nos Estados Unidos e no Japão”, do período de 2000 a 2004.

¹¹ Sales (1991) foi pioneira, no Brasil, no estudo sobre a emigração de brasileiros para os Estados Unidos.

corrente que se fortalecia entre a cidade de Governador Valadares – Minas Gerais e a região de Boston – Massachusetts. A apresentação deste artigo de Sales (1991) indica o tom das observações dos estudiosos frente à saída inédita de brasileiros num fluxo migratório para o exterior:

“Ver cada vez mais engrossadas as fileiras de seus habitantes que deixam o país à procura de melhor sorte como estrangeiros é a realidade mais crua de nossa integração no cenário internacional dos tempos modernos” (Sales, 1991: 21).

Avançando ainda nesse primeiro momento de análise do novo fluxo migratório brasileiro, Sales (1992) publica o artigo *Imigrantes estrangeiros, imigrantes brasileiros: uma revisão bibliográfica e algumas anotações para pesquisa*. Segundo a autora, três itens iniciais configuram o tipo de abordagem das migrações internacionais exploradas nas primeiras consultas à produção bibliográfica internacional sobre a questão: o novo caráter das migrações internacionais devido à demanda de mão-de-obra na Europa e nos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial; a dualidade da inserção do migrante no mercado de trabalho primário ou secundário e alguns aspectos específicos da questão migratória dos Estados Unidos na atualidade. Por fim, um último aspecto é ainda analisado pela autora: as dificuldades do migrante brasileiro principalmente no que se refere à (re) construção de sua identidade.

Todas essas questões abordadas por Sales (1992) neste artigo refletem ao mesmo tempo tanto o avanço das análises sobre migração internacional de um modo geral - com ênfase, claro, na saída de brasileiros para o exterior e, entre este grupo, os que se dirigem aos Estados Unidos - quanto à consolidação dessa corrente migratória e algumas transformações que ela já começa a apresentar, como mudanças na perspectiva temporal do migrante ou o fortalecimento das relações

entre países de origem e destino, através da consolidação das redes sociais e do próprio aumento do número absoluto de indivíduos que migraram para os Estados Unidos.

É importante ainda destacar um terceiro trabalho de Sales (1994) deste período, que trata especificamente da relação entre imprensa e o fenômeno migratório. Em *Brasil migrante, Brasil clandestino* Sales reúne inúmeras reportagens tanto da imprensa brasileira quanto da americana e, ainda, da imprensa “brazuca” (composta por brasileiros nos Estados Unidos, com jornais, programas de rádio e televisão específicos para os migrantes) e analisa as diferentes formas de abordagem do fenômeno. A imprensa brasileira acaba caracterizando-se por frequentemente enfatizar aspectos negativos e dramáticos do processo, principalmente no que tange à primeira viagem ao exterior e às tentativas frustradas de entrada nos Estados Unidos. Por outro lado, a imprensa americana¹² destaca o aspecto trabalhador e empreendedor da comunidade brasileira, chamando sempre a atenção, no entanto, para sua característica coesa, mas não politicamente ativa. Por fim, a imprensa “brazuca”¹³ enfatiza o perfil “*hardworker*” da comunidade brasileira, e destaca principalmente as “ilhas de sucesso”: os migrantes bem sucedidos, que conseguiram em primeiro lugar o *green card*, e, mais tarde, a compra de imóveis, carros e outros bens, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, através de remessas para os familiares.

Neste primeiro momento da produção acadêmica dedicada ao novo fluxo migratório que se observava no Brasil, o “indivíduo migrante” foi referido no masculino, não existindo, ao menos, a distinção entre os sexos nas análises. Há, no entanto, uma possível leitura para a existência dessa lacuna. Hoje, com vinte anos

¹² O *Metrowest Daily News* é o jornal americano com maior número de reportagens especificamente sobre brasileiros nos Estados Unidos, circulando em toda a região metropolitana de Boston - Massachusetts. (Sales, 1994)

¹³ Os jornais *Brazilian Times*, *Brazilian Voice* e *State News* são os mais lidos pelos brasileiros nos Estados Unidos (Sales, 1994).

de história migratória, podemos olhar o fenômeno de uma perspectiva privilegiada e afirmar que até meados dos anos 90, as mulheres tinham pouca participação efetiva no fluxo migratório para os Estados Unidos devido, principalmente, a estratégias migratórias, uma vez que se trata de uma migração de longa distância, para um país estrangeiro e, em sua quase totalidade, ilegal (Sales, 1999). É principalmente o fator da ilegalidade que faz com que, nos primeiros anos desse fluxo, os homens se arrisquem antes das mulheres, que, em geral, eram casadas (Pessar, 1999) e partiam para os Estados Unidos ao encontro de seus cônjuges. Essa migração feminina era característica da reunificação familiar (Assis, 2004), em que as mulheres continuavam exercendo o mesmo papel que exerciam no país de origem dentro da família, não tendo a migração, portanto, qualquer impacto sobre elas (Pessar, 1999; Boyd, 2002).

Outro autor que também fez parte do grupo pioneiro nos estudos de migração internacional de brasileiros para os Estados Unidos foi Goza (1992). No artigo *A imigração brasileira na América do Norte*, trata da migração de brasileiros para os Estados Unidos e Canadá, comparando os dois fluxos e buscando suas especificidades. Os pontos importantes do artigo de Goza circulam ao redor das perguntas básicas realizadas frente a um novo fluxo migratório. Além dos “quem são” e “quantos são” o autor discute as causas do novo e crescente movimento migratório e a adaptação dos brasileiros nos novos ambientes.

Dentre as causas apontadas pelo autor para a formação e o fortalecimento das correntes migratórias em direção à América do Norte, destaca, principalmente, a crise econômica dos anos 80. Além disso, o autor afirma que - durante o período conhecido como “milagre brasileiro”, em meados dos anos 70 - muitos foram os brasileiros que saíram do país como turistas em direção aos Estados Unidos e ao Canadá, o que teria criado um imaginário coletivo entre esse grupo. Esse imaginário, num momento de grave crise econômica, como a da década de 80, seria

acionado e a migração em direção a esses países, conhecidos pela prosperidade e pelas oportunidades, seria encarada por esses brasileiros como saída para a crise econômica.

Assim, esse fluxo de turistas que antes se dirigiam a lugares como Disneyworld ou Nova Iorque sofreu, em meados dos anos 80, duas transformações importantes. Em primeiro lugar, cresce o número absoluto de saídas de brasileiros em direção a outros destinos na América do Norte e, como não poderia deixar de ser, transforma-se a natureza da viagem: de turistas, os brasileiros passaram a trabalhadores em busca de melhores condições de vida.

O artigo de Goza (1992) apresenta uma série de hipóteses levantadas no início das análises do novo fluxo migratório. Hoje, no entanto, devemos reconhecer que o artigo é historicamente datado, principalmente por analisar o começo de um longo processo migratório. Um exemplo é o fato do autor, analisando os processos de adaptação nos países de destino, afirmar que os homens teriam muito mais chances de se adaptar rapidamente, uma vez que seriam empregados com maior facilidade; a partir desse momento, conviveriam com americanos, estabelecendo, então, laços de amizade e de convívio social. Hoje, passados mais de vinte anos de fluxo de brasileiros para os Estados Unidos, podemos afirmar que os migrantes se inserem no mercado de trabalho secundário no destino (Sales, 1992; Scudeler, 1999) e que são as mulheres que organizam as relações de trabalho (Pessar, 1999; Martes, 1999; Assis, 2004).

Goza (1992) realiza, conquanto, uma diferenciação entre homens e mulheres no destino migratório. Segundo o autor, os homens teriam acesso ao mercado de trabalho com mais facilidade. Segundo Pessar (1999), isso reflete o fato de que as mulheres ainda não tinham ingressado de forma maciça na corrente migratória. A partir do momento em que há essa entrada, as mulheres passam a dominar o

mercado de trabalho secundário, mudando as perspectivas de emprego dos homens e pressionando as relações de gênero tradicionais do país de origem (Pessar, 1999).

Margolis (1994) também foi uma autora americana que se destacou pela análise pioneira sobre o novo fluxo migratório de brasileiros para os Estados Unidos. *Little Brazil: Imigrantes brasileiros em Nova York* busca uma caracterização mais refinada do grupo de migrantes brasileiros especificamente localizados na cidade de Nova Iorque. A importância do trabalho reside nas questões sobre a comunidade brasileira, sobre sua visibilidade e se pode realmente caracterizar-se como uma comunidade; as redes sociais - que ligam não apenas os migrantes nos Estados Unidos e suas famílias no Brasil, mas também migrantes recém chegados com veteranos do fluxo - começam a se definir como importante fator na manutenção e no crescimento da corrente migratória. É importante dizer ainda que a autora aborda também questões como a venda de postos de trabalho e de comissões cobradas entre os migrantes por alguns favores, como o envio de remessas em dinheiro, ou a indicação de um bom emprego.

Um importante fator, no entanto, merece especialmente nossa atenção. Ao discutir se o “*Little Brazil*” pode ou não se caracterizar como uma comunidade de migrantes, Margolis (1994) acaba definindo um perfil desses brasileiros inseridos numa recente corrente migratória. O fato do grupo não apresentar um alto nível de coesão e nem tampouco criar e/ou participar de associações comunitárias está diretamente ligado ao caráter deste fluxo migratório, pelo menos em seu início, temporário e com um fator comum em todas as trajetórias migrantes: a intenção de voltar ao Brasil. Esse fator comum entre a maioria dos brasileiros nos Estados Unidos, naquele momento, se revela ainda em outro trecho. Segundo Margolis,

“(...) a maioria dos brasileiros era realista em relação à falta de espírito comunitário. Disseram que grande parte deles estava em Nova Iorque por uma única razão: ganhar tanto dinheiro quanto possível para voltar ao Brasil o mais rápido que pudessem. Acrescentaram que não se envolviam em clubes, nem em outras atividades porque isso lhes teria tirado tempo para se dedicar a seu objetivo principal. Ou, como observou enfaticamente um brasileiro: ‘não temos espírito imigrante porque não somos imigrantes’”. (Margolis, 1994 : 309)

Nesse primeiro momento da produção bibliográfica sobre o tema foi importante conhecer, de uma maneira geral, esse fluxo: informações sobre o número de brasileiros fora do Brasil vivendo nos Estados Unidos; regiões de onde saíam e para que região se dirigiam; os motivos que levavam tantas pessoas a migrar; por que os Estados Unidos; como se comportavam no país de destino; se viviam em comunidades; se eram essas comunidades articuladas com a sociedade receptora; se mantinham vínculos com o país de origem; de que natureza eram esses vínculos; por que aumentava progressivamente o número de brasileiros que se arriscavam no projeto migratório.

Todas essas perguntas estiveram presentes nos estudos sobre esse fluxo específico no primeiro momento dos trabalhos acadêmicos, sendo que as diferentes formas de inserção de homens e mulheres no fluxo migratório foram pouco exploradas naquele momento.

2.2 O fluxo migratório ganha força: onde estão as mulheres?

Nos anos 90, o fluxo migratório de brasileiros para os Estados Unidos ganha força, especificidades e um número cada vez maior de pesquisadores atentos a esse fenômeno social. A virada do século XX para o XXI é marcada por estudos na área,

principalmente, no que se referia a perspectivas temporais, ao mercado de trabalho, às redes sociais.¹⁴

Frente a um novo e visível fenômeno da população brasileira, no entanto, investiu-se, principalmente na década de 90, em *surveys*¹⁵ que permitiram aos pesquisadores a realização da maioria dos trabalhos que citaremos a seguir. O *survey* constitui, sem dúvida alguma, a melhor e mais segura forma de captação de dados sobre migração.

Assis (1995)¹⁶ realiza uma análise das trajetórias de um grupo de migrantes de Governador Valadares – Minas Gerais através das narrativas dos próprios migrantes, ou seja, de suas cartas para a família e para amigos que ficaram no Brasil. Este trabalho foi o primeiro, de uma série, que tratou da migração de brasileiros para os Estados Unidos partindo da cidade mineira de Governador Valadares, cidade que apresentou desde o início do fluxo migratório um grande número de seus habitantes inseridos no processo. No entanto, não são apenas as primeiras perguntas que chamam agora a atenção dos pesquisadores. Já se sabia que a emigração de brasileiros era um fenômeno que se mantinha por mais de uma década. Assis (1995) destaca que a

“emigração extrapolou as vidas dos emigrantes, passando a fazer parte da vida cotidiana da cidade – como se emigrar fosse uma experiência ‘natural’, como se os Estados Unidos não fossem a 8 000 milhas de distância”. (Assis, 1995:11)

¹⁴ Veja-se Sales (1999); Martes (1999); Pessar (1999); Boyd (1998); Piselli (1998); Fusco (2000); Grieco (1998).

¹⁵ É importante dizer ainda que os dados para a realização de estudos sobre migração, especialmente quando se trata de fluxos partindo de países em desenvolvimento em direção a países desenvolvidos, são de difícil obtenção. Isso porque esses fluxos são marcados, sobretudo, por seu caráter clandestino, indocumentado. Por isso, se já seria complicado realizar, no Brasil, estudos sobre migrantes nos Estados Unidos, a escassez de dados associada ao receio dos migrantes em divulgar informações torna ainda mais difícil o processo.

Sales coordenou o projeto *Imigrantes Brasileiros nos Estados Unidos – Cidadania e Identidade*, no NEPO/UNICAMP, que contou com pesquisa de campo realizada em Governador Valadares, gerando dados para muitas das dissertações e teses desse período.

¹⁶ Assis (1995) defendeu a dissertação de mestrado em Antropologia Social intitulada *Estar aqui, estar lá... Uma cartografia da vida entre dois lugares*, na Universidade Federal de Santa Catarina.

Partindo, então, de um *survey* realizado na cidade de Governador Valadares – Minas Gerais, Assis (1995) indica as diferenças existentes entre homens e mulheres durante o processo migratório.

“(...) As motivações para migrar também são diferentes para as mulheres. Muitas mulheres emigram para acompanhar seus noivos, realizando casamentos por procuração, freqüentes na cidade; outras emigram para se livrar de padrões morais rígidos como virgindade; ou, ainda, para fugir do preconceito em relação à homossexualidade feminina; outras ainda para se tornarem independentes financeiramente e conquistarem mais autonomia. Ao centrar nas mulheres quero apenas evidenciar que as mulheres têm um padrão migratório diferenciado dos homens, o que revela que o processo migratório é perpassado por gênero. Desta forma, as mulheres deixam de ser vistas apenas como ‘aquelas que esperam’, mas como parte desse movimento de ‘fazer a América’, demonstrando a pertinência da análise do gênero para os novos fluxos da população brasileira” (ASSIS, 1995 : 48).

Ao longo da dissertação, então, Assis (1995), analisa, na medida em que seus dados permitem, diferenciais por sexo. São justamente esses diferenciais, resultando numa análise diferenciada entre os sexos, que permitem que a autora afirme que as mulheres têm um padrão migratório específico dentro do fluxo, que migram e retornam em momentos distintos, por motivações distintas, causando diferentes impactos no âmbito da família e das relações de gênero de uma forma geral.

Soares (1995) também se dedicou à migração de brasileiros para os Estados Unidos em sua dissertação de mestrado¹⁷, estudando as transformações no mercado imobiliário da cidade de Governador Valadares. Dentre suas conclusões ressalta

¹⁷ Soares (1995) defendeu sua dissertação de mestrado *Emigrantes e investidores: redefinindo a dinâmica imobiliária valadarense* no IPPUR/UFRJ.

que o dinamismo do mercado imobiliário da cidade não poderia ser explicado sem que se levasse em conta o dinheiro estrangeiro que circulava.

Soares (1995) não realiza, no entanto, qualquer diferenciação por sexo entre migrantes para o envio de remessas. Segundo autores que tratam da migração internacional de outros países em desenvolvimento em direção aos Estados Unidos (Pessar, 1999; Boyd, 2002), ou ainda mesmo estudos sobre o próprio fluxo de brasileiros em direção àquele país (Sales, 1999; Martes, 2004), as mulheres remetem mais dinheiro para o país de origem que os homens. Em geral, as remessas das mulheres costumam ser regulares e em valores muito mais expressivos do que as enviadas por homens, quando existem.

Contemplando a dimensão referente à inserção dos brasileiros no mercado de trabalho, Scudeler (1999)¹⁸ trata do comportamento dos migrantes, sem diferenciação por sexo, diante de um novo mercado de trabalho, no qual devem inserir-se em meio à clandestinidade e a uma sociedade receptora que, na maioria das vezes, não atende às expectativas dos migrantes. Segundo a autora, o sucesso do projeto migratório está ligado à mudança de status que o migrante conquista na sociedade de origem, ao conseguir investir o dinheiro economizado durante a viagem numa casa, apartamento, ou comércio em Governador Valadares (Scudeler, 1999).

Fusco (2000) avançou mais nos diferenciais por sexo presentes no projeto migratório, apontando que a forma como se dá a entrada de migrantes homens e mulheres no mercado de trabalho é muito diferente: a começar pelo diferenciado uso das redes sociais de parentesco e amizade, que costumam, na grande maioria dos casos, propiciar ao migrante ajuda nos primeiros momentos nos Estados Unidos; um dos momentos mais delicados é sem dúvida a obtenção do primeiro

¹⁸ A dissertação de mestrado de Scudeler (1999) *A inserção de imigrantes brasileiros no mercado de trabalho dos EUA*, defendida no Instituto de Economia da UNICAMP também utiliza dados do projeto Imigrantes Brasileiros nos Estados Unidos – Cidadania e Identidade, coordenado por Sales (1997)

emprego. As mulheres recorrem muito mais freqüentemente às redes, principalmente no momento de entrada do mercado de trabalho. Inclusive, as mulheres já formam nichos específicos nesse mercado, que são dominados por elas e onde os homens presentes, em sua grande maioria, são subordinados a elas. É o caso da faxina doméstica nos Estados Unidos (Martes e Fleischer, 2003).

O fato de o sucesso do projeto migratório estar ligado diretamente ao país de origem, está certamente relacionado com as expectativas temporais dos migrantes até meados da década de 90. Até então, a intenção daqueles que migravam era acumular uma quantia razoável de dinheiro e voltar para o Brasil assim que possível, para investir o que conseguiram economizar (Sales, 1991). Na medida em que o fluxo ganha força e se consolida, outras relações entre origem e destino se transformam, acabando por influenciar as expectativas temporais do projeto migratório. As redes sociais, que ligam os dois países e acabam diminuindo o risco da migração (Fusco, 2000), estabelecem novos parâmetros temporais e novos objetivos para aqueles que migram, mudando, assim, a idéia de voltar o quanto antes para o Brasil (Sales, 1991).

De acordo com o trabalho de Fusco (2000)¹⁹ os diferenciais por sexo podem auxiliar e incrementar as análises sobre o fluxo de brasileiros para os Estados Unidos, uma vez que o simples cruzamento de uma variável qualquer de um banco de dados com a variável *sexo* pode revelar comportamentos muito diferentes entre homens e mulheres, apontando novos rumos para as pesquisas que certamente ficariam encobertos caso não fosse realizado esse refinamento.

¹⁹ O trabalho de Fusco (2000), também fruto do projeto coordenado por Teresa Sales, trata justamente dessas redes sociais no fluxo de brasileiros para os Estados Unidos, através de um estudo de caso também realizado na cidade de Governador Valadares – MG.

Por fim, no segundo momento deste panorama bibliográfico, citamos a tese de doutorado de Martes (1998)²⁰ por classificarmos esse trabalho como uma ligação com a parte final deste capítulo, tanto pela consistência quanto pelo refinamento da análise. Ainda que descreva a população migrante frente a distintas variáveis, como sexo, idade, estado civil, presença de filhos, local de residência dos filhos, período de chegada a Massachusetts, a autora não realiza o cruzamento entre essas informações, não diferenciando, portanto, homens e mulheres ao longo da trajetória migratória.

Observando a inserção dos migrantes no mercado de trabalho americano, Martes (1998) realiza, no entanto, uma análise sobre um campo de trabalho dominado por mulheres: a faxina doméstica. De acordo com a autora, toda a estrutura desse campo é dominada por mulheres.

“Na maioria dos casos, o ‘business’ é composto por apenas uma pessoa, que é simultaneamente ‘proprietária’ e trabalhadora. Em outros, no entanto, a companhia de limpeza pode ser formada por um casal ou ainda a proprietária (dona do posto) e uma ajudante, procedendo-se uma espécie de subcontratação. A ajudante é, via de regra, também brasileira e geralmente recém-chegada. A dona da companhia ganha em média cinquenta dólares para limpar uma casa que leva, em média, duas horas e meia para ser concluída. Contudo, a ajudante receberá da dona da companhia cerca de cinco dólares por hora, ou seja, valor próximo ao salário mínimo americano” (Martes, 1998 : 101).

Por se tratar de um fenômeno recente, de certa forma, a produção bibliográfica diferenciando homens e mulheres no fluxo migratório foi pouco desenvolvida até o final dos anos 90.

²⁰ *Imigrantes Brasileiros em Massachusetts* é a tese de doutorado de Martes (1998), defendida na Universidade de São Paulo.

Ainda que a faxina doméstica seja descrita por Martes (1998) como um nicho do mercado de trabalho secundário americano dominado por mulheres migrantes, a falta da análise dos diferenciais por sexo deixa lacunas, tais como: os impactos nas relações de gênero no âmbito da família e até mesmo mudanças nas expectativas temporais dos migrantes. As mulheres envolvidas na faxina doméstica tendem a permanecer mais tempo nos Estados Unidos, enquanto que os homens, principalmente os casados com mulheres envolvidas nesse nicho, demonstram o desejo de voltar o quanto antes ao país de origem para retomar, principalmente, a autonomia da chefia domiciliar (Pessar, 1999).

Reis e Sales (1999) organizaram a coletânea *Cenas do Brasil Migrante*, com artigos sobre as conexões Brasil – Estados Unidos e Brasil – Japão. Muitos dos autores convidados são acadêmicos que citamos anteriormente, que se formaram e seguiram adiante em seus estudos tratando dos brasileiros nos Estados Unidos. Segundo Sales, “por ser um fenômeno recente em nossa história, que toma pulso em meados dos anos 80, o estudo das migrações de brasileiros para outros países ainda é parco em publicações. Esta coletânea pretende dar sua parcela de contribuição para suprir essa lacuna” (Sales, 1999 : 7).

A formação da identidade étnica entre os migrantes brasileiros nos Estados Unidos é tratada por Sales (1999) em seu artigo em *Cenas do Brasil Migrante*²¹. Segundo a autora,

“(..) um dos vínculos mais fortes com o Brasil é sem dúvida a preservação da cultura brasileira no cotidiano americano”. (Sales, 1999: 9)

Essa identidade, no entanto, se expressa de diferentes maneiras e em diferentes intensidades de acordo com os sexos. As mulheres se preocupam mais

²¹ Veja-se “Identidade étnica entre imigrantes brasileiros na região de Boston”. Sales, 1999.

que os homens na manutenção de alguns hábitos tipicamente brasileiros, principalmente no que se refere à preservação da língua, culinária, vestimenta e até mesmos cortes de cabelo (Sales, 1999). O trecho de uma entrevista com uma migrante revela essa preocupação:

“Os produtos brasileiros se tornam muito mais valiosos nessa terra, são cobiçadíssimos. A minha irmã, por exemplo, lava as roupas comuns na máquina, mas as roupas brasileiras ela lava à mão, esfrega bonitinho e deixa lá de molho, para não rasgar. As coisas de lá têm um sabor mais especial aqui” (Sales, 1999 : 22)

Assis (1999) retoma em seu artigo alguns dos principais pontos tratados em sua dissertação de mestrado, já citada anteriormente. Ainda que a análise ainda não seja diferenciada entre homens e mulheres, a autora já aponta que este recorte é fundamental à análise de fluxos migratórios, de uma forma geral, e também evidencia que a entrada das mulheres no fluxo de brasileiros para os Estados Unidos provocou transformações e causou impactos na corrente migratória.

“As mulheres emigraram, em sua maioria, para encontrar os maridos ou namorados, mas é importante observar que também se encontram nesse universo mulheres que emigraram sozinhas para se tornarem independentes. Em ambos os casos, a presença significativa de mulheres indica que há, em relação à primeira leva de emigrantes, uma ampliação do fluxo feminino” (Assis, 1999 : 132).

Outra publicação de grande importância para o estudo não só de brasileiros nos Estados Unidos, mas de qualquer fluxo migratório é *Brasileiros longe de casa*, onde Sales (1999) realiza um estudo bem fundamentado em teorias de migração internacional, contextualizando o fluxo de brasileiros para os Estados Unidos nessas teorias e em sua história. Num primeiro momento, a autora percorre essas

teorias, desde a neoclássica aos sistemas mundiais, definindo um aporte teórico possível para o caso brasileiro.

Sales (1999) apresenta um perfil sócio-demográfico de Framingham, uma cidade na região metropolitana de Boston onde foi realizada a pesquisa de campo. Em seguida, apresenta os brasileiros que vivem nessa cidade, quantos são, como vivem, onde moram, como se inserem na sociedade receptora. A (re) construção da identidade desses migrantes mereceu atenção especial da autora, que se dedica à construção do conceito de “fetiche da igualdade”, talvez uma das maiores contribuições do trabalho. Segundo a autora,

“(...) os elementos da bagagem cultural do imigrante brasileiro dizem respeito ao ‘fetiche da igualdade’, conceito que desenvolvo para analisar o conteúdo de uma cultura política que faz parte do cerne de nossa profunda desigualdade social. (...) A marca cultural de diferença mais evidente na bagagem cultural do imigrante brasileiro estaria relacionada com a sua informalidade e o seu calor humano, em confronto com a frieza do americano. Na negociação com os demais grupos com os quais eles se defrontam inicialmente, vão aparecendo outras facetas do fetiche da igualdade: o estereótipo do malandro brasileiro, que se sente no direito de tirar vantagem das situações por se julgar em uma posição de superioridade em relação aos outros; a criação de um ‘outro’ inferior imaginário (o roceiro), perante uma situação real de se sentir na base da pirâmide social; a imagem de ‘coitadinhos’ imputada à comunidade brasileira pelas lideranças comunitárias, como forma também de marcar uma posição de superioridade” (Sales, 1999 : 39).

Sales trata em *Brasileiros longe de casa* de questões como a redefinição das expectativas temporais, da criação de vínculos com o Brasil que acabam por reforçar a permanência nos Estados Unidos, da questão da legitimidade da condição clandestina, da construção de uma identidade étnica, sempre baseada em entrevistas qualitativas com mulheres numa pesquisa de campo realizada em Framingham, na região de Boston. Ainda que a autora não realize uma comparação

efetiva entre ambos os sexos, o trabalho apresenta, justamente por tão poucos autores terem se dedicado anteriormente a essa diferenciação, novas informações sobre as estratégias femininas ao longo do projeto migratório, revelando especificidades partilhadas apenas pelo grupo de mulheres, como viajar clandestinamente em navios de carga fazendo-se passar por namoradas de algum tripulante. Alguns depoimentos são impressionantes, principalmente os que tratam das aventuras enfrentadas por essas mulheres para finalmente chegarem aos Estados Unidos.

“Rosa, que pediu demissão de um bom emprego no Brasil, vendeu tudo o que tinha e migrou solteira em 1987, conta de sua primeira tentativa frustrada de chegar aos Estados Unidos. Ainda no aeroporto, um agente da emigração desconfiou da aspiração de turista de Rosa e, depois de muitas perguntas e 16 horas de espera algemada numa cadeira, foi deportada. ‘Lembro ainda que no meio daquele desespero e daquela vergonha eu ainda disse para a mulher que cancelou o meu visto: ‘você pode até cancelar o meu visto, mas eu volto. Eu volto de navio, eu volto a pé, mas eu volto’ (...) Rosa ainda tentaria outras duas vezes chegar aos Estados Unidos, uma atravessando a fronteira com México a pé e outra como clandestina num navio de carga. Só depois de três tentativas fracassadas é que ela conseguiu finalmente chegar aos Estados Unidos, também como clandestina num navio” (Sales, 1999 : 95).

Muitos aspectos da construção da identidade migrante a partir da bagagem cultural brasileira estão ligados às expectativas temporais dos que se aventuram no projeto migratório. As idéias sobre o projeto vão sofrendo transformações na medida em que o tempo no exterior precisa ser prolongado para suprir todas as necessidades e expectativas. Dessa forma, as posturas frente à comunidade, a outros brasileiros e às sociedades receptora e de origem se transformam também, sempre galgadas em facetas do fetiche. Por fim, Sales (1999) descreve a construção

da identidade étnica (que só é possível depois de transformadas e ampliadas as expectativas temporais do projeto migratório) e a organização da comunidade brasileira.

No mesmo ano dos dois trabalhos citados anteriormente, Martes (1999)²², através de uma amostra de 300 migrantes em Massachusetts, realiza uma análise descritiva desses migrantes, tratando de campos de variáveis relativas à família, nível de escolaridade, cidade de origem no Brasil, motivação para migrar, criação de vínculos e formação de redes, ano da migração, local de residência nos Estados Unidos, ocupação exercida no Brasil, entre outras. É importante ressaltar que a autora realiza essa análise descritiva ainda no primeiro capítulo e praticamente nenhuma dessas variáveis é diferenciada por sexo, sendo o grupo migrante tratado como homogêneo e como se as diferenças entre homens e mulheres não existissem. A lacuna deixada é ainda mais evidente se tomarmos variáveis como motivação para migrar ou ainda ocupação que exercia no Brasil. Essas duas variáveis são das que mais apresentam diferenças entre homens e mulheres, condicionando de maneiras diferentes os projetos migratórios de ambos.

A autora realiza uma comparação do perfil ocupacional dos migrantes brasileiros no Brasil e em Massachusetts não contemplando as diferenças entre homens e mulheres. A exceção se dá quando a autora aborda a questão da faxina nos Estados Unidos, campo do mercado de trabalho secundário dominado por mulheres. Ainda assim, as principais questões nesse momento da análise não acontecem exatamente em torno desse grande diferencial entre o grupo migrante. As questões mais citadas a partir da faxina se referem à grande concorrência e principalmente à venda de postos de trabalho, prática polêmica e estratégia que tem sido adotada por muitas migrantes envolvidas na faxina doméstica nos Estados

²² *Brasileiros nos Estados Unidos* é baseado na tese de doutorado de Martes já citada anteriormente.

Unidos e criticada severamente por outros migrantes e por líderes das comunidades, principalmente as religiosas:

“O curioso é o fato de que, apesar de as posições de emprego serem vendidas, o ‘mercado’ funciona baseado no pressuposto da solidariedade. Ou seja, ao comunicar à dona da casa que não poderá continuar trabalhando mas que pode indicar ‘uma amiga de sua confiança’ para substituí-la, a faxineira está agindo como se estivesse motivada pela solidariedade com relação à outra brasileira. Quando a dona da casa aceita tal proposta ela está, igualmente, pressupondo que a faxineira está agindo daquela forma também motivada pela solidariedade e não por motivação econômica” (Martes, 1999 : 107).

Já a trajetória de um grupo de mulheres brasileiras nos Estados Unidos é brevemente descrita, em trabalho anterior de Martes (1996) que dedica, no artigo *Trabalhadoras brasileiras em Boston*, especial atenção à inserção dessas mulheres no mercado de trabalho da sociedade receptora, bem como ao funcionamento desse novo mercado de trabalho. A autora atenta ao fato de que, apesar de a grande maioria das mulheres que se dirigem aos Estados Unidos o fazem acompanhadas de seus maridos, namorados ou pais, é cada vez mais significativo o número de mulheres que emigram sozinhas, como também é cada vez mais significativo o peso das mulheres em alguns outros aspectos, como a decisão de retorno (uma vez que são elas que mantêm fortalecidos os vínculos familiares e afetivos no Brasil) ou a atuação, de variadas maneiras, na organização das comunidades brasileiras em Boston (Martes, 1996).

Segundo Martes (1996), as principais ocupações exercidas pelos migrantes brasileiros na Grande Boston estão relacionadas aos setores da construção civil (pintores, pedreiros), limpeza (restaurantes, hotéis, hospitais, faxinas domésticas), indústria de alimentos (cozinheiros, ajudantes de cozinha em restaurantes ou *fast-*

foods, garçom e ajudantes de garçom) e serviços de entrega (de pizza ou de jornais). A ocupação com maior remuneração, dentre todas as citadas, é a faxina doméstica, que pode pagar ao migrante de 20 a 38 dólares a hora (Martes, 1996). Por ser muito valorizada entre os migrantes (tanto homens quanto mulheres), a faxina doméstica é o centro de um mercado muito particular, que têm suas próprias regras de funcionamento e, como já citamos anteriormente, é um nicho do mercado secundário de trabalho dominado por mulheres.

Segundo a autora, quando as mulheres chegam aos Estados Unidos,

“(...) geralmente vão trabalhar em limpeza de hotéis, asilos ou hospitais (...) Elas permanecem pouco tempo nesses empregos, cerca de alguns meses, e rapidamente conseguem outro melhor remunerado e ‘menos duro’ (...) O passo seguinte é o de ‘comprar uma casa’²³ (...) O tempo necessário para preencher todos os horários disponíveis na semana varia de um a dois anos. Por isso muitos brasileiros chegam a trabalhar nos três períodos do dia, além dos fins de semana, para conseguir comprar um bom ‘lote de casas’” (Martes, 1996 : 21).

Há alguns motivos muito particulares, além da remuneração diferenciada, que fazem com que a faxina doméstica seja uma ocupação tão valorizada entre os migrantes. Segundo a autora, além da boa remuneração, que dignifica principalmente aqueles que ganhavam salários muito baixos no Brasil, e da idéia de *business*, as relações entre patrão e empregado são um importante elemento de valorização da faxina doméstica. A maioria dos entrevistados da amostra (tanto homens quanto mulheres) descreveu essa relação como de confiança e respeito.

²³ Prática descrita por Martes (1999) em que as migrantes envolvidas no *business* da faxina doméstica negociam postos de trabalho, no caso, casas de clientes americanos.

DeBiaggi (1996) apresenta como objetivo principal de um artigo²⁴ a análise da experiência das mulheres brasileiras como imigrantes nos Estados Unidos, enfocando principalmente seus papéis de gênero no âmbito da família, através de uma perspectiva muito particular devida à sua formação como psicóloga. Dessa forma, DeBiaggi (1996) chega a algumas conclusões importantes acerca do grupo migrante. É importante ressaltar que este artigo, em conjunto com alguns outros que trataremos mais adiante faz parte de um grupo de trabalhos realizados por pesquisadores do fluxo de brasileiros para os Estados Unidos que se preocuparam com os diferenciais por sexo ao longo de todo o projeto migratório atravessando a análise por gênero. Este artigo é o princípio de uma análise diferenciada, que busca um refinamento maior da pesquisa e uma busca por significados mais fiéis ao fenômeno migratório.

Segundo a autora, os processos de transformações por que passam as famílias que se organizam para enfrentar o projeto migratório não fazem parte de um fenômeno isolado, uma vez que outros estudos com outras famílias latinas apresentaram resultados semelhantes. Dessa forma,

“(...) problemas que parecem individuais e matrimoniais refletem geralmente experiências de choques econômicos e culturais. Melhor dizendo, o problema vivido pelo casal não é criado por uma ou outra pessoa ou por um problema daquele casal em particular. Há todo um contexto socioeconômico e cultural de mudança que leva cada pessoa dentro do âmbito familiar ou das relações pessoais a viver transformações em seus papéis sociais” (DeBiaggi, 1996 : 26).

Os diferenciais por sexo no fluxo de brasileiros para os Estados Unidos estão presentes durante toda a trajetória dos migrantes, desde a programação da viagem,

²⁴ *Mudança e crise na redefinição de papéis: as mulheres brasileiras lá fora*, Revista Travessia, número especial sobre mulheres migrantes, 1996.

os recursos utilizados para a concretização do projeto até as mudanças que ocorrem no interior das famílias que migram juntas ou não, e mesmo interfere na decisão ou não pelo retorno ao Brasil, em que momento se dá esse retorno e sobre quais motivações ele é finalmente concretizado (Sales, 1999; Fusco, 2000). A forma como os efeitos da migração atingem homens e mulheres é completamente diferente e causa transformações de naturezas específicas nos indivíduos e em suas famílias. É necessário, portanto, observar o fenômeno migratório diferente dos estudos que, a priori, classificavam o “migrante” como sendo do sexo masculino. A preocupação com a inserção das mulheres nos fluxos (no papel da reunificação familiar ou não), revelam nuances que, ainda que muitas vezes de forma sutil, diferenciam homens e mulheres no fenômeno migratório e, portanto, exigem uma análise mais apurada, que incorpore esses diferenciais e especificidades de ambos os sexos.

Assis (2004)²⁵ analisa as transformações nas relações de gênero e nos arranjos familiares ao longo do processo migratório. A autora acompanhou, além de famílias de migrantes nos Estados Unidos onde pode observar as mudanças nos arranjos familiares, homens e mulheres que migraram solteiros. No caso das mulheres, ainda que a maioria ainda migre acompanhada de cônjuges ou ainda de pais ou irmãos, é crescente o número daquelas que viajam sozinhas. Essa talvez seja a transformação mais significativa dessa corrente migratória nos últimos anos, como foi, há cerca de dez anos, a entrada das mulheres no fluxo migratório, ainda que em sua grande maioria, para cumprir o papel da reunificação familiar (Assis, 1999).

²⁵ *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros* é a tese de doutorado defendida por Assis (2004) no IFCH/ UNICAMP.

Capuano (2004)²⁶ analisa o fluxo de brasileiros para os Estados Unidos, já partindo de uma perspectiva diferenciada: enquanto que a maioria dos pesquisadores se concentra na região de Boston como principal local de destino dos brasileiros, Capuano voltou suas atenções para o sul da Flórida. Isto que permitiu à autora a redescoberta do fluxo migratório de brasileiros nos Estados Unidos, uma vez que, a partir do momento em que se modifica a referência geográfica de análise, modificam-se também as formas de organização dos migrantes, as diferentes relações estabelecidas com a sociedade de destino, bem como as relações com outros grupos migrantes. Muitos aspectos tratados na tese de Capuano permitiram à autora ora que se realizasse uma aproximação do grupo de brasileiros na Flórida com aqueles que se dirigem a Massachusetts, ora que se traçasse uma diferenciação, apontando especificidades dos dois grupos.

As transformações nas expectativas temporais do projeto migratório são uma das características que aproximam os dois grupos. O maior tempo de permanência nos Estados Unidos é observado de uma forma geral, principalmente devido a uma pressão feminina, uma vez que a inserção das mulheres no mercado secundário de trabalho é cada vez mais ampla, transformando as relações familiares e de gênero e dando autonomia às mulheres nas decisões domiciliares (Capuano, 2004; Assis, 2004; Pessar, 1999). A partir desta constatação, Capuano (2004) discute a questão da identidade e da formação de uma comunidade brasileira visível e atuante. Segundo a autora,

²⁶ *Bienvenido a Miami – A inserção dos migrantes brasileiros nos Estados Unidos da “América Latina”* é a tese de doutorado defendida por Capuano (2004) no IFCH/UNICAMP.

“(...) muito além de uma comunidade brasileira naquela região existem várias ‘comunidades brasileiras’, que não se diferenciam somente em determinadas situações, mas se diferenciam sempre, como regra. (...) Aqui, a diferença – e especialmente uma, a diferenciação de classes – não é uma exceção relacional mas sim a regra.” (Capuano, 2004 : 413).

Fechando esse ciclo de estudos ligados ao projeto mais amplo, a tese de doutorado de Fusco (2005)²⁷, seguindo a linha de sua dissertação de mestrado citada anteriormente (com a grande maioria dos dados explorados expostos em cruzamentos com a variável *sexo*), trata das redes sociais que ligam países de origem e destino em fluxos migratórios internacionais. As conexões Brasil – Estados Unidos (partindo das cidades de Criciúma – SC e Governador Valadares – MG) e Brasil – Japão (partindo da cidade de Maringá – PR) são pilares de sustentação para a construção de uma nova perspectiva de análise dessas redes sociais.

Segundo Fusco (2005), a grande maioria dos estudos refere-se à construção e à reconstrução da identidade ao longo de todo o processo migratório. O conceito de capital social, aplicado à migração internacional, trataria de outros aspectos menos abordados, mas de fundamental importância para a compreensão do fenômeno em sua totalidade. As redes sociais, os mecanismos de transferência, os recursos utilizados no projeto migratório, bem como os efeitos da continuidade dos fluxos são aspectos tratados neste trabalho, sempre com a preocupação de contemplar a análise das variáveis entre homens e mulheres, a fim de que as diferenças entre ambos em todas essas esferas apontem novas faces do fenômeno migratório.

²⁷ *Capital Cordial: a reciprocidade entre imigrantes brasileiros nos Estados Unidos* é a tese de doutorado defendida por Fusco (2005) no IFCH/UNICAMP.

Como veremos no capítulo a seguir, muitas são as críticas²⁸ que envolvem a ausência de uma abordagem teórica da migração internacional que diferencie homens e mulheres nos fluxos migratórios e nas redes sociais que se formam entre países de origem e destino. Muitos autores estudam diversos fluxos migratórios pelo mundo, sob os mais diferenciados aspectos. As diferenças existentes entre os sexos ao longo da trajetória migratória, no entanto, somente no final dos anos 90 é que começa a ganhar mais espaço (Assis, 1999).

O capítulo a seguir contemplará também o fluxo migratório que parte da cidade de Criciúma – SC em direção aos Estados Unidos, apontando os diferenciais por sexo no retorno migratório, bem como as variáveis que o condicionam e/ou o influenciam a decisão de voltar.

2.3 Algumas considerações sobre o retorno migratório

A migração de brasileiros para os Estados Unidos apresenta os mais diversos aportes para a análise, que podem se estender da teoria econômica (Scudeler, 1999) até a antropológica (Assis, 1995; 2004), passando pela política (Monteiro, 1997), pela sociologia (Sales, 1992) e ainda pela demografia (Fusco, 2005). Essa interdisciplinaridade indica a importância do retorno migratório como a face complementar deste fenômeno social. Segundo Sayad,

“A idéia de retorno está intrinsecamente circunscrita à idéia mesma de emigração e imigração. Não existe imigração em um lugar sem que tenha havido emigração a partir de outro lugar; não existe presença em qualquer lugar sem que não tenha a contrapartida de uma ausência alhures” (Sayad, 2000: 11).

²⁸ Pessar (1999); Boyd (1998)

Sayad (2000) expressa sua idéia de retorno migratório como um elemento constituinte da condição do migrante. No caso do fluxo de brasileiros para os Estados Unidos, muito pouco foi produzido acerca dos retornados, uma vez que o fluxo é recente e a proporção de retornados ainda não tenha superado a de ausentes no exterior. Especialmente, no fluxo que parte de Criciúma – SC, segundo dados obtidos no *survey*, o aumento das viagens em direção ao exterior é significativo no fim do século XX e início do XXI, em particular na virada do século, momento que também coincidiu com a aplicação dos questionários (2001). Ainda que a amostra de retornados seja muito reduzida, notamos, conforme exposto no capítulo a seguir, algumas peculiaridades entre eles e pudemos observar um leque de elementos que pode representar os condicionantes para o retorno migratório.

Consideramos como retornados, no entanto, todos aqueles migrantes que estavam presentes em Criciúma – SC no momento do *survey* (julho a agosto de 2001). A maior parte deles já estava presente no Brasil há mais de um ano e não apresentaram qualquer propensão à reentrada no fluxo migratório, como indícios de planejamento de uma nova viagem.

Recuperando a noção de retorno de Sayad (2000), como sendo elemento constituinte da condição própria do migrante, buscamos no fluxo de brasileiros para os Estados Unidos elementos que pudessem sustentar essa definição. A idéia do retorno é presente desde antes mesmo de o migrante deixar o país. O retorno faz parte do projeto migratório tanto quanto a própria viagem de ida. Os objetivos que impulsionam a migração de brasileiros para os Estados Unidos têm em si, cravados, a idéia do retorno migratório: trabalhar muito, economizar todo o dinheiro possível e investir no Brasil seja num imóvel, num carro, num negócio. O retorno seria, *a priori*, a concretização do projeto com sucesso perante a família e os amigos deixados no Brasil (Assis, 1996).

À medida que o tempo vai passando nos Estados Unidos, no entanto, a idéia do retorno se torna cada vez mais distante. Além das dificuldades enfrentadas para a própria manutenção nos Estados Unidos, o medo de voltar, de investir todas as economias e perder tudo, de não se adaptar, tornam o retorno ao Brasil um sonho distante. Assis (1995) na análise das cartas dos migrantes que serviram de base para sua dissertação de mestrado, chama a atenção para a de uma migrante que definiu suas expectativas em relação ao retorno migratório.

“Achávamos que deixar o Brasil seria a coisa mais difícil que faríamos na vida (...) Mas a idéia de voltar é muito pior” (Assis, 1995 : 47).

As redes sociais são as principais mantenedoras da idéia de retorno migratório (Sayad, 2000; Lyra, 2003). Os brasileiros nos Estados Unidos mantêm laços muito estreitos com o Brasil, seja através de cartas, telefonemas e mensagens eletrônicas enviadas constantemente (Assis, 1995); através de remessas (Martes, 2004); ou, através da própria manutenção da identidade étnica nos Estados Unidos (Sales, 1999). Esse conjunto de elementos, muitas vezes imensuráveis, acaba por influenciar a decisão pelo retorno ao Brasil, mesmo que não seja em caráter definitivo.

Pudemos observar, no entanto, através dos dados disponíveis no banco relativo a Criciúma - SC, alguns elementos que podem ser condicionantes da migração de retorno dos Estados Unidos para o Brasil. A bibliografia internacional chama a atenção para alguns elementos que, de acordo com pesquisas relativas a outros fluxos migratórios²⁹, têm se mostrado freqüentemente como motivos alegados para retornar ao país de origem, ou, ainda, quando a pesquisa não é realizada com fins específicos de análise do retorno (como é o caso do *survey* que

²⁹ Pessar (1999) analisa o fluxo de dominicanos nos Estados Unidos; Boyd (1996) analisa o fluxo de caribenhos nos Estados Unidos.

utilizaremos), quando filtrados na análise apenas os retornados, questões relativas a casamento, a trabalho e a filhos e formação de família surgem constantemente.

Desse modo, no capítulo a seguir, busca-se resgatar os diferenciais por sexo no banco de dados do *survey* de Criciúma, começando por um perfil demográfico geral da amostra para depois tratarmos especificamente dos dados referentes aos diferenciais por sexo dos migrantes retornados, considerando os seguintes condicionantes à propensão ao retorno: ocupação, situação conjugal e presença de filhos.

Capítulo 3 – Evidências empíricas do caso de Criciúma

Os diferenciais por sexo nas análises de migração internacional têm sido cada vez mais utilizados por pesquisadores que observaram que, ainda que as causas estruturais da migração pareçam neutras em relação ao gênero, os impactos dessas estruturas nos indivíduos envolvidos no processo não o são (Boyd, 1998; Grieco, 1998).

Somente a partir de meados da década de 90 é que as pesquisas deixaram de ser, como define a crítica internacional, insensíveis quanto ao gênero (Pessar, 1999). A entrada das mulheres em fluxos migratórios internacionais e a participação cada vez mais intensa delas em todos os planos que envolvem o fenômeno chamam a atenção para as diferenças entre homens e mulheres ao longo do processo migratório, principalmente para os diferentes impactos da migração em esferas masculinas e femininas e ainda, para as transformações que vêm se consolidando nos últimos anos (Grieco, 1998).

Uma análise do fluxo que parte de Criciúma – SC para os Estados Unidos que incorporasse a perspectiva de gênero, não pode ser realizada se utilizarmos apenas as variáveis disponíveis no banco de dados. O *survey* realizado na cidade em 2001 não foi preparado com esse objetivo e, portanto, as informações são limitadas frente a essa perspectiva de análise.

Assis (2004), no entanto, associou os dados colhidos em Criciúma – SC a uma pesquisa de campo realizada em Boston e aí sim teve meios para incorporar o gênero à análise do fluxo migratório, dedicando-se principalmente às transformações ocorridas nos arranjos familiares devidas a impactos da migração e os efeitos dessas transformações nas próprias relações de gênero.

O banco de dados nos permite, por outro lado, tratar dos diferenciais por sexo em qualquer dimensão. Optamos pelo retorno migratório, uma vez que é um

recorte pouco realizado do fluxo de brasileiros para os Estados Unidos e permite uma associação com a bibliografia internacional, que têm chamado a atenção para os condicionantes do retorno migratório em diversos fluxos.

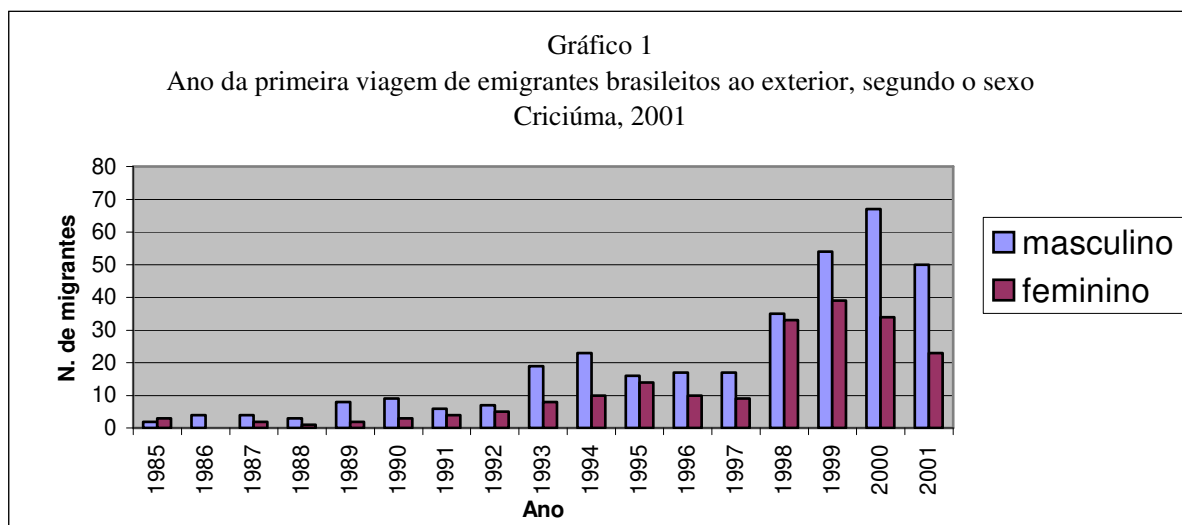
Daremos início, então, à análise dos dados³⁰, começando por um perfil geral da amostra de Criciúma – SC e depois tratando especificamente dos migrantes retornados.

3.1 Perfil da amostra de Criciúma – Santa Catarina

A pesquisa de campo realizada em Criciúma – SC contou com um total de casos válidos de 566 migrantes. As informações disponíveis no questionário, em sua primeira parte, são direcionadas a todos os integrantes dos domicílios onde pelo menos um deles tem experiência migratória internacional. O perfil geral da amostra de Criciúma – SC, que apresentaremos a seguir, no entanto, diz respeito somente às informações exclusivas dos migrantes (total de 566) e servirá como contextualização da população migrante geral para depois tratarmos das informações referentes apenas aos retornados (total de 144).

A dimensão temporal do fenômeno migratório em Criciúma é mostrada no Gráfico 1.

³⁰ A exemplo de Fusco (2005), todas as referências aos dados do *survey* realizado em Criciúma - SC constarão como Sales (2001).



Fonte: Sales, 2001.

Podemos observar no Gráfico 1 que é justamente nos três últimos anos do século XX que se dá o maior número de saídas de migrantes criciumenses ao exterior. Há um aumento significativo entre os anos de 1992 e 1994, quando se encerra a era Collor e a moeda brasileira muda para o Real, com valor inicial próximo à cotação do dólar (Sales, 1999). Esses fatores certamente influenciaram no aumento de saídas do período. Mas é a partir de 1998 que o fluxo ganha força e os migrantes criciumenses entram em maior número no projeto migratório.

Outra informação importante é que, ainda que as mulheres migrem em números absolutos menores, sempre estiveram presentes ao longo da distribuição dessas viagens. Em alguns fluxos migratórios internacionais, também de caráter ilegal, é comum que os homens migrem num primeiro momento, se estabeleçam e só aí migrem as mulheres (Pessar, 1999). No caso do fluxo que parte de Criciúma, as mulheres sempre participaram do processo, não havendo um momento de maior crescimento do número absoluto de mulheres muito diferente em relação àquele

observado entre os homens. O que é importante saber é se essas mulheres migraram para acompanhar familiares ou se o fizeram por conta própria. A Tabela 1, a seguir, relaciona, segundo o sexo, a população migrante com o acompanhante na primeira viagem ao exterior.

Tabela 1: População migrante segundo acompanhante na primeira viagem, por sexo
Criciúma, 2001

Acompanhante	Distribuição Relativa (%)		
	Masculino	Feminino	Total
Sozinho	42,7	39,3	41,4
Parentes	28,8	41,8	33,6
Amigo/a	24,4	13,9	20,6
Outros Parentes	4,1	5,0	4,4
Total (N)	353	211	564
Total %	100,0	100,0	100,0

Fonte: Sales, 2001

De acordo com os dados da Tabela 1, a maioria das mulheres viaja ao exterior acompanhada de familiares. A proporção daquelas que viajam sozinhas, no entanto, não é muito distante das que o fazem acompanhadas. Essa é certamente uma característica dos fluxos migratórios do final do século XX, que contam com uma participação, em números absolutos, cada vez maior das mulheres, que têm se arriscado sozinhas cada vez mais frequentemente no projeto migratório (Pessar, 1999).

Os diferenciais por sexo, no entanto, surgem de forma mais evidente, se analisarmos as diferentes estratégias³¹ utilizadas por homens e mulheres para a

³¹ Definimos como estratégia toda a preparação para a primeira viagem ao exterior: obtenção de recursos financeiros para a realização da viagem, auxílio para a obtenção do primeiro emprego no exterior, e primeira hospedagem no local de destino.

entrada e permanência no fluxo migratório. Já sabemos que, ainda que o número absoluto de homens seja maior que o de mulheres, elas migram em grande parte sozinhas e, como veremos a seguir, fazem uso de diferentes recursos ao longo do projeto. A Tabela 2 apresenta as fontes de recursos utilizadas por homens e mulheres na primeira viagem ao exterior.

Tabela 2: População migrante de acordo com a fonte de recursos financeiros, de hospedagem e emprego em sua primeira viagem ao exterior, segundo o sexo
Criciúma, 2001

Fonte	Distribuição relativa (%)					
	Recursos financeiros		Hospedagem		Emprego	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Próprios	50.6	33.8	10.2	6.5	14.8	12.7
Parentes	43.3	54.7	42.2	49.3	31.5	38.0
Amigo/a	2.9	5.5	43.9	35.3	49.5	42.8
Ag. Recrutamento	0.6	1.5	0.6	1.5	0.3	0.5
Outros	2.6	4.5	3.1	7.4	3.9	6.0
Total (N)	344	201	344	201	311	166
Total %	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0

Fonte: Sales, 2001

Homens e mulheres utilizam, de diferentes maneiras, os recursos disponibilizados pelas redes sociais de parentesco e amizade (Assis, 2004). No caso de Criciúma – SC, as mulheres recorrem mais freqüentemente ao auxílio oferecido por parentes nos três campos: recursos financeiros para a primeira viagem, a primeira hospedagem no país de destino e a obtenção do primeiro emprego. Os homens, por outro lado, viajam em sua maioria através de recursos próprios e tanto para a hospedagem, quanto para a obtenção do primeiro emprego, recorrem a ajuda de amigos. De uma forma geral, no entanto, os homens recorrem menos

freqüentemente às redes, enquanto que as mulheres as acionam muito mais. Assis (2004) ressalta a importância das mulheres no fluxo migratório não apenas como usuárias mais freqüentes das redes sociais:

“Pesquisas recentes têm demonstrado a importância das mulheres nos fluxos migratórios contemporâneos como articuladoras de redes sociais na migração. Estas redes familiares e de parentesco são fundamentais tanto para aqueles que pretendem empreender a ‘aventura’ de migrar quanto para auxiliar nos momentos da chegada no local de destino” (Assis, 1994 : 137).

Podemos observar, então, que as mulheres, além de usuárias mais freqüentes, são também as responsáveis pela expansão das redes. Segundo Fusco,

“(...) quem se apóia em laços sociais (...) na maioria dos casos, fica com a obrigação de retribuir o favor, multiplicando as conexões da rede social”.(Fusco, 2002 : 163)

As redes sociais e todos os elementos que as compõem de uma maneira ampla (o auxílio recebido nos primeiros momentos do projeto migratório, a circulação de informações, de favores) são diferentes para homens e mulheres e têm se constituído como importante perspectiva de análise das migrações internacionais. Segundo Piselli,

“(...) o conceito de rede social é particularmente adequado para a análise das migrações do ponto de vista da diferença sexual: para reconstruir as trajetórias das mulheres, as dinâmicas das suas escolhas do ponto de partida ao ponto de chegada; para identificar o papel das mulheres nas estratégias de reprodução econômica, cultural e social dos grupos étnicos” (Piseli, 1998 : 72).

Fazendo a ponte entre a utilização das redes sociais e o próprio retorno migratório, estão as remessas de dinheiro para o Brasil. Segundo Martes (2004), as remessas de dinheiro para o Brasil mantêm teso o fio que liga origem e destino. Além disso, as remessas fazem parte do plano migratório antes mesmo deste se tornar uma realidade, principalmente quando o migrante deixa a família no Brasil. A Tabela 3, a seguir, distribui, segundo o sexo, a população migrante de acordo com as remessas para o Brasil.

Tabela 3: População migrante e remessas financeiras ao país de origem, segundo o sexo Criciúma, 2001

Remessas financeiras	Distribuição Relativa (%)		
	Sexo		
	Masculino	Feminino	Total
Não remete	33,0	57,9	41,9
Remete p/ manter a família	42,9	21,3	35,2
Remete p/ investimento	19,1	14,1	17,3
Outra finalidade	5,0	6,7	5,6
Total (N)	353	211	564
Total %	100,0	100,0	100,0

Fonte: Sales, 2001.

Dentre o total de migrantes da amostra de Criciúma – SC, 41,9% deles afirmaram não remeter dinheiro para o Brasil, seja para a manutenção dos familiares ou para investimentos. Ainda assim, a maioria entre os homens afirma remeter dinheiro para o sustento da família. Segundo Pessar (1999), as mulheres que migram com os maridos têm passado, cada vez mais freqüentemente, por processos de ganho de autonomia dentro da família. Essas transformações vêm ocorrendo principalmente devido à expansão do uso da mão de obra feminina por empregadores americanos. Cada vez em maior número, as mulheres têm ocupado

postos de trabalho exercidos apenas por homens no começo dos fluxos migratórios. Todos esses processos fazem com que os homens percam grande parte da autonomia que possuíam no país de origem.

Pessar (1999) observou, no entanto, que as mulheres, mesmo as que deixavam filhos no país de origem, não remetiam dinheiro em sua maioria, enquanto que os homens o faziam com muito mais frequência. Segundo a autora, o dinheiro remetido por esses homens é aquele ganho pelas mulheres, que em geral recebiam salários mais altos que os homens. As remessas para o país de origem, no entanto, seguiam em nome dos homens, ainda que as responsáveis pelas economias e pela decisão de quanto enviar sejam as mulheres.

Não podemos afirmar que o mesmo acontece no fluxo Criciúma – SC para os Estados Unidos. Os dados mostram apenas que os homens remetem dinheiro para o Brasil em maior proporção (67,0%) que as mulheres e a maioria desses que remetem o fazem para manter a família. Ainda assim, 42,1% das mulheres declararam remeter dinheiro para o Brasil.

Antes de tratarmos exclusivamente da população migrante retornada do fluxo de Criciúma – SC em direção aos Estados Unidos, algumas outras características do total da amostra são importantes até para servirem de parâmetros para comparações futuras. As distribuições relativas da amostra de acordo com a idade e com a condição no domicílio são mostradas pelas Tabelas 4 e 5, a seguir.

Tabela 4: População migrante por grupos de idade, segundo sexo, na primeira viagem ao exterior Criciúma, 2001

Grupos de idade	Distribuição Relativa (%)		
	Masculino	Feminino	Total
0-4	2,5	2,8	2,7
5-9	2,8	2,4	2,7
10-14	2,5	4,2	3,2
15-19	2,3	4,7	3,2
20-24	16,1	19,8	17,5
25-29	19,2	19,3	19,3
30-34	17,0	17,0	17,0
35-39	13,6	12,3	13,1
40-44	13,0	6,1	10,4
45-49	3,7	2,8	3,4
50-54	4,0	3,8	3,9
55-59	0,8	1,9	1,2
60 ou mais	2,2	2,9	2,4
Total (N)	354	212	566
Total (%)	100,0	100,0	100,0

Fonte: Sales, 2001

A idade é um importante fator de seletividade de fluxos migratórios (Martes, 1999; Soares, 1999; Assis, 1999; Sales, 1999; Fusco, 2000; Sasaki, 2000). Partindo dos dados da Tabela 4, podemos afirmar que o grupo migrante tem idade concentrada na faixa entre os 20 e os 34 anos, o que caracteriza uma população jovem, no auge de sua idade produtiva. A maior parte desses migrantes que partiram de Criciúma em direção aos Estados Unidos afirmaram que o fizeram de maneira ilegal: 88,4% entre os homens e 83,2% entre as mulheres. O alto risco do

projeto migratório somado ao trabalho braçal e pesado (Scudeler, 1999) realizado no exterior acaba selecionando os mais jovens na população de Criciúma – SC. Outro dado importante é que os homens entre os 40 e os 49 anos se arriscam duas vezes mais que as mulheres: 16,7% deles viajam pela primeira vez ao exterior nessa faixa etária, enquanto que apenas 8,9% das mulheres migram pela primeira vez entre os 40 e os 49 anos.

A Tabela 5, a seguir, apresenta a população migrante de Criciúma – SC distribuída de acordo com a condição no domicílio.

Tabela 5: População migrante por condição no domicílio, segundo sexo
Criciúma, 2001

Condição no domicílio	Distribuição Relativa (%)		
	Masculino	Feminino	Total
Chefe	32,3	6,6	22,7
Cônjuge	7,9	23,2	13,7
Filho/a	43,2	59,2	49,2
Irmão/Irmã	3,1	3,9	3,4
Outros Parentes	13,5	7,1	11,0
Total (N)	354	212	566
Total (%)	100,0	100,0	100,0

Fonte: Sales, 2001.

Associando os dados das duas últimas tabelas, podemos observar que os jovens entre os 20 e os 34 anos se arriscam em maior número no projeto migratório. E grande parte deles ocupa a posição de filho ou filha em relação ao chefe de família de seus domicílios. Entre os homens, a proporção de chefes de

família que entram no fluxo migratório também é alta, 32,3%, enquanto que para as mulheres, as chefes de família não apresentam grande peso.

A seletividade do processo migratório é um conjunto de fatores que condicionam a entrada de grupos específicos em fluxos migratórios distintos (Piselli, 1998). A ilegalidade é uma das principais marcas dos fluxos que partem de países em desenvolvimento para os Estados Unidos (Sales, 1999). Dessa maneira, jovens, em sua maioria homens, que ocupam a posição de filhos em seus domicílios no país de origem, entre 20 e 34 anos, constituem o maior grupo entre a amostra de migrantes entrevistada em Criciúma – SC, em 2001.

Dadas algumas das principais características do total da amostra de migrantes, trataremos, a seguir, exclusivamente dos dados relativos àqueles que retornaram dos Estados Unidos, buscando os diferenciais por sexo existentes ao longo de toda a trajetória migratória do grupo, e também os fatores que possam ter condicionado o retorno ao Brasil.

3.2 A população migrante retornada: características gerais

A primeira pergunta que nos fizemos frente à população retornada do fluxo Criciúma - SC – Estados Unidos foi se alguma das variáveis do perfil geral da amostra (como as que enumeramos no item anterior) apresentaria alguma especificidade em relação aos diferenciais por sexo. Daremos início então à análise da população retornada através de sua distribuição por idade, ano da primeira viagem ao exterior, condição no domicílio e acompanhante na primeira viagem ao exterior.

Tabela 6: População migrante retornada por grupos de idade ao migrar, segundo sexo Criciúma, 2001

Grupos etários	Distribuição Relativa (%)		
	Sexo		
	Masculino	Feminino	Total
Menores de 10 anos	5,1	4,3	4,8
10 a 19 anos	5,1	6,5	5,5
20 a 24 anos	9,1	13,0	10,4
25 a 29 anos	17,3	15,4	16,6
30 a 34 anos	22,4	21,7	22,2
35 a 39 anos	13,2	15,2	13,8
40 a 44 anos	13,2	10,8	12,5
45 a 49 anos	2,0	4,3	2,7
50 e +	12,2	8,6	11,1
Total (N)	98	46	144
Total (%)	100,0	100,0	100,0

Fonte: Sales, 2001.

Em relação à distribuição relativa por idade, constatamos de acordo com os dados da Tabela 6, que a população migrante de retornados apresenta-se de forma muito parecida com o total da amostra. Entre os 20 e os 34 anos, em idade produtiva, encontra-se a maior concentração do grupo. Por outro lado, os migrantes acima dos 40 anos entre os retornados têm um peso relativo maior em relação à população total da amostra, principalmente entre as mulheres.

A Tabela 7 mostra os migrantes retornados em função do ano da primeira viagem ao exterior.

Tabela 7: População migrante retornada por ano da primeira viagem ao exterior, segundo sexo
Criciúma, 2001

Ano da primeira viagem	Distribuição Relativa (%)		
	Masculino	Feminino	Total
Até 1989	12,4	2,1	9,02
1990 a 1993	19,3	15,2	18,0
1994 a 1997	29,5	32,6	3,05
1998 a 2001	38,7	50,0	42,3
Total (N)	98	46	144
Total (%)	100,0	100,0	100,0

Fonte: Sales, 2001.

Nota-se que a maior parte dos migrantes, mesmo dos retornados, migrou entre 1998 e 2001. Se voltarmos ao Gráfico 1, poderemos verificar que para o total da amostra esses foram os anos de maior número de entradas no fluxo migratório em números absolutos. Por se tratar de migrantes retornados, poderíamos pensar que se trataria daqueles que migraram há mais tempo, no começo do fluxo migratório. O que se pode observar no caso de Criciúma – SC, no entanto, é que esses migrantes permanecem menos tempo nos Estados Unidos, ao contrário do que se pode observar no caso dos mineiros de Governador Valadares, que acabam estendendo, muitas vezes por tempo indeterminado, a permanência no exterior (Sales, 1999).

A Tabela 8 apresenta a distribuição relativa dos migrantes retornados em função da condição no domicílio no país de origem, segundo o sexo.

Tabela 8: População migrante retornada por condição no domicílio, segundo sexo
Criciúma, 2001

Condição no domicílio	Distribuição Relativa (%)		
	Sexo		
	Masculino	Feminino	Total
Chefe	53,0	10,8	39,5
Cônjuge	4,0	43,4	24,4
Filho/a	35,7	41,3	37,5
Irmão/Irmã	2,0	2,1	2,0
Outros Parentes	5,0	2,1	4,0
Total (N)	98	46	144
Total (%)	100,0	100,0	100,0

Fonte: Sales, 2001.

A ocupação nos domicílios do país de origem entre os migrantes retornados também não é muito diferente daquela apresentada pelo total da amostra. É importante observar, no entanto, a maior proporção entre as mulheres que são chefes de família: 10,8% delas ocupavam o cargo de chefia domiciliar no momento do *survey*. Pessar (1999) e Boyd (1990), em pesquisas distintas, apontavam para uma mudança da posição das mulheres na condição familiar mesmo após o retorno migratório. O ganho de autonomia ao longo do processo transformava as relações de gênero e as posições nos domicílios. De acordo com o banco de dados, não podemos afirmar que tais transformações ocorreram nos domicílios criciumenses, uma vez que dispomos apenas da informação no momento da pesquisa de campo.

A Tabela 9 apresenta os migrantes retornados distribuídos em função do acompanhante na primeira viagem ao exterior.

Tabela 9: População migrante retornada segundo acompanhante na primeira viagem, por sexo Criciúma, 2001

Acompanhante	Distribuição Relativa (%)		
	Masculino	Feminino	Total
Sozinho	43,8	36,9	41,6
Parentes	56,1	63,1	58,4
Total (N)	98	46	144
Total %	100,0	100,0	100,0

Fonte: Sales, 2001

Entre os retornados, a maior parte deles, tanto homens quanto mulheres, viajam acompanhados de parentes. Nenhum migrante retornado declarou ter sido acompanhado por um amigo em sua primeira viagem ao exterior. No entanto, poderíamos pensar que o grupo de retornados, se viaja em maior parte acompanhada por parentes, viaja acompanhada pelos pais (já que a maioria, como vimos na Tabela 8, ocupa a posição de filho no domicílio), ou pelo cônjuge. Não é isso o que se observa, porém, entre os migrantes criciumenses retornados. Os que declararam ter sido acompanhados por parentes na primeira viagem ao exterior, o fizeram em companhia de irmãos - resposta mais declarada entre os homens - e por filhos, resposta mais declarada entre as mulheres. É importante saber se essas mulheres que viajaram acompanhadas de seus filhos o fizeram para encontrar seus cônjuges nos Estados Unidos – o que caracterizaria a reunificação familiar – ou se viajaram por conta própria. Assim, pode-se supor que as mulheres que viajaram ao encontro de seus cônjuges receberam a ajuda deles no planejamento da viagem e na hospedagem, uma vez que, se um membro da família migra antes para reunificá-la posteriormente no país de destino, o faz para preparar as condições para a chegada

dos parentes (Grieco, 1998). De fato, na Tabela 10 nota-se as fontes de auxílio recebido pelos migrantes retornados nos primeiros momentos no exterior.

Tabela 10: População migrante retornada de acordo com a fonte de recursos financeiros, de hospedagem e emprego em sua primeira viagem ao exterior, segundo o sexo Criciúma, 2001

Fonte	Distribuição relativa (%)			
	Recursos financeiros		Hospedagem	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Próprios	61,2	39,7	10,2	8,7
Parentes	38,7	60,3	89,8	91,3
Total (N)	98	46	98	46
Total %	100.0	100.0	100.0	100.0

Fonte: Sales, 2001

A Tabela 10 mostra que as mulheres, da mesma maneira como no total da amostra, acionam as redes sociais com mais intensidade. Para a obtenção de recursos para a primeira viagem, 60,3% delas recorreram à ajuda de parentes e para a hospedagem, 91,3%. Entre os homens, a maior parte contou com recursos próprios para a realização da viagem, enquanto que, para a hospedagem no país de destino, 89,8% deles contaram com a ajuda de parentes, índice muito diferente do observado para a população total da amostra, que era de 42,2%.

Ainda é preciso saber, no entanto, a que natureza pertence esse auxílio. Sabemos até o momento que provém de parentes. Mas para saber se há ou não a reunificação familiar, é necessário conhecer que membro da família forneceu essa ajuda. Entre os homens, a maioria deles contou com a ajuda de primos (35%) e tios (27%). Já entre as mulheres, a resposta mais freqüente para a obtenção dos recursos para a primeira viagem, foi dos pais (42%), enquanto que para a hospedagem nos Estados Unidos, a principal fonte de ajuda foi de primos (37%) e de irmãos (23%).

Não podemos descartar completamente a hipótese da reunificação familiar levando em consideração apenas a ajuda recebida pelas mulheres que migraram, embora seja esperado que, nesse caso, o cônjuge tivesse uma maior participação no auxílio. Podemos afirmar, no entanto, que há fortes indícios de que essas mulheres hoje retornadas migraram por conta própria, a exemplo do que vêm sendo observado em outros tantos fluxos migratórios internacionais (Boyd, 1998; Grieco, 1998; Piselli, 1998; Pessar, 1999; Assis, 2004).

Vistas as características gerais na população total da amostra e algumas informações sobre os retornados, passaremos à análise dos diferenciais por sexo da população migrante retornada, em função de três grupos de variáveis que vêm sendo colocadas por alguns autores como condicionantes do retorno migratório em fluxos internacionais.

Pessar (1999) delimita um leque de variáveis que se relacionam diretamente com o retorno migratório tanto de homens quanto de mulheres (mas com diferenciais claramente definidos) em suas pesquisas de fluxos migratórios partindo de países em desenvolvimento com direção aos Estados Unidos.

Essas variáveis estariam dispostas em três grandes esferas: a ocupação, o casamento e a presença de filhos. Segundo a autora,

“o trabalho exercido no exterior, ainda que pareça bem recompensado, é um fator de grande desgaste para o migrante, principalmente para aquele que se preparou em seu país de origem para o exercício de uma outra função qualquer. A decepção com seu país natal seja com a economia, com a política ou com qualquer outro fator que o possa ter impulsionado para a migração, não torna mais simples o exercício de uma tarefa que não é aquela para a qual ele se preparou, ou para a qual se sente apto (...) Depois de algum tempo, o trabalho fica cada vez mais pesado e o que antes era um dos principais motivos

para migrar – ‘bons’ salários em trabalhos sem qualquer qualificação – acaba se tornando motivação para retornar ao país de origem”³² (Pessar, 1999 : 148).

O migrante brasileiro se insere no mercado secundário de trabalho nos Estados Unidos (Scudeler, 1999; Sales, 1999; Fusco, 2000). Dessa maneira também acaba exercendo funções aquém de suas habilidades, em busca de salários mais altos. De acordo com a teoria de Pessar (1999), um dos pilares para o retorno migratório seria justamente a inserção nesse mercado de trabalho secundário e a decepção com o exercício das novas funções. Aplicaremos, então, para essa primeira esfera, o mesmo modelo de Pessar (1999): há disponíveis no banco de dados, conforme descrevemos no primeiro capítulo dessa dissertação, informações sobre a ocupação dos migrantes em três momentos distintos: antes de migrar, durante e depois do retorno e no momento da pesquisa. Associaremos a esses dados, no entanto, aqueles referentes à escolaridade dos migrantes, para que possamos ter um panorama desde a formação até a ocupação que exerceram em todos os momentos ao longo do processo migratório.

A segunda esfera de variáveis diz respeito à nupcialidade. A mudança no estado civil, tanto o casamento quanto a separação, podem servir de trampolim para o início do projeto migratório ou para a decisão pelo retorno (Pessar, 1999; Boyd, 1998; Grieco, 1998). Dessa maneira, tomaremos também, em nosso trabalho, não só o casamento mas qualquer mudança no estado civil dos migrantes retornados como um segundo pilar de sustentação do retorno migratório. Para tanto, verificaremos através dos dados³³ se os homens e as mulheres retornados dos Estados Unidos para Criciúma – SC mudaram seu estado civil ao longo do processo

³² Tradução livre da pesquisadora.

³³ Contaremos também com algumas verbalizações de entrevistados anotadas nos questionários por entrevistadores no momento da pesquisa de campo.

e em que medida eles atribuem peso a essas mudanças quando relacionadas ao retorno.

A terceira esfera, segundo alguns autores³⁴, condicionante do retorno migratório em fluxos internacionais é a presença de filhos. Segundo Boyd (1990), o nascimento de um filho no país de destino condiciona os migrantes a repensarem a realidade migratória e a que deixaram no país de origem. Por outro lado, o nascimento de uma criança no país de origem, quando a família não é unificada no exterior, provoca também uma inclinação ao retorno. De acordo com a autora, as principais articuladoras do retorno migratório condicionado pelo nascimento de filhos são as mulheres. Segundo Boyd (1990) a maioria das mulheres, mesmo aquelas que ainda não têm filhos mas estão no exterior, sonha em retornar ao país de origem principalmente para constituir família.

Somada à experiência dessas autoras em fluxos migratórios internacionais, buscaremos também no retorno migratório dos Estados Unidos para Criciúma – SC, a influência exercida pela carga de filhos de uma família na decisão pelo retorno migratório. Lyra (2003) analisa a migração de retorno de São Paulo para Pernambuco e trata das relações de dependência entre os migrantes. Segundo a autora,

“(...) quanto maior a carga de membros da família sobre o chefe, maiores são as dificuldades enfrentadas na decisão de migrar e vice-versa” (Lyra, 2003: 172).

Ainda que autora trate de migração interna brasileira, tomaremos também como condicionante do retorno migratório dos Estados Unidos para Criciúma – SC a carga de membros da família sobre o chefe, tratando exclusivamente dos filhos.

³⁴ Pessar (1999); Boyd (1998), Piselli (1998).

“Mesmo quando a família se encontra junta no exterior (no mesmo momento ou através de reunificação posterior), dificilmente estará disposta em um núcleo muito extenso, sendo, em grande maioria, um casal com seus filhos por domicílio³⁵” (Pessar, 1999: 148).

Desde já podemos afirmar que essas três esferas atingem de formas muito diferentes, e em momentos diferentes, homens e mulheres. Os dados relativos à cidade de Criciúma – SC poderão revelar quais, e em que medida, essas esferas de variáveis podem influenciar o retorno migratório deste fluxo Estados Unidos → Brasil.

3.3 Possíveis Condicionantes do Retorno Migratório

3.3.1 Situação Ocupacional

“Fiquei quase dois anos desempregada no Brasil, vivendo de fazer ‘bico’. Uma amiga viajou pros Estados Unidos e conseguiu emprego em uma semana. Juntei uma grana e fui atrás dela na hora”.

(C. S., 34 anos, solteira. Ajudante de limpeza num asilo nos Estados Unidos. Secretária no Brasil. Migrou para os Estados Unidos em 1998 e retornou ao Brasil em 2000).

“Voltei porque não agüentava mais limpar banheiro de americano. Não estudei para isso”.

(M. G. 32 anos, casada. Faxineira num restaurante nos Estados Unidos. Professora do ensino fundamental no Brasil. Migrou para os Estados Unidos em 1999 e retornou ao Brasil em 2000).

O motivo mais freqüentemente alegado pelos migrantes retornados a Criciúma – SC para terem ingressado no projeto migratório foi justamente a questão ocupacional associada a salários mais altos do que os recebidos no Brasil.

³⁵ Tradução livre da pesquisadora

Entre os homens, 84,6% responderam ao questionário afirmando que migraram para trabalhar. Entre as mulheres, o número é de 63,0%, considerado alto, uma vez que até o início da década de 90, as poucas mulheres que entravam em correntes migratórias internacionais o faziam para reunificar a família (Assis, 2004). Isso não significa, porém, que aquelas que migraram, não o fizeram também para encontrar a família já no exterior. A transformação importante é justamente o fato de essas mulheres terem entrado no mercado de trabalho secundário americano, estarem concorrendo com os homens e vendo no trabalho uma motivação para a entrada num projeto migratório arriscado: de longa distância e, em grande maioria, ilegal.

Além da motivação para migrar, outra variável que podemos incluir na esfera da situação ocupacional é a escolaridade do migrante. A escolaridade, além de uma *proxy* da qualificação de um indivíduo frente a uma determinada tarefa, é também um importante elemento de seleção antes mesmo do início do projeto migratório (Scudeler, 1999; Sales, 1999). A Tabela 11 a seguir mostra os migrantes retornados a Criciúma – SC distribuídos de acordo com sua escolaridade e como os diferenciais por sexo já atribuem pesos diferentes a homens e mulheres em relação a essa variável.

Tabela 11: População migrante retornada segundo escolaridade, por sexo
Criciúma, 2001

Níveis de escolaridade	Distribuição Relativa		
	(%)		
	Masculino	Feminino	Total
Ensino Fundamental Incompleto	22,4	21,7	22,2
Ensino Fundamental completo	16,3	13,0	15,2
Ensino Médio Incompleto	15,3	8,6	13,1
Ensino Médio Completo	26,5	15,2	22,9
Ensino Superior Incompleto	11,2	19,5	13,8
Ensino Superior Completo	6,1	21,7	11,1
Total (N)	98	46	144
Total %	100,0	100,0	100,0

Fonte: Sales, 2001

A população migrante retornada que apresenta os mais baixos níveis de escolaridade da amostra – ensino fundamental incompleto – é relativamente grande em relação ao total: aproximadamente um quarto entre os homens e as mulheres. A maioria dos migrantes, no entanto, tem o ensino fundamental incompleto ou completo. Um grande diferencial se dá entre as mulheres: 21,7% delas (embora seja essa também a proporção das que não têm o ensino fundamental completo) apresentam ensino superior completo, enquanto que apenas 6,1% dos homens estão nessa condição. De uma maneira geral, no entanto, as mulheres apresentam um número maior de anos de escolarização em comparação com os homens (Beltrão, 2004; Diniz, 2004). Não apenas entre os migrantes retornados a Criciúma – SC, mas em relação à população total, principalmente nos níveis de escolarização mais elevados, as mulheres são maioria. Ainda assim esse é um dado importante se o associarmos a motivações para migrar e à trajetória dessas mulheres que se prepararam para o exercício de uma determinada função e optaram por exercer uma

outra muito aquém de suas capacidades, num país estrangeiro. Segundo Pessar (1999), esse hiato entre a profissão escolhida (e muitas vezes exercida por algum tempo no país de origem) e aquela exercida no mercado de trabalho secundário do país de destino é motivo de grande desgaste ao longo da trajetória migratória.

Preparados ou não para o exercício de uma outra função que não aquela que exerceram no país de destino, o fato é que a ocupação é um fator de influência importante tanto na decisão de migrar quanto na decisão de retornar (Pessar, 1999). Analisaremos a questão ocupacional entre os migrantes retornados a Criciúma – SC baseados em três dados diferentes: começaremos com a ocupação exercida no Brasil antes do ingresso no projeto migratório. A seguir, analisaremos a primeira ocupação exercida no exterior, e, por fim, a ocupação exercida no momento do *survey*, após o retorno. A partir desses três momentos, poderemos verificar se entre esses migrantes houve mudanças significativas no que se relaciona à ocupação e em que medida a migração pode ter representado um fator positivo, negativo ou neutro (Boyd, 1990) entre o grupo.

As questões que trataram da ocupação exercida nos três momentos diferentes perguntados no questionário eram abertas. Foi colocado pelos migrantes, então, um leque muito extenso de ocupações exercidas, principalmente nos momentos referentes ao Brasil. No exterior, por se inserirem no mercado de trabalho secundário, as ocupações são muito mais restritas, facilitando a comparação entre homens e mulheres. Antes de migrar e após o retorno, no entanto, essa comparação direta se tornou bastante difícil, uma vez que as ocupações declaradas eram muito diferentes entre homens e mulheres. Optamos, contudo, por apresentar em tabelas separadas por sexo os momentos que se referem a informações sobre a ocupação exercida no Brasil, antes e depois de migrar. As ocupações exercidas no exterior serão distribuídas pelos migrantes na mesma tabela, a fim de comparar diretamente os diferenciais por sexo nesse momento da trajetória migratória.

As Tabelas 12 e 13 a seguir distribuem homens e mulheres retornados dos Estados Unidos para Criciúma – SC de acordo com a ocupação exercida antes do início do projeto migratório.

Tabela 12: População migrante masculina retornada segundo ocupação exercida no Brasil antes de migrar
Criciúma, 2001

Ocupações	Distribuição Relativa (%)
	Homens
Desempregado	18,3
Estudante	9,1
Operário da Construção Civil	11,2
Operário de indústrias de mineração	14,2
Balconista	17,3
Outros	29,5
Total (N)	98
Total %	100,0

Fonte: Sales, 2001

O desemprego como reflexo de crises financeira e política no país de origem impulsiona a migração (Sales, 1999; Pessar, 1999). Entre os homens retornados dos Estados Unidos a Criciúma – SC, antes de migrarem, o índice de desemprego era de 18,3% e certamente foi um fator fundamental na tomada de decisão, individual ou familiar, que acabou resultando na migração. Vimos no primeiro capítulo que Criciúma – SC, ao longo do século XX, teve sua economia acelerada por mineradoras de carvão, bem como assistiu a uma grande crise no setor (Assis, 2004). A atividade ainda respira na região e chegou a empregar 14,2% dos homens

que migraram para os Estados Unidos ao longo da década de 90 e retornaram a Criciúma – SC.

É importante afirmar ainda que muitos desses trabalhadores exerciam no Brasil, antes de migrar, ocupações de baixa qualificação – operários da construção civil ou de indústrias mineradoras e de metalurgia, entre outras – que, ao longo das décadas de 80 e 90, foram seriamente afetadas por transformações no mercado de trabalho, não oferecendo mais aos trabalhadores condições satisfatórias de trabalho e estabilidade (Martes, 1999).

Ainda que o desemprego seja alto entre esses homens, é interessante observar que 72,6% deles abandonaram seus postos de trabalho e buscaram num país estrangeiro melhores condições de vida para si e para sua família, através do exercício de ocupações menos valorizadas no Brasil.

Tabela 13: População migrante feminina retornada segundo ocupação exercida no Brasil antes de migrar
Criciúma, 2001

Ocupações	Distribuição Relativa (%)
	Mulheres
Desempregada	10,9
Dona de Casa	8,7
Estudante	13,0
Professora	17,4
Balconista	10,9
Secretária	8,7
Outros	30,4
Total (N)	46
Total %	100,0

Fonte: Sales, 2001

As mulheres retornadas dos Estados Unidos a Criciúma – SC apresentaram uma proporção de desempregadas menor se comparadas aos homens. O exercício das funções mais declaradas entre elas está muito mais ligado à formação escolar do que as declaradas pelos homens retornados. As mulheres, como vimos anteriormente na Tabela 11, são mais qualificadas que os homens e têm mais anos de estudos e tudo isso se reflete no status ocupacional delas principalmente antes de embarcarem no projeto migratório uma vez que, no país de destino, a grande maioria dos migrantes irá se inserir num mercado de trabalho secundário para exercerem funções sem qualquer qualificação (Scudeler, 1999).

Entre as mulheres, a função mais exercida antes da migração para os Estados Unidos era professora (17,4%). A proporção de donas de casa era de 8,7%, o que também pode ser interpretado como um indício de que poucas delas migraram com a intenção única de reunificar a família: 80,4% delas declararam que estavam trabalhando antes de migrar e abandonaram seus postos de trabalho para exercerem no exterior funções menos qualificadas e muito pouco valorizadas no Brasil.

Essa transformação no status ocupacional, do exercício de uma função que exigia alguma preparação para uma sem qualquer qualificação, acontece tanto com homens quanto com mulheres. Veremos mais adiante que essa é uma mudança mais freqüente e radical principalmente entre as mulheres, que acabam se inserindo no mercado de trabalho americano, em grande parte, através da faxina doméstica, tão desvalorizada no Brasil (Martes, 1999).

Seguindo na construção de um panorama do status ocupacional de homens e mulheres ao longo da trajetória migratória, a Tabela 14 apresenta a ocupação exercida pelos retornados nos Estados Unidos. A exemplo de Fusco (2005), apresentaremos essas ocupações agrupadas em categorias que representam as funções mais exercidas por migrantes nos Estados Unidos.

Tabela 14: População migrante retornada segundo ocupação exercida nos Estados Unidos, segundo sexo Criciúma, 2001

Ocupações	Distribuição Relativa (%)		
	Masc	Fem	Total
Babá / Cuidado de Idosos	-	8,6	2,7
Faxina Doméstica	12,2	47,8	23,6
Construção Civil	21,4	-	14,5
Garçom / Ajudante de Cozinha	32,6	21,7	29,1
Outros	33,6	21,7	29,8
Total (N)	98	46	144
Total %	100,0	100,0	100,0

Fonte: Sales, 2001

Segundo Martes (1999),

“(...) as ocupações exercidas pelos imigrantes brasileiros nos Estados Unidos podem ser classificadas em três grupos: 1) trabalhadores de baixa renda; 2) microempresários e trabalhadores autônomos detentores de um ofício; 3) trabalhadores autônomos de baixa qualificação” (Martes, 1999 : 91).

De acordo com a autora, o primeiro grupo seria representado por aqueles trabalhadores sem qualquer vínculo empregatício, com remuneração semanal e em dinheiro, sem qualquer amparo social por parte de seus empregadores e que exerçam funções desprestigiadas e socialmente desvalorizadas pelos nativos. No caso dos criciumenses retornados, os homens se inserem em grande parte nesse grupo: ajudantes de cozinha em restaurantes ou lanchonetes e trabalhadores da construção civil são típicos representantes dessa categoria. Os homens retornados a

Criciúma – SC exerceram em grande proporção (54%) funções com essas características.

Já as mulheres se inserem em maior proporção no que seria o terceiro grupo de ocupações descritas por Martes (1999), cuja característica principal,

“(...) é a forma como os imigrantes concebem suas relações de trabalho: não têm patrões e sim, clientes, para os quais vendem seus serviços e cobram por tarefa e não por horas de trabalho (Martes, 1999 : 99).

Entre as mulheres criciumenses, 47,8% estão envolvidas com a faxina doméstica, um desmembramento do mercado secundário de trabalho americano, dominado por mulheres migrantes, que conta com características próprias e marcantes.

Antes de entrarmos em detalhes sobre essa função tão exercida pelas mulheres migrantes, é importante ressaltar o fato da maioria das ocupações exercidas por migrantes nos Estados Unidos ser desprezadas por nativos, apresentarem baixos salários quando comparados à média nacional americana e não exigirem qualquer qualificação. Ainda com todas essas características, trabalhadores jovens brasileiros se arriscam no projeto migratório dando um novo significado ao exercício dessas funções no exterior (Sales, 1999).

A principal distinção da faxina doméstica nos Estados Unidos é o fato de que os trabalhadores envolvidos possuem um “*business*” de limpeza, o seu próprio negócio. Essa idéia de “negócio” revaloriza as relações entre clientes e empregados e redefine a própria função da faxina doméstica. Segundo Martes (1999):

“Ser faxineira no Brasil é bem diferente daquilo que significa ser faxineira nos Estados Unidos. A percepção dessa diferença é tão clara que os entrevistados afirmam que no Brasil eles jamais se submeteriam a este tipo de trabalho. Nos Estados Unidos, uma faxineira tem tarefas previamente estabelecidas (...) No Brasil, ao contrário, uma faxineira tende a executar as tarefas que a patroa especificar e que comportam desde lavar e passar roupa até cozinhar” (Martes, 1999 : 102).

Entre as retornadas criciumenses, a faxina doméstica representou, ao mesmo tempo, o sucesso do projeto migratório e fator fundamental para a tomada de decisão pelo retorno ao Brasil. Os salários de faxineira nos Estados Unidos, sempre comparados com os recebidos no Brasil, são um motivo alegado por essas mulheres para migrar e para exercer uma função tão desvalorizada no país de origem. Ao mesmo tempo, o exercício da faxina doméstica por professoras, enfermeiras, secretárias, que se prepararam no país de origem para o exercício de uma função específica acaba sendo também um fator de propulsão para o retorno migratório (Pessar, 1999). Entre as verbalizações das entrevistadas, muitas delas fizeram alusão ao retorno migratório no mesmo momento em que respondiam a pergunta relativa à ocupação exercida nos Estados Unidos. “Não estudei para isso” era a colocação mais recorrente entre as mulheres.

Terminando o quadro ocupacional geral ao longo da trajetória migratória, a função exercida no Brasil após o retorno migratório é um indicador de transformações ocorridas na vida dos migrantes após o fim do projeto. As Tabelas 15 e 16 distribuem homens e mulheres de acordo com esse momento final do status ocupacional dos migrantes retornados a Criciúma – SC.

Tabela 15: População migrante masculina retornada segundo ocupação exercida no Brasil após o retorno migratório
Criciúma, 2001

Ocupações	Distribuição Relativa (%)
	Homens
Desempregado	10,2
Proprietário / Empregador	22,4
Operário da Construção Civil	6,1
Operário de indústrias de mineração	4,0
Outros	57,1
Total (N)	98
Total %	100,0

Fonte: Sales, 2001

Em se tratando dos migrantes retornados e da ocupação que exerciam no Brasil no momento da pesquisa de campo, incluímos nas categorias proprietário / empregador, que se refere ao migrante que empregou o dinheiro ganho nos Estados Unidos em algum negócio no Brasil. Desde bares e lanchonetes a lojas e até empresa de táxi, os migrantes retornados aplicaram o dinheiro economizado ao longo do tempo de permanência no exterior no Brasil, em sua cidade natal, concretizando o objetivo primeiro da migração (Sales, 1999; Martes, 1999). Poucos são aqueles que voltaram e permaneceram na mesma ocupação de antes de migrar: os que trabalhavam em Criciúma – SC na construção civil foram reduzidos praticamente à metade e os envolvidos com a mineração passaram de 14,2% (Tabela 12) para 4,0%. A proporção de desempregados também caiu: 18,3% antes de migrar para 10,2% após o retorno migratório. Os homens não passam, portanto, imunes ao processo migratório.

Tabela 16: População migrante feminina retornada segundo ocupação exercida no Brasil após o retorno migratório
Criciúma, 2001

Ocupações	Distribuição Relativa (%)
	Mulheres
Desempregada	6,5
Dona de Casa	17,3
Proprietária / Empregadora	13,0
Professora	13,0
Outros	50,0
Total (N)	46
Total %	100,0

Fonte: Sales, 2001

É importante ressaltar que entre as mulheres retornadas, o leque ocupacional se expandiu muito após o retorno migratório. Muitas das ocupações declaradas antes da migração, como secretária ou balconista, não foram citadas após o retorno migratório. Muitas outras ocupações, e grande parte delas demandam formação acadêmica, foram declaradas, ainda que com valor numérico desprezível na amostra, como advogada, enfermeira ou arquiteta. As mulheres retornadas a Criciúma – SC, portanto, podem ter investido na carreira o dinheiro economizado ao longo da trajetória migratória.

A categoria proprietária/ empregadora também apareceu expressivamente entre as mulheres e elas se dividiram entre proprietárias de restaurantes ou lanchonetes e de oficinas de costura. É claro, portanto, que há o investimento do migrante em alguma área, seja ela a carreira profissional ou a abertura de um negócio na cidade. Uma outra aplicabilidade muito comum do dinheiro economizado ao longo de um processo migratório é justamente a compra de

imóveis na cidade, como no caso de Governador Valadares – MG (Soares, 1995). Infelizmente não contamos com essa informação no nosso banco de dados, mas é provável que o mercado imobiliário, a exemplo de outras cidades que apresentam grandes números de migrantes internacionais, tenha sofrido impactos ao longo da última década.

Mas em que medida esse panorama ocupacional pode ter influenciado no retorno migratório desses homens e mulheres criciumenses? As transformações no plano das funções exercidas têm alguma influência na decisão de retornar?

Segundo Pessar (1999), as mudanças no panorama ocupacional ao longo do processo migratório tanto impulsionam o migrante em potencial ainda no país de origem para a migração quanto exercem uma força inversa e influenciam, ao longo do tempo, o retorno migratório. Segundo a autora, a mudança do exercício de uma função com o mínimo de qualificação para uma que não exige qualquer preparo, mas que remunera relativamente bem quem a exerce é força motriz do início do projeto migratório. Conseguir trabalho facilmente num país como os Estados Unidos que, antes de qualquer característica concreta, permanece no imaginário dos migrantes em potencial como a “terra das oportunidades” é um forte fator de impulsão para migrar.

No caso brasileiro, em nosso entendimento, as redes sociais de parentesco e amizade, associadas a esse imaginário coletivo, acabam exercendo o papel de atração dos migrantes, como se “um puxasse o outro” (Assis, 2005). Dessa maneira, uma professora de primeiro grau ou um operário de indústria mineradora saem de Criciúma – SC direto para os Estados Unidos, mais precisamente para a região de Boston, onde se encontra a grande maioria dos migrantes brasileiros (Sales, 1992; Assis, 1995; Sales, 1999; Martes, 1999; Fusco, 2000). Atraídos justamente pela rápida inserção num mercado de trabalho que oferece “altos salários” (ilusoriamente sempre comparados aos brasileiros) e não exige qualquer

qualificação, esses homens e mulheres se arriscam e justificam toda a sua trajetória baseados nessa ilusão.

Pessar (1999) segue afirmando que, passado o primeiro momento nos Estados Unidos, os migrantes internacionais saídos de países latino-americanos começam a sentir os impactos da migração através do serviço pesado, da saudade de casa, do encontro com uma sociedade tão hostil como a americana. Esse confronto com o processo migratório em si acontece de diferentes maneiras entre homens e mulheres.

Ainda que os homens tendam a permanecer mais tempo no país de destino, expressam mais o desejo de voltar e investem mais dinheiro no país de origem – ainda que esse dinheiro muitas vezes seja aquele ganho pelas mulheres (Pessar, 1999; Boyd, 1998). As mulheres, por sua vez, passam por processos muito diferentes dos homens ao longo da migração, em geral, ligados ao trabalho. Ainda que as mulheres trabalhem no país de origem, nos Estados Unidos, acabam aumentando seus salários em relação aos dos homens ganhando, assim, uma autonomia que dificilmente teriam possibilidades de alcançar no país de origem. O processo de “empoderamento” das mulheres ao longo da trajetória migratória está intimamente ligado ao mundo do trabalho uma vez que, a partir do momento em que as mulheres entram em números absolutos cada vez mais significativos nas correntes migratórias, acabam também tomando o lugar dos homens não apenas nos postos de trabalho, mas dentro dos domicílios e nas relações familiares (Pessar, 1999; Boyd, 1998). Dessa maneira, as mulheres conseguem superar, ainda que através do exercício de uma atividade não qualificada, as estruturas sociais que reproduziam no país de origem (Pessar, 1999).

O tempo prolongado de exercício de funções com essa característica no exterior acaba modificando, no entanto, as expectativas do migrante quanto a sociedade receptora e redefinindo sua identidade cultural de origem. Segundo Sales

(1999) as expectativas temporais dos migrantes vão se modificando a partir do momento em que não conseguem alcançar seus objetivos no curto intervalo de tempo a que se propuseram, durante o planejamento do projeto migratório, ficar nos Estados Unidos. A volta ao Brasil, o retorno – segundo Sayad (2000), “elemento constitutivo da condição do migrante” – vai sofrendo uma série de adiamentos, mas não deixa de sair dos planos de grande parte deles (Martes, 1999).

As transformações por que passam em relação ao status ocupacional ao longo de todo o processo migratório causam diferentes impactos entre homens e mulheres migrantes e influenciam de diferentes maneiras e em diferentes momentos o retorno migratório. Segundo Pessar (1999), os homens sofrem uma perda de autonomia muito grande ligada às diferentes funções exercidas nos Estados Unidos. De acordo com a autora, as atividades não qualificadas e o desemprego crescente entre os homens no país de destino, desde a entrada maciça das mulheres nos fluxos migratórios no fim do século XX, provocam um impacto negativo entre os homens frente ao período nos Estados Unidos. As transformações nas relações de gênero, acarretando reconfigurações das posições de homens e mulheres dentro do domicílio e da família, são verdadeiro motivo de perda da autonomia masculina (Pessar, 1999; Assis, 2005) e conseqüentemente, influenciam a decisão desse grupo pelo retorno.

As mudanças no status ocupacional têm, portanto, um grande peso na decisão masculina pelo retorno migratório. Entre as mulheres, como vimos anteriormente, essas mudanças provocam outros impactos e têm um peso muito diferente se comparado àquele verificado entre os homens.

Segundo Boyd (1990), o projeto migratório - associado às transformações no status ocupacional e à reconfiguração familiar – representa para a maioria das mulheres migrantes nos Estados Unidos um impacto positivo. O processo de “empoderamento”, o ganho de autonomia e a maior participação nas decisões da

família e no domicílio são reflexos dessa mudança no status ocupacional. Ainda que as atividades exercidas sejam aquém de suas capacidades, os salários mais altos que os recebidos no país de origem - e principalmente se comparados aos dos homens no país de destino - alteram a posição dessas mulheres tanto dentro de seus domicílios como entre a comunidade em que convivem nos Estados Unidos e ainda em relação à família que permaneceu no país de origem. Enquanto que o retorno associado às mudanças no status ocupacional é mais evidente entre os homens, as mulheres o associam mais frequentemente, como veremos a seguir, ao casamento e à presença de filhos.

3.3.2 Nupcialidade

“Assim que me casei, tive que voltar”.

(A. C. 37 anos, casada. Faxineira nos Estados Unidos. Professora do ensino fundamental no Brasil. Migrou para os Estados Unidos em 1997 e retornou ao Brasil em 1999).

“Voltei pra formar uma família”

(F. M., 33 anos, casada. Faxineira nos Estados Unidos. Enfermeira no Brasil. Migrou para os Estados Unidos em 1995 e retornou ao Brasil em 2000).

Vimos anteriormente que os homens associam o retorno migratório mais freqüentemente às transformações decorrentes da migração no status ocupacional. Isso acontece graças à relativa perda de autonomia no domicílio e na família frente às mulheres que essas mudanças podem provocar. Esse impacto negativo da migração (Boyd, 1990) ligado diretamente ao status ocupacional é força motriz do retorno migratório no caso dos homens.

As mulheres, por outro lado, assimilam de maneira diferente as transformações no status ocupacional. Ainda que as atividades exercidas no país de destino não sejam aquelas para as quais elas se prepararam, a rápida inserção no mercado de trabalho – frente ao desemprego crescente entre os homens migrantes – e os salários relativamente mais altos – quando comparados aos do país de origem e aos dos homens no país de destino – causam um impacto positivo³⁶ (Boyd, 1990) nessas mulheres, que passam a ter mais autonomia dentro do domicílio e mais peso nas decisões familiares.

A que essas mulheres atribuem, então, o retorno migratório? Por que voltaram?

³⁶ Há as mulheres que migram exclusivamente para acompanhar seus familiares. Nesse caso, segundo Boyd (1990), a migração causaria nelas um impacto neutro, uma vez que elas permanecem reproduzindo as mesmas relações de gênero do país de origem.

Segundo Pessar (1999) três são as esferas que influenciam, de maneiras desiguais, o retorno migratório de homens e mulheres: o status ocupacional, a nupcialidade e a presença de filhos. No caso das mulheres, as transformações no campo da ocupação provocam, geralmente, impactos positivos, ganho de autonomia e um certo “empoderamento” (Pessar, 1999; Boyd, 1998; Assis, 2004). Ainda que o exercício prolongado de uma atividade desvalorizada e desprestigiada tanto no país de origem quanto de destino seja um motivo freqüentemente alegado pelas mulheres para justificar o retorno migratório, não podemos atribuir entre as mulheres o mesmo peso que tem essa esfera de influência entre os homens.

A nupcialidade, como veremos a seguir, é uma esfera diferencial entre as mulheres. Uma mulher solteira pode, através do casamento, sofrer influência para retornar ao país de origem, ou ainda permanecer no país de destino. Tudo isso dependerá do momento em que se deu esse casamento e se o cônjuge partilha ou não da mesma nacionalidade (Pessar, 1999).

No caso da população migrante retornada a Criciúma – SC, poderemos observar que as transformações na nupcialidade foram significativas, principalmente entre as mulheres. A Tabela 17 apresenta o estado civil dos retornados no momento da primeira viagem ao exterior.

Tabela 17: População migrante retornada segundo estado civil no momento da primeira viagem ao exterior segundo sexo
Criciúma, 2001

Estado Civil	Distribuição Relativa (%)		
	Masc	Fem	Total
Solteiros	52,0	54,3	52,7
Casados/ União Estável	45,9	39,1	43,7
Separados/ Divorciados/ Desquitados	2,0	4,3	2,7
Viúvos	-	2,1	0,6
Total (N)	98	46	144
Total %	100,0	100,0	100,0

Fonte: Sales, 2001

No momento da primeira viagem ao exterior, tanto homens quanto mulheres se encontravam solteiros. As mulheres até em maior proporção que os homens. Esse seria mais um indício de que as mulheres não migraram em sua maioria para a reunificação familiar que até o fim da década de 90 era o principal motivo para a migração feminina para os Estados Unidos (Pessar, 1999; Boyd, 1998). Ao contrário: o alto índice de mulheres solteiras aponta para o fato de que a maioria delas entrou no projeto migratório por conta própria. O índice de mulheres casadas também é alto: 39,3% das mulheres migraram casadas, ainda que, como vimos na Tabela 1, elas não tenham migrado em companhia de seus cônjuges. Entre as mulheres, é importante notar ainda que o peso entre as separadas, divorciadas ou desquitadas é maior do que entre os homens. Segundo Pessar (1999), a migração se apresenta muitas vezes como uma saída para as mulheres que passaram por processo de término de um casamento ou de uma relação estável.

O que é mais importante notar do que o estado civil dos migrantes retornados a Criciúma – SC no momento da primeira viagem ao exterior é se esse status de nupcialidade sofreu transformações ao longo da trajetória migratória. São essas transformações que poderão influenciar de maneiras distintas homens e mulheres em direção ao retorno migratório. Para tanto, a Tabela 18 a seguir distribui os migrantes em relação ao estado civil no momento da pesquisa de campo.

Tabela 18: População migrante retornada segundo estado civil no momento da pesquisa de campo, segundo sexo
Criciúma, 2001

Estado Civil	Distribuição Relativa (%)		
	Masc	Fem	Total
Solteiros	36,7	39,1	37,5
Casados/ União Estável	61,2	54,3	59,0
Separados/ Divorciados/ Desquitados	2,0	4,3	2,7
Viúvos	-	2,1	0,6
Total (N)	98	46	144
Total %	100,0	100,0	100,0

Fonte: Sales, 2001

A Tabela 18 acima apresenta as transformações no panorama referente à nupcialidade ao longo da trajetória migratória dos migrantes retornados a Criciúma – SC. Podemos observar que, entre as mulheres, a proporção entre solteiras e casadas se inverteu. Entre os homens, o peso dos casados ou envolvidos numa união estável também é muito superior não somente em relação aos solteiros, mas entre os casados no momento da primeira viagem ao exterior. É fato que a trajetória migratória provocou impactos também nessa esfera. Mas para sabermos a dimensão exata desse impacto, é necessário saber se essas transformações se deram durante o

projeto migratório ou após o retorno, já no Brasil. E é nesse momento que podemos observar mais um marcante diferencial por sexo entre homens e mulheres.

Os homens retornados a Criciúma – SC se casaram, em sua grande maioria, após um intervalo de tempo de mais de um ano após o retorno migratório, todos com mulheres brasileiras. As mulheres, por outro lado, casaram-se assim que se deu o retorno migratório e 74,3% delas casaram com homens brasileiros que conheceram durante o período de estadia nos Estados Unidos.

Justamente por esse fato é que muitas delas, em seus questionários, declaram que voltaram ao Brasil para se casar. Segundo Pessar (1999) esse é um comportamento comum: o casamento, representando a constituição de uma família, é muito mais freqüentemente realizado no país de origem do que no de destino. E as mulheres são as grandes responsáveis pelo retorno migratório influenciado pelas transformações no status de nupcialidade.

“Conhecer um companheiro conterrâneo no país de origem e optar pelo casamento, muitas vezes indica para essas mulheres o fim da aventura migratória e acena para a formação de uma família no país de origem, ao lado daqueles que foram deixados no momento da viagem ao exterior³⁷” (Pessar, 1999: 154).

As transformações ao longo de toda a trajetória, relativas ao casamento, portanto, têm mais peso entre as mulheres, que acabam optando pelo retorno migratório não só delas, mas também dos companheiros com quem irão se casar assim que retornarem ao país de origem. Outro indício do peso das transformações na nupcialidade entre as mulheres é o fato de muitas delas terem declarado que estenderam o tempo de permanência nos Estados Unidos quando decidiram se casar no Brasil para poderem juntar mais dinheiro e casar, como afirma uma delas:

³⁷ Tradução livre da pesquisadora

“como manda o figurino” (R.P. 30 anos, casada; faxineira nos Estados Unidos; professora do ensino médio no Brasil. Migrou para os Estados Unidos em 1999 e retornou ao Brasil em 2001).

3.3.3 Presença de Filhos

“Voltei por causa dos meus filhos. Faria tudo de novo se fosse preciso”.

(M. C., 38 anos, casada. Ajudante de cozinha nos Estados Unidos. Dona de casa no Brasil. Migrou para os Estados Unidos em 1995 e retornou em 1999).

A terceira esfera de influência no retorno migratório, segundo Pessar (1999), se refere à presença de filhos nas famílias migrantes. O principal motivo para migrar, como vimos anteriormente, está sempre ligado a fatores econômicos, como trabalhar no exterior para juntar uma quantia que possa ser investida no país de origem (Sales, 1999). Ao longo dessa jornada, no entanto, o projeto vai sofrendo alterações, tanto devidas a mudanças no status ocupacional, quanto a mudanças relativas à nupcialidade, ou à decepção com o país de destino, ou às dificuldades de adaptação, ou às saudades do país de origem, ou, como veremos a seguir, à presença de filhos.

Segundo algumas autoras estudiosas de fluxos migratórios de países em desenvolvimento em direção aos Estados Unidos, o projeto migratório causado por motivos econômicos tem as suas expectativas projetadas em toda a família, na esperança de que tudo aquilo que se conseguir economizar será investido no país de origem em nome de todos do núcleo familiar (Pessar, 1999; Boyd, 1998; Piselli, 1998). A partir do momento em que a família, independente de ter migrado junto ou não, conta com a presença (e o peso) de uma criança, mudam as expectativas em

relação ao projeto migratório e em relação principalmente ao retorno migratório (Pessar, 1999; Boyd, 1998).

Ainda que o acesso aos serviços públicos (principalmente escolas e hospitais) seja considerado pelos migrantes como simples e de excelente qualidade, a presença de uma criança na família transforma algumas expectativas em relação ao projeto migratório. Segundo Pessar (1999), educar uma criança num país estrangeiro, afastada de grande parte de sua família que permaneceu no país de origem, pode acarretar uma série de conseqüências indesejáveis. A mais temida pelos pais é justamente a criança se afastar da cultura de seu país de origem e perder, aos poucos, os vínculos com a família. É fato que os adolescentes da segunda geração de migrantes muitas vezes nem pensam na possibilidade de viver no país de origem de seus pais (Sales, 2004). Nos Estados Unidos eles têm emprego, têm dinheiro e se consideram mais livres (ainda que sejam, muitas vezes, ilegais³⁸).

“Essa contradição entre os projetos de retorno (ainda que sem uma data específica) dos pais e as novas expectativas dos filhos, muitas vezes, de permanência definitiva nos Estados Unidos, muitas vezes, acabam servindo de impulso para o retorno migratório da família para o país de origem³⁹” (Pessar, 1999: 164).

Veremos, a seguir, como se comportam os migrantes retornados a Criciúma – SC em relação à presença de filhos associada ao retorno migratório. É importante saber quantos deles têm filhos, em que momento tiveram esses filhos – se antes, durante ou após o projeto migratório – e que idade têm esses filhos, até mesmo para que se possa analisar em que medida a carga de membros da família (no caso,

³⁸ Sobre a legitimação da condição clandestina ver Sales (1999).

³⁹ Tradução livre da pesquisadora

exclusivamente os filhos) sobre o chefe do domicílio (ou pelo responsável por essa tomada de decisão) pode ter condicionado o retorno migratório (Lyra, 2003).

Segundo os dados do *survey* aplicado em Criciúma – SC, 47,3% dos homens retornados tinham pelo menos um filho quando migraram para os Estados Unidos; entre as mulheres, esse índice é de 52,4%. Dentre esses filhos, 87,5% deles tinham menos de 10 anos. É de se esperar que os migrantes que já tinham filhos no momento da primeira viagem ao exterior fossem pais de crianças menores de 10 anos, já que a grande maioria do grupo migrante tem entre 20 e 34 anos, como observamos na Tabela 4.

Ao longo do projeto migratório, durante o tempo de permanência nos Estados Unidos, 12,5% dos homens declararam o nascimento de pelo menos um filho, enquanto que 6,7% das mulheres retornadas a Criciúma – SC declararam que tiveram filhos nos Estados Unidos. Essa informação, no entanto, é diferencial para homens e mulheres não apenas nos índices. Os filhos desses homens que declararam o nascimento durante o período de estadia nos Estados Unidos não necessariamente são nascidos no exterior. No caso das mulheres, aquelas que declararam que tiveram filhos durante o período nos Estados Unidos, sem exceção, tiveram seus filhos em condição ilegal no exterior. Daí podemos justificar a grande diferença entre as proporções de homens e mulheres que tiveram filhos durante o tempo de permanência nos Estados Unidos.

Outra informação importante diz respeito ao nascimento de filhos após o retorno migratório: 89,7% das mulheres retornadas declararam que tiveram filhos após o retorno, e, entre essas, 100,0% daquelas que se casaram no Brasil logo após retornarem dos Estados Unidos tiveram filhos até 2 anos após a data do casamento. Entre os homens, a proporção de filhos nascidos após o retorno é bem menor se compararmos às mulheres: 27,3%. Isso porque, muitos deles, deixaram o Brasil com filhos e tiveram outros ao longo da trajetória migratória.

É importante ainda agregar algumas informações complementares para podermos ter uma noção mais ampla das trajetórias migratórias desses retornados e em que medida a presença de filhos pode ter influenciado o retorno migratório.

Vimos anteriormente, no início desse terceiro capítulo, que o fluxo que parte de Criciúma – SC, em direção aos Estados Unidos ganha força principalmente nos três últimos anos da década de 90. É justamente nesse período que se concentra o maior número de viagens também entre os retornados, revelando, então, que o tempo de permanência desse grupo no exterior foi de, no máximo, 3 anos.

A grande maioria deles (82,4%) está na faixa etária de 20 a 34 anos, caracterizando uma população jovem. Aqueles que saíram do Brasil já com filhos, obviamente, eram pais de crianças menores de 10 anos. A maior parte dos filhos desses migrantes retornados, no entanto, nasceu após o retorno migratório, principalmente entre as mulheres que, como vimos anteriormente, voltaram ao Brasil para se casar.

Todo esse quadro, associado às informações diretas sobre a presença de filhos nas famílias de migrantes retornados, é que poderá indicar se o retorno migratório foi ou não influenciado por essas variáveis e, se foi, em que medida se deu essa influência; e se foi ou não diferencial entre homens e mulheres.

Segundo Pessar (1999), a presença de filhos, terceira esfera de influência no retorno migratório, é a mais difícil de se captar e, ao mesmo tempo, aquela que mais tem peso, principalmente entre as mulheres. Segundo a autora, a presença de filhos menores de 10 anos impulsiona grande parte dos migrantes em direção ao retorno migratório. Isso se dá principalmente devido ao desejo de constituir família e criar os filhos próximos às suas origens. Como medir, no entanto, variáveis tão subjetivas, principalmente contando com um banco de dados que não foi elaborado a fim de responder a questões como essas?

Para tanto, nos utilizaremos de outros recursos, como a carga de filhos sobre o chefe do domicílio, utilizada por Lyra (2003), que se apóia em Burch (1976), em sua análise do retorno do fluxo interno brasileiro do Estado de Pernambuco para o Estado de São Paulo. Contando com dados censitários, Lyra (2003) adota a família como unidade migratória, enfocando o grupo social ligado por elos familiares formadores de redes sociais. O responsável pela decisão pelo retorno, nesse caso seria o chefe da família. Segundo a autora,

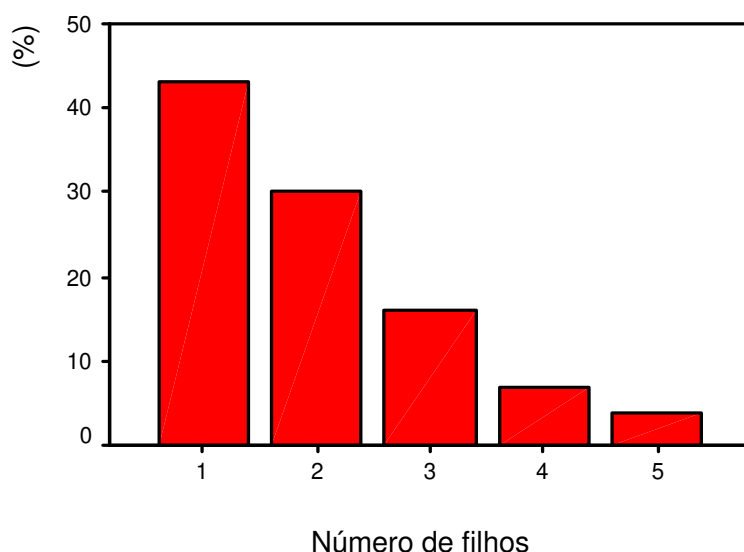
“Nesse sentido, considerou-se que duas condições básicas repercutem no grau de autonomia ou de dependência do chefe de família, interferindo na decisão de migrar, seja ele próprio, seja da família: de um lado, considerou-se que o tamanho da família atribui ao chefe uma carga, que lhe confere um maior ou menor grau de autonomia (...); de outro lado, entendeu-se que o número de crianças até 14 anos e o número de membros da família idosos representam uma dependência em relação ao chefe de família” (Lyra, 2003 : 168).

Estendendo as condições definidas por Lyra (2003) ao fluxo de retorno dos Estados Unidos para Criciúma – SC, podemos afirmar que tanto o tamanho da família quanto o número de crianças menores de 14 anos representam interferências no grau de autonomia do migrante influenciando dessa maneira o retorno migratório. Não tomaremos, no entanto, a família como entidade coletiva do fluxo migratório, como fez Lyra (2003). Tratamos do indivíduo migrante em sua posição dentro do domicílio como unidade definidora, embora saibamos que, muitas vezes, não são os chefes de família os responsáveis isoladamente pelas decisões tomadas no domicílio. A quantidade de filhos, portanto, é um elemento chave na decisão do migrante pelo retorno. O Gráfico 2, a seguir, apresenta a distribuição do número de filhos desses migrantes.

Gráfico 2

Migrantes retornados segundo quantidade de filhos

Criciúma, 2001



Fonte: Sales, 2001.

Nota-se que a maioria dos migrantes tem 1 ou 2 filhos. Sabemos que grande parte desses filhos já era nascida e menor de 10 anos quando se deu a primeira viagem do pai ou da mãe para o exterior. Essas crianças, nascidas antes do início do projeto migratório, em sua maioria (56,7%), permaneceram no Brasil, não migrando junto com os pais. Segundo Lyra (2003), os filhos não-migrantes representam uma carga mais expressiva para os chefes de família, principalmente no momento da tomada de decisão pelo retorno migratório. No caso dos criciumenses, acreditamos, não foi diferente. Os filhos nascidos no Brasil e que não migraram junto com os pais representam um fator de forte influência que impulsiona o retorno migratório. Muitas são as verbalizações de homens e mulheres presentes nos questionários em relação aos filhos que ficaram no Brasil. As mais frequentes, no entanto, justificam todo o projeto migratório através dos

filhos. Essas são algumas das verbalizações presentes nos questionários referentes à pergunta sobre presença de filhos⁴⁰:

“Fui e voltei por causa do meu filho”

(R.F. 39 anos, casado, ajudante de cozinha nos Estados Unidos; pedreiro no Brasil. Migrou para os Estados Unidos em 1997 e retornou em 2000).

“Fui para juntar dinheiro e criar minha filha quando voltar”

(L. C., 33 anos, casada, faxineira nos Estados Unidos; secretária no Brasil. Migrou para os Estados Unidos em 1997 e retornou para o Brasil em 2001).

O banco de dados não nos permite a realização de uma análise a exemplo de Lyra (2003), que contou com os dados de censos demográficos brasileiros. Nossos dados, no entanto, apontam para a forte influência sofrida pelos migrantes que tinham filhos, principalmente aqueles que ficaram no Brasil, no momento da decisão pelo retorno.

A terceira esfera de influência definida por Pessar (1999) também é fortemente presente entre os migrantes retornados dos Estados Unidos a Criciúma – SC, principalmente entre as mulheres. Mesmo aquelas que não tinham filhos quando migraram, optaram por voltar ao Brasil para se casarem e terem seus filhos. Ainda que a ocorrência desses eventos esteja intimamente ligada com o cumprimento do que é definido na demografia como “ciclo de vida”, a opção pelo cumprimento desse ciclo no Brasil é que aponta para a forte influência tanto do casamento quanto da presença de filhos, principalmente entre as mulheres, nos migrantes retornados criciumenses.

⁴⁰ Ao lado das respostas, muitas vezes a pedido dos entrevistados, os entrevistadores anotavam essas falas dos migrantes retornados.

Considerações Finais

A migração de brasileiros para os Estados Unidos já se apresenta como um fenômeno duradouro e multifacetado da população brasileira. Em quase 30 anos de fluxo migratório, assistimos ao engrossamento das correntes, à formação de redes sociais, ao aumento do número de cidades de onde partem os migrantes, enfim, a diversas transformações que colaboraram com a complexidade do fenômeno.

Nos últimos anos do século XX, no entanto, uma grande mudança marcou o fluxo de brasileiros para os Estados Unidos. A entrada das mulheres cada vez em maior número absoluto nas correntes migratórias causa impactos em diversas esferas do fluxo e reconfigura as relações de trabalho, familiares e até mesmo as ligações entre os países de origem e destino (Assis, 2004).

Muitas são as faces a serem estudadas ao longo da trajetória migratória. Buscamos, no entanto, um recorte que fornecesse novas informações e que contribuísse com o avanço dos estudos migratórios de brasileiros nos Estados Unidos.

O retorno migratório, primeiro recorte de nosso objeto, é uma dessas faces ainda pouco exploradas pelos pesquisadores por se tratar, dentro de um fenômeno recente como a migração internacional de brasileiros, de um evento que vêm sendo observado nos últimos cinco anos de fluxo. Tomamos, então, o retorno migratório, de acordo com Sayad (2000) como “parte constituinte da condição do migrante”. No caso dos brasileiros nos Estados Unidos, o retorno é uma parte fundamental do projeto migratório, faz parte das expectativas temporais da trajetória, antes mesmo do migrante deixar o seu país de origem (Sales, 1999).

Dessa forma, recortamos o fluxo que parte da cidade de Criciúma – SC em direção aos Estados Unidos: homens e mulheres que se arriscaram nesse projeto migratório e retornaram ao Brasil são a base do nosso trabalho.

Por que migraram? Qual a estratégia utilizada? Por que retornaram ao Brasil? Quais as mudanças ocorridas ao longo de todo o projeto migratório? Essas mudanças têm diferenciais entre homens e mulheres?

Essas foram as perguntas que buscamos responder ao longo desse trabalho. Muitas foram as dificuldades encontradas, principalmente no que se refere aos dados utilizados. Nossa amostra é relativamente pequena, o que nos impede de realizar qualquer generalização em relação a outros fluxos de brasileiros em direção aos Estados Unidos. A pesquisa de campo realizada em Criciúma – SC, em 2001, não foi pensada com o propósito de analisar o retorno migratório, nos obrigando a adaptar os dados utilizados às perguntas que nos fizemos nos primeiros momentos de realização desse trabalho.

Tratamos exclusivamente, portanto, do fluxo de brasileiros que partiram da cidade de Criciúma – SC em direção aos Estados Unidos e que retornaram ao Brasil.

O ponto de partida da nossa análise foi justamente o retorno migratório e em que condições se deu esse retorno, quais os seus principais condicionantes e em que medida esses condicionantes influenciaram, de maneira diferencial, homens e mulheres.

De acordo com Pessar (1999), três são as esferas de variáveis que podem influenciar a decisão dos migrantes por retornar ao país de origem: as mudanças no status ocupacional, a nupcialidade e a presença de filhos. Segundo Pessar (1999) e algumas outras autoras que analisaram diferentes fluxos migratórios de países em desenvolvimento em direção aos Estados Unidos e ao Canadá (Boyd, 1998; Piselli, 1998), dados qualitativos e quantitativos indicaram que homens e mulheres retornam ao país de origem condicionados por essas esferas de variáveis, de diferentes maneiras e em diferentes momentos. As motivações de homens e

mulheres para retornar, ainda que circulem em torno dessas esferas, apresentam diferenciais marcantes.

Retomando a teoria dessas autoras, vimos que os três diferenciais atuam de diferentes maneiras e em diferentes momentos entre homens e mulheres. Segundo Pessar (1999), o grande condicionante do retorno masculino ao país de origem se encontra na esfera das transformações no status ocupacional dos migrantes. Essas transformações estão ligadas tanto ao exercício de uma atividade desvalorizada no país de origem e de destino quanto à entrada em números absolutos cada vez maiores das mulheres nos fluxos migratórios.

As transformações na esfera ocupacional apresentam entre os homens, então, duas faces diferentes. A primeira delas está diretamente ligada ao fato de as atividades exercidas nos Estados Unidos por migrantes sejam aquelas desprezadas tanto pelos nativos americanos quanto pela população do país de origem que foi deixado para trás. Essa mudança de status causa, entre os homens, grande insatisfação e o retorno migratório é, em grande medida, justificado por esses migrantes através dessa mudança (Pessar, 1999).

A segunda face das transformações na esfera ocupacional entre os homens está ligada, segundo algumas autoras (Pessar, 1999; Boyd, 1998; Martes, 1999) à entrada das mulheres nos fluxos migratórios ao fim dos anos 90. O fato das mulheres passarem a se arriscar nas correntes migratórias em busca de trabalho e não somente para acompanhar familiares é talvez a transformação mais marcante no cenário das novas migrações internacionais (Assis, 2004). O número cada vez maior de mulheres que migram em direção aos Estados Unidos causa uma série de mudanças de posições tanto no que se refere ao status ocupacional (de ambos os sexos) quanto a relações familiares e de gênero.

As mudanças no status ocupacional de ambos os sexos, segundo Pessar (1999), se deve principalmente ao fato de que as mulheres vêm dominando algumas

esferas masculinas no mercado secundário de trabalho americano. O desemprego crescente entre os homens migrantes e a entrada maciça das mulheres nesse mercado é um forte indício de que as mulheres vêm realmente tomando algumas posições antes ocupadas somente por homens, quando elas participavam dos fluxos migratórios no papel da reunificação familiar exclusivamente (Pessar, 1999; Boyd, 1998).

A partir do momento em que as mulheres passam a competir com os homens no mercado de trabalho americano, se transformam as relações tanto de trabalho quanto dentro da família, envolvendo inclusive aqueles que foram deixados no país de origem (Boyd, 1998). As mulheres passam a participar mais ativamente das decisões familiares a partir do momento que contribuem mais no aspecto econômico no âmbito domiciliar.

Na intersecção entre essas duas faces da esfera das transformações do status ocupacional dos migrantes, tanto homens quanto mulheres, se encontra o que seria, para essas autoras, o grande diferencial nesse âmbito entre ambos os sexos. A migração representa, entre os homens, perda da autonomia que tinham nos países de origem, tanto nas relações de gênero quanto nas relações familiares, impulsionando assim o retorno migratório em busca da autonomia e da posição perdidas ao longo da trajetória migratória.

Ao mesmo tempo, as mulheres sentem um certo “empoderamento” uma vez que passam a participar mais efetivamente da vida familiar e do domicílio, além de ganharem mais autonomia e independência através do trabalho (Boyd, 1998). Mesmo aquelas mulheres que trabalhavam no país de origem passam por esse processo de “empoderamento” uma vez que ele se dá em dois sentidos: ao mesmo tempo em que as mulheres ganham autonomia, os homens a perdem, o que reforça os diferenciais por sexo no âmbito das transformações no status ocupacional (Pessar, 1999; Boyd, 1998).

No caso de Criciúma – Santa Catarina, não observamos os mesmos efeitos definidos por Pessar (1999) e Boyd (1998) das transformações no status ocupacional entre homens e mulheres. É fato que há mudanças e que elas causam impactos. O que pudemos captar através dos dados disponíveis, no entanto, é que essas mudanças não representam necessariamente um impacto positivo entre as mulheres e negativo entre os homens. O banco de dados nos oferecesse toda a trajetória de ambos os sexos em relação ao status ocupacional, do início do projeto migratório até o retorno a Criciúma – SC. Observamos que as mudanças existem e que têm diferenciais entre os sexos, mas não necessariamente a entrada das mulheres no fluxo migratório representou perda de autonomia masculina ou causou, ao longo de todo o projeto, um impacto negativo entre os homens.

Para aprofundar a questão das transformações no status ocupacional como condicionante diferencial do retorno migratório de homens e mulheres, associaremos os dados apresentados no capítulo três a trajetórias de alguns migrantes retornados dos Estados Unidos para Criciúma – Santa Catarina. O panorama ocupacional, do início ao fim da trajetória migratória, associado a outras variáveis do banco de dados, ampliando as esferas propostas por Pessar (1999) e Boyd (1998), poderá fornecer condicionantes do retorno migratório que se apresentam além das esferas definidas por Pessar (1999) e Boyd (1998).

Os Quadros 1 e 2 a seguir ilustram a trajetória de dois grupos de migrantes retornados: o primeiro de homens e o segundo de mulheres. Associaremos à esfera do status ocupacional, outras variáveis que atuam como possíveis condicionantes do retorno migratório para observarmos em que medida a teoria de Pessar (1999) e Boyd (1998) é aplicável ao caso de Criciúma – Santa Catarina e de que maneira esses outros condicionantes atuam no retorno migratório de homens e mulheres.

Quadro 1: Possíveis condicionantes do retorno migratório dos Estados Unidos para Criciúma - Homens.
Criciúma, 2001

Iniciais	Idade	Ocupação exercida no Brasil antes de migrar	Ocupação exercida nos EUA	Ocupação exercida após o retorno	Tempo de Permanência nos EUA	Remessas de dinheiro para o Brasil
G. S.	34	desempregado	Ajudante de cozinha	Comerciante	4 anos	Para manter a família
V. A.	39	Pedreiro	Pintor	Comerciante	2 anos	Não enviou
R. P.	42	Minerador	Ajudante de cozinha	Pedreiro	6 anos	Para investimentos
L. G.	33	Minerador	Pedreiro	Pedreiro	5 anos	Para manter a família
M. C.	40	Advogado	Ajudante de cozinha	Advogado	3 anos	Não enviou

Fonte: Sales, 2001

Podemos observar no Quadro 1, referente aos homens, que, além da trajetória ocupacional completa, outros possíveis condicionantes podem ter influenciado a decisão pelo retorno migratório. Uma das principais particularidades entre os retornados a Criciúma – SC em relação a outros fluxos migratórios de brasileiros nos Estados Unidos, como o caso de Governador Valadares – Minas Gerais (Assis, 1995; Sales, 1999; Fusco, 2000) ou ainda em comparação com os brasileiros que se dirigem a Miami – Flórida (Capuano, 2004) é o fato de as expectativas temporais aparentemente não sofrerem alterações ao longo da trajetória. Os exemplos exibidos no quadro um apontam para esse caminho: aqueles que não enviaram dinheiro ao Brasil nem para manter a família e nem para investimentos, permaneceram menos tempo no país de destino. Por outro lado, aqueles que remeteram dinheiro seja para investimentos seja para manter a família, permaneceram mais tempo nos Estados Unidos, mas retornaram também assim que

consideraram alcançados seus objetivos. No caso de outros fluxos, os migrantes, por diversos motivos como o receio de perder o dinheiro que economizaram nos Estados Unidos ou o próprio medo de não se adaptarem, acabam estendendo o tempo no país de destino. Não observamos essa transformação ao longo da trajetória migratória no caso de Criciúma. O tempo de permanência médio dos homens retornados nos Estados Unidos é de 3,6 anos.

A principal discussão em relação aos homens e as transformações no status ocupacional ao longo de toda a trajetória migratória, no entanto, está ligada ao fato de que os homens, segundo Pessar (1999) e Boyd (1998) sofrem um impacto negativo ao longo do processo. Vimos anteriormente que esse impacto está ligado, também, a transformações nas relações de gênero. Não pudemos aprofundar a análise do fluxo de Criciúma em direção aos Estados Unidos nesse plano, mas podemos afirmar que, ao longo da trajetória migratória e apenas no que se refere a mudanças de status ocupacional, os homens retornados criciumenses não sofreram esse impacto negativo: o desemprego após terminada a trajetória diminuiu entre esses homens e alguns deles conseguiram, através do dinheiro economizado no Brasil, montar um negócio ou comprar um imóvel.

Não queremos afirmar, com isso, que o projeto da migração para os Estados Unidos é sinônimo de sucesso. O que pretendemos é justamente discutir que retorno não necessariamente significa o fracasso masculino, como descreve a bibliografia internacional. Os homens criciumenses aparentemente não sofreram impactos negativos, de uma maneira geral, ao longo da trajetória migratória.

O Quadro 2 apresenta a trajetória de algumas das mulheres criciumenses que migraram para os Estados Unidos e retornaram ao Brasil.

Quadro 2: Possíveis condicionantes do retorno migratório dos Estados Unidos para Criciúma - Mulheres.
Criciúma, 2001

Iniciais	Idade	Ocupação exercida no Brasil antes de migrar	Ocupação exercida nos EUA	Ocupação exercida após o retorno	Tempo de Permanência nos EUA	Remessas de dinheiro para o Brasil
T. M.	35	Professora	Faxineira	Comerciante	3 anos	Para manter a família
C. P.	28	Auxiliar de enfermagem	Ajudante de cozinha	Enfermeira	1 ano	Não enviou
C. M.	29	Do lar	Faxineira	Comerciante	2 anos	Para investimentos
M. F.	32	Professora	Faxineira	Do lar	2 anos	Não enviou
A. C.	30	Desempregada	Faxineira	Cabelereira	4 anos	Para investimentos

Fonte: Sales, 2001

Associando os exemplos do Quadro 2 aos dados discutidos no capítulo 3, podemos observar que o tempo de permanência das mulheres, em relação ao dos homens, é menor. Esse é o primeiro diferencial que aponta para outros caminhos nas trajetórias de homens e mulheres cricumenses em relação àquelas observadas por Pessar (1999). Segundo a autora, o ganho de autonomia e maior participação feminina nas decisões familiares e do domicílio ao longo da trajetória migratória estendem o período de permanência das mulheres fora do seu país de origem. Entre as retornadas cricumenses não observamos isso: o tempo médio de permanência delas nos Estados Unidos é menor do que o observado entre os homens: 2,7 anos.

Vimos também que os grandes condicionantes do retorno migratório feminino estão ligados mais à nupcialidade e à presença de filhos do que em relação a transformações no status ocupacional.

De acordo com os dados disponíveis em nosso banco de dados, as mulheres migraram, em maior proporção até que os homens, solteiras. Terminada a trajetória migratória, pudemos observar que a proporção se inverteu: no momento da

pesquisa de campo, a maior parte delas declarou estar casada. O importante, no entanto, é saber em que momento se deu esse casamento e se ele tem alguma relação com o retorno migratório.

Pudemos observar que sim. Os dados mostraram que grande parte das mulheres retornadas (e casadas) conheceu seus cônjuges ao longo da trajetória, e optaram por retornar ao Brasil para o casamento e para a constituição de uma família ao lado daqueles que foram deixados no momento da primeira viagem ao exterior. Muitas delas, ainda, acabam por estender o tempo nos Estados Unidos antes de voltar ao Brasil, justamente para economizarem dinheiro suficiente para as despesas do casamento.

Os homens também apresentaram um aumento em relação à proporção de casados. No entanto, pudemos observar que eles não se casaram logo após o retorno migratório. As mulheres, por outro lado, voltam ao Brasil para o casamento, como algumas delas declararam nos questionários. O grande diferencial entre homens e mulheres em relação a transformações na nupcialidade não está exatamente na passagem por essas mudanças. Em relação a todo o grupo, o número de casados aumenta no fim da trajetória migratória. Entre as mulheres, no entanto, o casamento acaba servindo de trampolim para o retorno migratório. O fato de encontrar, ao longo da trajetória migratória, um companheiro conterrâneo e optar pelo casamento, na maioria dos casos das mulheres retornadas a Criciúma – SC, indicou o fim da trajetória migratória e o retorno ao Brasil.

A terceira esfera de variáveis definidas por Pessar (1999), que influenciam de maneiras distintas homens e mulheres na decisão pelo retorno migratório, é a presença de filhos. Tanto os homens quanto as mulheres retornados a Criciúma – SC demonstraram a influência da presença de filhos quanto ao retorno migratório.

Dentre todas as esferas definidas como influência no retorno migratório, o peso da presença de filhos é o que se apresenta com maior dificuldade de

mensuração. Procuramos, no entanto, verificar em que medida a quantidade de filhos e em que momento se deu o nascimento desses filhos pode ter condicionado o retorno migratório dos criciumenses que partiram em direção aos Estados Unidos.

Dessa maneira, verificamos que grande parte deles já deixou o Brasil tendo filhos menores de 10 anos de idade e que a grande parte desses filhos permaneceu no Brasil ao longo de toda a trajetória migratória de seus pais. A entrada num fluxo migratório como o de brasileiros nos Estados Unidos é quase que em sua totalidade justificada pelos migrantes através de aspectos econômicos. E essa expectativa, de através do trabalho economizar uma quantia em dinheiro e investi-la no Brasil, é estendida aos filhos desses migrantes, uma vez que o investimento será concretizado em nome de todo o núcleo familiar (Pessar, 1999; Boyd, 1998; Piselli, 1998). A presença de um filho na família, portanto, muda as expectativas dos migrantes em relação ao projeto migratório. Segundo Lyra (2003), os filhos não-migrantes representam uma carga mais expressiva para os chefes de família, principalmente no momento da tomada de decisão pelo retorno migratório.

Se os filhos migraram junto com os pais, existe a preocupação com a criação desses filhos, ainda que o acesso aos serviços públicos nos Estados Unidos, principalmente em relação a escolas e hospitais, seja considerado pelos migrantes como simples e de boa qualidade. A proximidade com o restante da família que não entrou no projeto migratório bem como com a cultura do país de origem se mostram também como preocupações desses pais (Pessar, 1999; Boyd, 1998; Piselli, 1998). Não podemos afirmar, no entanto, através do banco de dados disponíveis, que essas preocupações influenciaram o retorno migratório dos criciumenses.

Podemos afirmar, por outro lado, que essa esfera de influência é presente no retorno migratório dos Estados Unidos para Criciúma – SC através do momento de nascimento desses filhos. E há diferenciais por sexo nessa influência. Vimos

anteriormente que as mulheres optam pelo retorno migratório influenciadas por mudanças no status de nupcialidade. Dessa maneira, a totalidade das mulheres que se casaram tiveram filhos no Brasil até dois anos após a data declarada do casamento.

É fato que todas essas transformações, principalmente aquelas referentes a transformações na nupcialidade e relativas a presença de filhos estão ligadas à noção de “ciclo de vida”. Atentamos, no entanto, para o fato da opção, principalmente das mulheres, pelo cumprimento desse ciclo no país de origem, ainda que, nos Estados Unidos, elas tenham um aumento da autonomia nas relações de trabalho e também nas relações familiares.

O que é mais importante afirmar, nesta discussão, é que o retorno migratório dos Estados Unidos para Criciúma – Santa Catarina, apresenta condicionantes que agem sobre os migrantes homens e mulheres de diferentes maneiras e em diferentes intensidades. Não necessariamente esses condicionantes estão ligados exclusivamente àqueles definidos por Pessar (1999) e Boyd (1998). No fluxo migratório que parte de Criciúma há uma ampliação dessas esferas de variáveis que apresentam outros condicionantes embutidos, como o envio de remessas para o Brasil, que além de fortalecer os laços entre os que migraram e os que permaneceram (Martes, 2004), “prendem” o migrante de maneira concreta no país de origem, uma vez que o dinheiro economizado nos Estados Unidos, fruto maior desse fluxo migratório, está aplicado no Brasil, seja para investimentos, seja para manter a família.

Os diferenciais por sexo estão presentes a todo momento ao longo da trajetória migratória dos cricumenses. Desde as variáveis ligadas à seletividade do migrante (a idade, a escolaridade, por exemplo) até aquelas que condicionam o retorno migratório de homens e mulheres, como a trajetória ocupacional ou mudanças na nupcialidade ao longo do processo. Os impactos negativos ou

positivos da migração, ligados também a transformações das relações de gênero, não estão ao alcance do nosso banco de dados de maneira plena. Mas podemos afirmar que o fluxo de Criciúma – Santa Catarina em direção aos Estados Unidos apresenta particularidades em relação a outros fluxos de brasileiros e também em relação a outros fluxos de países em desenvolvimento em direção a países desenvolvidos, como os observados por Pessar (1999) e Boyd (1998).

Referências Bibliográficas

ASSIS, G. *Estar aqui... Estar lá... Uma cartografia da vida entre dois lugares*. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1995.

_____. *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros*. Tese de Doutorado apresentada ao programa de pós-graduação na Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.

BASSANEZI, M. S. C. “Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico”. In: *Seminário de Emigração e Imigração no Brasil Contemporâneo*. São Paulo. Programa de Avaliação e Acompanhamento das Migrações Internacionais, 27 a 29/09/1994.

BICALHO, J. V. *Yes, eu sou Brazuca*. Governador Valadares. Ed. Ibituruna, 1989.

BILAC, E. D. “Gênero, família e migrações internacionais”. In: *Seminário de Emigração e Imigração no Brasil Contemporâneo*. São Paulo. Programa de Avaliação e Acompanhamento das Migrações Internacionais, 27 a 29/09/1994.

BORJAS, G. J. & TIENDA, M. (ed.) *Hispanics in the U.S. Economy*. Nova York. Academic Press, 1985.

BORJAS, G. J. *Friends of strangers: the impact of immigrants on the U.S. economy*. Nova York. Basic Books, 1990.

BOYD, M. “Family and Personal Networks in international migration: recent developments and new agendas”. In: *International Migration Review*, nº 23, 1990.

_____. “Female migrant labor in North America: trends and issues for the 1990s”. In SIMMONS, A. (ed.) *International migration, refugee flows and human rights in North America: the impact of trade and restructure*. Nova York. Center of migration studies, 1998.

- _____. “Gender issues in immigration and language fluency”. In: CHISWICK, B. R. *Immigration, language and ethnicity: Canada and the United States*. Washington. American Enterprise, 2002.
- _____. “Adding gender: immigration trends and language fluency issues in Canada and the United States”. In: *International Migration Review*, nº 25, 1996.
- BRITO, F. “Os povos em movimento – as migrações internacionais no desenvolvimento do capitalismo”. In PATARRA, N. L. (coord.) *Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo*. Campinas. FNUAP, 1995.
- CARVALHO, J. A. M. “O saldo dos fluxos migratórios internacionais do Brasil na década de 80 – uma tentativa de estimação”. In: *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 13, nº 1, 1996.
- CASTRO, M. G. (coord.) *Mulheres latino-americanas e caribenhas na migração bibliográfica comentada*. Salvador, 1989.
- _____. “Latinos nos Estados Unidos: unindo Américas, fazendo a América de lá ou perdendo a nossa América?” In: ADORNO, S. (org) *A Sociologia entre a Modernidade e a Contemporaneidade*. Porto Alegre. Editora UFRGS, 1995.
- CHIN, C. B. N. *In service and servitude: foreign female domestic workers and the Malaysian ‘modernity’ project*. Nova York. Columbia University Press, 1998.
- DIAS, J. B. *Entre partidas e regressos: tecendo relações familiares em Cabo Verde*. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade de Brasília, 2000.
- DeBIAGGI, S. *From Minas to mass: a qualitative study os five brazilian families in Boston*. Dissertação de Mestrado defendida na Boston University, 1992.
- _____. “Mudança e crise na redefinição de papéis: as mulheres brasileiras lá fora”. In *Travessia*. São Paulo. Número especial sobre mulheres, 1996.
- FLEISHER, S. R. *Passando a América a limpo: o trabalho de housecleaners brasileiras em Boston, Massachusetts*. São Paulo. Editora Annablume, 2002.
- _____. “Cooperação e competição entre emigrantes brasileiras”. In: *Travessia*. São Paulo, v. 14, nº 41, 2001.

FUSCO, W. *Redes sociais na migração internacional: o caso de Governador Valadares*. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de pós-graduação da Universidade Estadual de Campinas, 2000.

_____. “As redes sociais nas migrações internacionais: migrantes brasileiros para os Estados Unidos e Japão”. In: *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 19, nº 1, 2002.

_____. *Capital Cordial: a reciprocidade entre os imigrantes brasileiros nos Estados Unidos*. Tese de Doutorado apresentada ao programa de pós-graduação da Universidade Estadual de Campinas, 2005.

GEORGES, E. “Gender, class and migration on the Dominican Republic women’s experience”. In: GLICK-SCHILLER, N. & BLANC-SZANTON, L. *Toward transnational perspective on migration*. Annals of the New York Academy of Sciences, v. 645, 1992.

GOZA, F. “A imigração brasileira na América do Norte”. In: *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*. Campinas, janeiro de 1992.

_____. “Brazilian Immigrants in North América”. In: *International Migration Review*, v. 28, nº1, 1994.

GRIECO, E. M. & BOYD, M. *Women and migration: incorporating gender into international migration theory*. Center of Study of Population. Florida State University, 1998.

KAWAMURA, L. *Para onde vão os brasileiros*. Campinas. Editora Unicamp, 1999.

HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. São Paulo. Editora Loyola, 1993.

HIRANO, F. Y. *O caminho para casa: o retorno dos dekasseguis*. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de pós-graduação da Universidade Estadual de Campinas, 2005.

JELIN, E. “Migration and labor force participations of american women”. In: *Signs – Journal of women in culture and society*. Chicago, 1997.

- LEON, T. *Clandestinos: aventuras verídicas de um guia de imigrantes ilegais nas fronteiras americanas*. Rio de Janeiro. Domínio Público, 1996.
- MARGOLIS, M. *Little Brazil: an ethnography of brazilian immigrants in New York City*. New Jersey. Princeton University Press, 1994.
- _____. *A new ingredient in the melting pot: Brazilians in New York City*. New Jersey. Princeton University Press, 1989.
- _____. “Women in international migration, the case of Brazilians”. In: *Annals of Changing Perspectives on women in Latin America and Caribbean*, New York University, 1992.
- MARTES, A. C. B. *Imigrantes brasileiros em Massachusetts*. Tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação da Universidade de São Paulo, 1998.
- _____. Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts. São Paulo. Editora Paz e Terra, 1999.
- _____. “Trabalhadoras brasileiras em Boston”. In: *Travessia* São Paulo. Número especial sobre mulheres, 1996.
- _____. “Novas tramas, novos dramas: o emigrante brasileiro negro nos Estados Unidos”. In: *Anais da ANPOCS*, 2004.
- MARTES, A. C. B. & FLEISCHER, S. “Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 19 nº 55, 2003.
- MASSEY, D. *et al.* “The Social organization of migration”. In: *Return to Aztlan – the social process of international migration from Western Mexico*. Berkeley, University of California Press, 1990.
- MONTEIRO, J. A. R. *Estados Unidos: um retrato político das migrações internacionais*. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de pós-graduação da Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- OLIVEIRA, A. C. *Bienvenido a Miami: a inserção dos imigrantes brasileiros nos Estados Unidos da América Latina*. Tese de Doutorado apresentada ao programa de pós-graduação da Universidade Estadual de Campinas, 2004.

- PATARRA, N. L. & BAENINGER, R. “Migrações internacionais recentes: o caso do Brasil”. In: PATARRA, N. L. (coord.) *Emigração e Imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. Campinas, FNUAP, 1995.
- PESSAR, P. “The alusive enclave – Ethnicity, class and nationality among Latino Entrepreneurs in the great Washington D.C”. In: *Human Organizer Journal*, v. 54, nº 4, 1995.
- _____. “The role of gender, households and social networks in the migration process: a review and appraisal”. In: DEWIND, J. HIRSCHAMN, C. & KASINITZ, P. (orgs) *Becoming American / America Becoming*. New York. Russel Sage Foundation, 1999.
- _____. “Engendering migration studies: the case of new immigrants in the United States”. In: *The American Behavioral Scientist*, v. 42, nº 4, 1999.
- PIORE, P. *Birds of Passage: migrante labor and industrial societies*. Cambridge. Cambridge University Press, 1979.
- PISELLI, F. “Mulheres migrantes: uma abordagem a partir das teorias de redes”. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, nº 50, 1998.
- PORTES, A. *The economic sociology of immigration: essays on networks, ethnicity and entrepreneurship*. Nova York. Russell Sage Foundation, 1995.
- REIS, R. R. & SALES, T. *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo. Editora Boitempo, 1999.
- SALES, T. “Novos fluxos migratórios da população brasileira”. In: *Revista Brasileira de Estudos de População*, v.8, nº ½, 1991.
- _____. “Imigrantes estrangeiros, imigrantes brasileiros: uma revisão bibliográfica e algumas anotações para pesquisa”. In: *Revista Brasileira de Estudos de População*, v.8, nº ½, 1991.
- _____. “Brasil migrante, Brasil clandestino”. In: *São Paulo em Perspectiva*, v.8, nº 1, 1994.
- _____. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo. Editora Cortês, 1999.

- SALES, T. & LOUREIRO, M. “Imigrantes brasileiros adolescentes e de segunda geração em Massachusetts, EUA”. In: *Anais do XIV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Populacionais*, 2004.
- SASSEN, S. *The Mobility of Labor and Capital*. Nova York. Cambridge University Press, 1979.
- SAYAD, A. “Retorno: Elemento constitutivo da condição do imigrante”. In: *Travessia*. São Paulo. Ano XIII, número especial, 2000.
- SOARES, W. *Imigrantes e Investidores: redefinindo a dinâmica imobiliária na economia valadarense*. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de pós-graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.
- TILLY, C. *Reconsidered Transplanted Networks*. In: MAC-LAUGHLIN, Y. V. *Immigration*. New Oxford University, 1990.